

ANAIS

# SEMINÁRIO NACIONAL

Juventudes e o bem viver:  
diversidade cultural  
e cuidado com a vida.



# SEMINÁRIO NACIONAL

Juventudes e o bem viver:  
diversidade cultural  
e cuidado com a vida.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP - Brasil)**

S471

Seminário Nacional Juventudes e o Bem Viver (1.:2024: Goiânia, GO)

Anais do Seminário Nacional Juventudes e o Bem Viver: diversidade cultural e cuidado com a vida / organização dos Anais Luis Duarte Vieira; organização do seminário Aldiceia Costa da Silva... [et al.]. Goiânia: CAJUEIRO, 2024.

133 p. : il. color.

Publicação digital (e-book) no formato PDF.

Seminário realizado no período de 29 de outubro a 11 de dezembro de 2021 organizou 12 Grupos de Trabalho para refletir sobre a realidade juvenil com enfoque na educação, projeto de vida, religião, trabalho, cultura e diversidades.

ISBN: 978-65-01-22539-5

1. Juventude – Educação. 2. Juventude – Aspectos sociais. 3. Juventude – Aspectos culturais. 4. Seminário. I. Vieira, Luis Duarte. II. Silva, Aldiceia Costa da. III. Teixeira, Carmem Lúcia.

CDD 370.193

## **ORGANIZAÇÃO DO SEMINÁRIO**

Aldiceia Costa da Silva  
Alessandra Miranda de Souza  
Ms. Aurisberg Leite Matutino  
Ms. Carmem Lúcia Teixeira  
Dr. Flávio Munhoz Sofiati  
Dr. José Elias Domingos Costa Marques  
Dra. Jozane Santiago  
Ms. Luis Duarte Vieira  
Mariana da Silva Borges  
Dr. Mauro Costa Rodrigues  
Dra. Sandra Maria de Oliveira  
Ms. Vanildes Gonçalves dos Santos  
Verônica Michelle Gonçalves  
Dra. Sandra Maria de Oliveira  
Ms. Vanildes Gonçalves

## **ORGANIZAÇÃO DOS ANAIS**

Luis Duarte Vieira (UEG)

## **DIAGRAMAÇÃO**

Lannder Cunha de Freitas

## **ILUSTRAÇÕES**

Aurisberg Leite Matutino

## **COORDENADORES DOS GRUPOS DE TRABALHO - GTS**

### **GT 1 - JUVENTUDES E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: ESTADO, DEMOCRACIA E LUTA POR DIREITOS**

#### **Coordenadores:**

Dr. José Elias Domingos  
Dr.<sup>a</sup> Heloisa Dias Bezerra

## **GT 2 - JUVENTUDES E EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS: ESPIRITUALIDADE E REALIDADE JUVENIL**

### **Coordenadores:**

Dr. Flávio Munhoz Sofiati

Ms. Joilson Souza Toledo

Dr. Rezende Bruno Avelar

## **GT 3 - JUVENTUDES, VIOLÊNCIA E VULNERABILIDADE SOCIAL**

### **Coordenadores:**

Dr. Dijaci David de Oliveira

Dra. Mariana Corrêa Azevedo

Ms. Dallys de Dantas Souza

## **GT 4 - JUVENTUDES, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL**

Coordenadores:

Dr.<sup>a</sup> Flávia Cassimiro

Dr. Paulo Brito do Prado

## **GT 5 - JUVENTUDES, EDUCAÇÃO E PANDEMIA: TDIC'S E EXCLUSÃO SOCIAL**

### **Coordenadores:**

Dr.<sup>a</sup> Rosane Castilho

Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira

## **GT 6 - JUVENTUDES E EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DO NOVO ENSINO MÉDIO: BNCC, ITINERÁRIOS FORMATIVOS E EJA**

### **Coordenadores:**

Dr.<sup>a</sup> Sandra Maria de Oliveira

Dr. Dr. Vinicius Oliveira Seabra Guimarães

## **GT 7 - JUVENTUDES, TRABALHO E PANDEMIA: REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA, UBERIZAÇÃO E PRECARIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO**

### **Coordenadores:**

Dr. Nildo Silva Viana

Dr. Leonardo Venicius Parreira Proto

## **GT 08 - JUVENTUDES E PROJETO DE VIDA: TRAJETÓRIAS E RELAÇÕES SOCIAIS**

Coordenadores:

Rezende Bruno Avelar

José Ivaldo Araújo de Lucena

## **GT 09 - JUVENTUDES DO CAMPO: TERRA, TRABALHO E IDENTIDADES**

Coordenadora:

Dr.<sup>a</sup> Sandra Maria de Oliveira

## **GT 10 - JUVENTUDES QUILOMBOLAS E INDÍGENAS: CULTURA, TERRITORIALIDADES E RESISTÊNCIA**

Coordenadores:

Ms. Marta Quintiliano

Ms. Júlio Kamêr Ribeiro Apinajé

## **GT 11 - JUVENTUDES MIGRANTES E ITINERANTE: MOVIMENTOS IDENTITÁRIOS E RELAÇÕES ÉTNICAS**

Coordenadores:

Ms. Sérgio Roberto Jorge Alves

Ms. Marcelo Antônio Lemos

## **GT 12 - CULTURAS JUVENIS E ESPAÇOS SOCIAIS: LUTAS POR RECONHECIMENTO E COLETIVOS DA PERIFERIA**

Coordenadores:

Ms. Thaisa da Silva Ferreira

Dr. Mauro Costa Rodrigues

## **REALIZAÇÃO:**



# SUMÁRIO

**APRESENTAÇÃO . . . . .12**

**PROGRAMAÇÃO DO SEMINÁRIO. . . . .14**

**GT 1 - JUVENTUDES E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: ESTADO, DEMOCRACIA E LUTA POR DIREITOS. . . . .17**

**1. A FORMAÇÃO DE MINIPÚBLICOS COMO MECANISMO DE ESCUTA E DIÁLOGO COM CRIANÇAS E JOVENS EM UM CONTEXTO DE CONSTRUÇÃO E POLÍTICAS URBANAS . . . . . 18**

**2. A CONCEPÇÃO DE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA PARA ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE JOÃO PESSOA . . . . .19**

**3. ORIENTAÇÕES TEÓRICO -METODOLÓGICAS PARA FORMULAÇÃO E QUALIFICAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE A PARTIR DO 16º CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS (CBAS) . . . . .20**

**4. JUVENTUDE E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NA GUINÉ-BISSAU . . . . .22**

**5. A INSERÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA SOCIEDADE ATRAVÉS DO ESPORTE E SUAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCENTIVO . . . . .23**

**6. O PROCESSO DE OCULTAMENTO DOS JOVENS DO MOVIMENTO JUVENIL NA COBERTURA DA CRISE POLÍTICA DE 1992 REALIZADO PELA REVISTA VEJA . . . . .24**

**7. DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA NO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS DA CIDADE DE UNAÍ-MG . . . . .26**

**8. JUVENTUDE E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA: #NÓSPORNÓS, A IMPORTÂNCIA DE OCUPAR ESPAÇOS DE DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. . . . .27**

9. JUVENTUDES E PARTICIPAÇÃO: UM OLHAR PARA AS PERCEPÇÕES DE JOVENS SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO NO CONSELHO MUNICIPAL DE JUVENTUDE DE BLUMENAU – SC . . . . .	28
--	----

**GT 2 - JUVENTUDES E EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS: ESPIRITUALIDADE E REALIDADE JUVENIL . . . . . 30**

1. CATOLICISMO EM GOIÂNIA: EDUCAÇÃO RELIGIOSA NA PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA. . . . .	31
2. DANÇA NA TERRA SAGRADA. . . . .	31
3. COSTURANDO SONHOS À LUZ DO PROJETO DE VIDA: A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ DE ADOLESCENTES E JOVENS NA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS . . . . .	32
4. O LUGAR DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NA ESCOLA E NA ESCOLARIZAÇÃO DOS JOVENS A PARTIR DOS ESTUDOS SOBRE RELIGIÃO E JUVENTUDE. . . . .	33
5. A JORNADA DE OMOAWO. . . . .	35
6. O TEMPO PRESENTE NOS PEDE UM MOMENTO DE DESERTO (Mc 6,30-32). . . . .	35
7. A PASTORAL DA JUVENTUDE CATÓLICA NUM CONTEXTO DE PLURALISMO RELIGIOSO. . . . .	36
8. PERSPECTIVAS E DILEMAS DO FENÔMENO RELIGIOSO VOCACIONAL JUVENIL CATÓLICO. . . . .	37
9. REEXISTIR E ESPERANÇAR: PRÁTICAS DE LETRAMENTOS NA PASTORAL DA JUVENTUDE DE GUARULHOS-SP. . . . .	38
10. “VOCÊS TÊM ALGO PARA COMER?”: UM OLHAR SOBRE PASTORAL DA JUVENTUDE A PARTIR DO PLANO DE AÇÃO 2021-2023. . . . .	40
11. “E VÓS, QUEM DIZEIS QUE EU SOU?”: EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS DOS SEM RELIGIÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES ÀS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS. . . . .	41

**GT 3 - JUVENTUDES, VIOLÊNCIA E VULNERABILIDADE SOCIAL . . . 43**



1. JUVENTUDES NEGRAS E JUVENICÍDIO: UMA DISCUSSÃO DE RAÇA. . .	44
2. APRENDIZAGEM NA/COM AS PRÁTICAS DE SOCIOEDUCAÇÃO: O SER E O FAZER NO COTIDIANO. . . . .	45
3. A QUESTÃO DO ABUSO SEXUAL JUVENIL NA CLÍNICA PSICANALÍTICA . . . . .	46
4. O EXTERMÍNIO DA JUVENTUDE NEGRA: AS CHACINAS EM BELÉM UM ELEMENTO DE RACISMO ESTRUTURAL. . . . .	47
5. A QUESTÃO SOCIAL E A JUVENTUDE NO PROCESSO DE TRANSIÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO (1926-1945) . . . . .	48
6. TEMPOS DIVERGENTES: A SOCIOEDUCAÇÃO ENTRE A NORMA E O COMUM . . . . .	49
7. BAHIA NO AR: ENDEREÇAMENTO, CRIMINALIZAÇÃO DA JUVENTUDE NEGRA E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA NO TELEJORNAL DA MANHÃ . . . .	50
8. DESAPARECIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES E AS POLÍTICAS DE ACOLHIMENTO . . . . .	52

#### **GT 4 - JUVENTUDES, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL . . . . . 54**

1. ROLÊS DE JOVENS ESTUDANTES E UNIVERSITÁRIOS NA CIDADE DE GOIÁS: GIRO ETNOGRÁFICO, ALGUMAS IMPRESSÕES E ITINERÁRIOS DA PESQUISA EM ANTROPOLOGIA SOCIAL . . . . .	55
2. DESCONSTRUINDO ESPAÇOS HEGEMÔNICOS: A EXPERIÊNCIA DA DISCIPLINA MULHERES E IGUALDADE DE GÊNERO NOS CURSOS DE ENGENHARIA DA UFG . . . . .	56
3. O COMITÊ ESTADUAL DE ENFRENTAMENTO À LGBTFOBIA – COMELLG E AS PAUTAS ANTIGÊNERO DA BASE GOVERNISTA DE GOIÁS. . . . .	58
4. COMO A FALTA DA EDUCAÇÃO SEXUAL E SOCIAL CORROBORA PARA A EXCLUSÃO E INCOMPREENSÃO DAS NOÇÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL. . . . .	59

## **GT 5 - JUVENTUDES, EDUCAÇÃO E PANDEMIA: TDIC'S E EXCLUSÃO SOCIAL . . . . . 61**

- 1. JUVENTUDES DO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS (COVID-19) . . . . . 62**
- 2. DAS AULAS REMOTAS AO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO: DILEMAS ENFRENTADOS PELOS JOVENS-ESTUDANTES BRASILEIROS NA PANDEMIA DA COVID-19. . . . . 63**
- 3. DESMOTIVADOS, ESFORÇADAS, E VULNERABILIZADOS: UM OLHAR HETEROGÊNEO PARA OS JOVENS EVADIDOS DA ESCOLA. . . . . 65**
- 4. DESIGUALDADE E PANDEMIA: AS DIFICULDADES NO ACESSO À EDUCAÇÃO DE ESTUDANTES EM VULNERABILIDADE SOCIAL. . . . . 67**
- 5. ESTADO DO CONHECIMENTO DE TRABALHOS DE PÓS-GRADUAÇÃO SOBRE JUVENTUDES NA ÁREA DA EDUCAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL (2000 – 2020). . . . . 69**
- 6. “EU DIRIA QUE NÃO ME SINTO PREPARADA PARA ESSE NOVO MUNDO”: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DOS JOVENS EM RELAÇÃO AS PERSPECTIVAS NA TRANSIÇÃO DA ESCOLA PARA O TRABALHO. . . . . 70**
- 7. A EXCLUSÃO SOCIAL ESCOLAR NA PANDEMIA: A REALIDADE DA JUVENTUDE CARENTE DE POLÍTICAS PÚBLICAS. . . . . 72**

## **GT 6 - JUVENTUDES E EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DO NOVO ENSINO MÉDIO: BNCC, ITINERÁRIOS FORMATIVOS E EJA. . . . . 74**

- 1. CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: a proposta da BNCC. . . . . 75**
- 2. A EDUCAÇÃO EM MOÇAMBIQUE/ÁFRICA. . . . . 76**
- 3. ACOMPANHAMENTO DA IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA MODALIDADE EJA-TEC NO ESTADO DE GOIÁS de 2021 a 2023. . . . . 77**
- 4. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E REFORMA ENSINO MÉDIO. . . . . 78**

5. DISTINÇÃO ENTRE ENSINO REMOTO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: DESAFIOS E DIFICULDADES. .... 79

6. EDUCAÇÃO E PANDEMIA: CONTEXTO ESCOLAR DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO SANTA MARTA – SANTA MARIA/RS ..... 81

**GT 7 - JUVENTUDES, TRABALHO E PANDEMIA: REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA, UBERIZAÇÃO E PRECARIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO ..... 83**

1. A IMAGEM DA JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE ..... 84

2. A PERGUNTA PELO SUJEITO: JUVENTUDE ENTRE ESTUDOS E TRABALHO NA PANDEMIA ..... 85

3. ALIENAÇÃO E FORMAÇÃO ESCOLAR ..... 86

4. JUVENTUDE E DESEMPREGO: IMPACTOS DA CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL EM TEMPOS DE PANDEMIA ..... 87

5. PANDEMIA E ESCOLARIZAÇÃO DA JUVENTUDE ..... 88

6. JUVENTUDE E TRABALHO NO CAPITALISMO NEOLIBERAL ..... 89

7. JOVENS ENTREGUES A PRECARIZAÇÃO, INFORMALIDADE E PERIGOSA ATRATIVIDADE DO TRABALHO SOB-DEMANDA ..... 90

8. ENTRE O CORPO E A CAIXA REGISTRADORA: A REALIDADE DAS JOVENS TRABALHADORAS DE SUPERMERCADO ..... 92

9. O MERCADO DE TRABALHO INFORMAL FACE AO PROCESSO CIVILIZADOR ..... 93

**GT 08 - JUVENTUDES E PROJETO DE VIDA: TRAJETÓRIAS E RELAÇÕES SOCIAIS ..... 94**

1. PROJETO DE VIDA DOS JOVENS “BATALHADORES BRASILEIROS”: UMA TESSITURA FAMILIAR ..... 95

2. AS ETAPAS DOS DIÁLOGOS FOCADOS NA PASTORAL JUVENIL MARISTA NO PROCESSO DO PROJETO DE VIDA. .... 96

<b>3.</b> IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NOS PROJETOS DE VIDA DAS JUVENTUDES DO ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE ENTRE ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS NO ESTADO DE SÃO PAULO . . . . .	<b>97</b>
<b>4.</b> PROJETO DE VIDA NA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE SANTA CATARINA: COMPROMISSO COM AS JUVENTUDES. . . . .	<b>98</b>
<b>5.</b> PROJETO DE VIDA: UMA TECEDURA DA PROTEÇÃO À VIDA DE ADOLESCENTES E JOVENS. . . . .	<b>100</b>
<b>6.</b> JUVENTUDES E PERSPECTIVAS DE FUTURO: UMA SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS. . . . .	<b>101</b>
<b>7.</b> UNIVERSIDADE: LUGAR DE CONSTRUÇÃO DE PROJETO DE VIDA. . . . .	<b>103</b>
<b>8.</b> AMOR COMO ÉTICA NA CONSTRUÇÃO DE PROJETOS DE VIDA À JUVENTUDE NO RIO GRANDE DO SUL. . . . .	<b>104</b>
<b>9.</b> REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA EM CONTRAPONTO COM A CULTURA DO BEM VIVER. . . . .	<b>105</b>
<b>10.</b> EDUCAÇÃO CATÓLICA E PROJETO DE VIDA: PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO. . . . .	<b>107</b>

**GT 09 - JUVENTUDES DO CAMPO: TERRA, TRABALHO E IDENTIDADES . . . . . 108**

<b>1.</b> OS PLANOS PLURIANUAIS E AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE RURAL NO BRASIL. . . . .	<b>109</b>
<b>2.</b> ÊXODO RURAL DA JUVENTUDE NA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL: sonhos e estratégias por melhor qualidade de vida. . . . .	<b>110</b>
<b>3.</b> A BIOCONSTRUÇÃO COMO PRÁTICA EDUCATIVA: A EXPERÊNCIA FORMATIVA DAS OFICINAS OFERECIDAS PELO TEIA DOS POVOS E O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA NO ASSENTAMENTO TERRA VISTA, ARATACA-BA. . . . .	<b>110</b>

**GT 10 - JUVENTUDES QUILOMBOLAS E INDÍGENAS: CULTURA,**

## **TERRITORIALIDADES E RESISTÊNCIA. . . . . 112**

**1. LUTAR, RESISTIR E CONSTRUIR: O MOVIMENTO NACIONAL DOS/DAS ESTUDANTES INDÍGENAS E QUILOMBOLAS E OS SEUS DESAFIOS NA DEFESA DA PERMANÊNCIA. . . . . 113**

**2. ESTAMOS NO MESMO MAR, MAS NÃO ESTAMOS NO MESMO BARCO: A VULNERABILIDADE DOS QUILOMBOLAS NA PANDEMIA DA COVID-19. . . . . 114**

## **GT 11 – JUVENTUDES MIGRANTES E ITINERANTE: MOVIMENTOS IDENTITÁRIOS E RELAÇÕES ÉTNICAS. . . . . 116**

**1. DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA ESCOLA: EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE GOIÂNIA. . . . . 117**

**2. MIGRAÇÕES E DEMANDAS POR EDUCAÇÃO INTERCULTURAL EM RORAIMA. . . . . 118**

## **GT 12 - CULTURAS JUVENIS E ESPAÇOS SOCIAIS: LUTAS POR RECONHECIMENTO E COLETIVOS DA PERIFERIA. . . . . 120**

**1. NINGUÉM TIRA O TRONO DO ESTUDAR – O direito à educação na perspectiva de um projeto de educação popular pós médio.. . . . . 121**

**2. UM OLHAR PARA ALÉM DA SUPERFÍCIE: REPRESENTAÇÕES DA JUVENTUDE EM CENÁRIOS DE VIOLÊNCIA URBANA. . . . . 122**

**3. O USO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS PELA JUVENTUDE FUNKEIRA NA REGIÃO DO BAIXO CENTRO DE BELO HORIZONTE. . . . . 123**

**4. RODAS DE CONVERSAS: UMA INVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA QUE AS APRENDIZAGENS SE DÊEM PELA TROCA DE SABERES. . . . . 124**

**5. JOVENS ENTREGUES A PRECARIZAÇÃO, INFORMALIDADE E PERIGOSA ATRATIVIDADE DO TRABALHO SOB-DEMANDA. . . . . 126**

**6. “RETOMAR O QUE É NOSSO POR DIREITO” : JOVENS POETAS E A OCUPAÇÃO DA CIDADE A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DO POETRY SLAM. . . . . 128**

# APRESENTAÇÃO

Seminário como parte de um caminho

*Faz escuro mas eu canto,  
porque a manhã vai chegar.  
Vem ver comigo, companheiro,  
a cor do mundo mudar.  
Vale a pena não dormir para esperar  
a cor do mundo mudar.  
Já é madrugada,  
vem o sol, quero alegria,  
que é para esquecer o que eu sofria.  
Quem sofre fica acordado  
defendendo o coração.  
Vamos juntos, multidão,  
trabalhar pela alegria,  
Amanhã é um novo dia.*

**Thiago de Melo**

O Seminário Nacional acontece em um tempo escuro e sem luz, porém hoje escrevendo a apresentação, podemos nos juntar com o poeta Thiago de Melo para dizer que amanhã é um novo dia. Queremos que nos caminhos das juventudes haja madrugadas de esperança e por isso, estamos realizando atividades de formação em Rede para que possamos cultivar a alegria de um novo amanhecer com vida plena.

O Seminário Nacional “Juventudes e o Bem Viver: Diversidade Cultura e o Cuidado com a Vida” aconteceu de 29 de outubro a 11 de dezembro de 2021. O evento consistiu na união de duas atividades distintas, uma que seria realizada pela Rede Caminhos de Esperança e outra que seria realizada pelo Observatório Juventudes na Contemporaneidade. A união dessas duas atividades permitiu uma junção maior de grupos e entidades, para que em rede se fortaleça ações de defesa da vida. Essa proposta faz parte de um programa de formação iniciado em 2020, o qual seguirá até 2023. Sua tarefa é a de reunir lideranças jovens e adultas na construção do Bem Viver.

Para organizar o Seminário vários grupos se envolveram, permitindo a realização de várias atividades, as Conferências e os Grupos de Trabalho.

No dia 05 de novembro, na primeira Conferência, debatemos os “Os 15 Anos da Lei Maria da Penha: Avanços e outras Possibilidades e Efetividade da

Lei no combate ao Femicídio” com a ajuda Tabata Tesser. Socióloga, mestrande em Ciência da Religião na PUC/SP, integrante da equipe das Católicas pelo Direito de Decidir e militante da Pastoral da Juventude de São Paulo.

Já no dia 18 de novembro, na segunda Conferência, debatemos “O Racismo Estrutural e seus Impactos na Vida dos/as Jovens” com Felipe Freitas. Doutor em Direito pela UNB, professor universitário, participante de movimentos negros contra o racismo e militante da Pastoral da Juventude.

Além das Conferências, o Seminário organizou 12 Grupos de Trabalho que ajudaram a refletir sobre a realidade juvenil sobre muitos olhares e recortes como educação, projeto de vida, religião, trabalho, cultura, diversidades.... O Seminário promoveu, sobretudo nos Grupos de Trabalho, diálogos sobre as realidades das juventudes e as estratégias de proteção e cuidado com a vida desses sujeitos e sujeitas. Neste material, você encontra os resumos das apresentações realizadas nos Grupos de Trabalho.

Este material que apresentamos a você é um esforço coletivo de muitas pessoas do Brasil que se inscreveram para produzir suas reflexões sobre juventudes e dialogar em grupos. Outras pessoas pesquisadoras dos temas também se colocaram neste caminho para poder escutar e sugerir caminhos. Então, estes ANAIS, são uma fonte de inspiração para que as pessoas possam ler e buscar caminhos para o diálogo na construção do bem viver.

Nossa gratidão a todas as pessoas, grupos, entidades e instituições que em Rede permitiram realização deste Seminário. Como diz o poeta, vamos juntos/as porque “amanhã é um novo dia” e neste dia o Bem Viver precisa ser plenamente verdade para todos e todas.

**Carmem Lúcia Teixeira e Luis Duarte Vieira,**

Pela equipe de organização do Seminário

## PROGRAMAÇÃO DO SEMINÁRIO

### Seminário Nacional Juventudes e o bem viver: diversidade cultural e cuidado com a vida

**Objetivo:** Promover diálogos sobre as realidades das juventudes e as estratégias de proteção e cuidado com a vida desses sujeitos esujeitas.

## CONFERÊNCIAS

**05/11**

### **OS 15 ANOS DA LEI MARIA DA PENHA: AVANÇOS E OUTRAS POSSIBILIDADES E EFETIVIDADE DA LEI NO COMBATE AO FEMINICÍDIO.**

**Conferencista:** Tabata Tesser.

Socióloga, Mestranda em Ciência da Religião, PUC/SP e da equipe de Católicas pelo Direito de Decidir.

**Mediação:** Bruno Costa, PJ/Pará e Juliana Ajala, PJ/São Paulo

**18/11**

### **O RACISMO ESTRUTURAL E SEUS IMPACTOS NA VIDA DOS/AS JOVENS.**

**Conferencista:** Felipe Freitas.

Doutor em direito pela Universidade de Brasília, professor do Programa de Pós-Graduação em Direito Constitucional do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP) e pesquisador do Núcleo de Justiça Racial e Direito da FGV SP.

**Mediação:** Aldiceia Costa, PJ/Espírito Santo e Rillary Carvalho, PJ/Minas Gerais

## GRUPOS DE TRABALHO

**27/11 - das 8h30 às 12h00**

### **GT 1- JUVENTUDES E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: ESTADO, DEMOCRACIA E LUTA POR DIREITOS**

**Coordenadores:** Dr. José Elias Domingos e Dr.<sup>a</sup> Heloisa Dias Bezerra



## **GT 2- JUVENTUDES E EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS: ESPIRITUALIDADE E REALIDADE JUVENIL**

**Coordenadores:** Dr. Flávio Munhoz Sofiati, Ms. Joilson Souza Toledo e Dr. Rezende Bruno Avelar

## **GT 3- JUVENTUDES, VIOLÊNCIA E VULNERABILIDADE SOCIAL**

**Coordenadores:** Dr. Dijaci David de Oliveira, Dra. Mariana Corrêa Azevedo e Ms. Dallys de Dantas Souza

## **GT 4- JUVENTUDES, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL**

**Coordenadores:** Dr.<sup>a</sup> Flávia Cassimiroe Dr. Paulo Brito do Prado

**04/12 - das 8h30 às 12h00**

## **GT 5- JUVENTUDES, EDUCAÇÃO E PANDEMIA: TDIC'S E EXCLUSÃO SOCIAL**

**Coordenadores:** Dr.<sup>a</sup> Rosane Castilho e Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira

## **GT 6 - JUVENTUDES E EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DO NOVO ENSINO MÉDIO: BNCC, ITINERÁRIOS FORMATIVOS E EJA**

**Coordenadores:** Dr.<sup>a</sup> Sandra Maria de Oliveira e Dr. Dr. Vinicius Oliveira Seabra Guimarães

## **GT 7 - JUVENTUDES, TRABALHO E PANDEMIA: REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA, UBERIZAÇÃO E PRECARIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO**

**Coordenadores:** Dr. Nildo Silva Viana e Dr. Leonardo Venicius Parreira Proto

## **GT 08- JUVENTUDES E PROJETO DE VIDA: TRAJETÓRIAS E RELAÇÕES SOCIAIS**

**Coordenadores:** Dr. Rezende Bruno Avelar e José Ivaldo Araújo de Lucena

**11/12 - das 8h30 às 12h00**

## **GT 09- JUVENTUDES DO CAMPO: TERRA, TRABALHO E IDENTIDADES**

**Coordenadora:** Dr.<sup>a</sup> Sandra Maria de Oliveira

**GT 10- JUVENTUDES QUILOMBOLAS E INDÍGENAS: CULTURA, TERRITORIALIDADES E RESISTÊNCIA**

**Coordenadores:** Ms. Marta Quintiliano e Ms. Júlio Kamêr Ribeiro Apinajé

**GT 11 – JUVENTUDES MIGRANTES E ITINERANTE: MOVIMENTOS IDENTITÁRIOS E RELAÇÕES ÉTNICAS**

**Coordenadores:** Ms. Sérgio Roberto Jorge Alves e Ms. Marcelo Antônio Lemos

**GT 12 - CULTURAS JUVENIS E ESPAÇOS SOCIAIS: LUTAS POR RECONHECIMENTO E COLETIVOS DA PERIFERIA**

**Coordenadores:** Ms. Thaisa da Silva Ferreira e Dr. Mauro Costa Rodrigues



O conteúdo textual apresentado neste documento, bem como suas opiniões, são de responsabilidade toda e exclusivamente dos autores aqui citados.



# GT 1

## **JUVENTUDES E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: ESTADO, DEMOCRACIA E LUTA POR DIREITOS**

---

### **Coordenadores:**

Dr. José Elias Domingos

Dr.<sup>a</sup> Heloisa Dias Bezerra



## 1. A FORMAÇÃO DE MINIPÚBLICOS COMO MECANISMO DE ESCUTA E DIÁLOGO COM CRIANÇAS E JOVENS EM UM CONTEXTO DE CONSTRUÇÃO E POLÍTICAS URBANAS

### **Conceição Firmina Seixas Silva**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ  
conceicaofseixas@gmail.com

### **Giselle Arteiro Nielsen Azevedo**

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ  
gisellearteiro@fau.ufrj.br

### **Heloisa Dias Bezerra**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO  
heloisa.bezerra@unirio.br

Vamos apresentar o resultado de um trabalho envolvendo pesquisadoras das áreas de ciência política, psicologia social e arquitetura, o qual teve por objetivo lançar um olhar interdisciplinar sobre o envolvimento do poder público em ações de participação política e da deliberação pública, buscando compreender a perspectiva dos minipúblicos enquanto espaço de escuta e diálogo para a construção de políticas públicas inclusivas. No caso, elegemos como exemplar as iniciativas voltadas para crianças e jovens, por tratar-se de um público que, de modo geral, tem a sua fala silenciada quando o assunto envolve decisões políticas que vão ter impacto na vida cotidiana, como os espaços escolares e os equipamentos culturais. Buscamos tensionar e questionar alguns aspectos relacionais, especialmente o modo tutelar com que os adultos se posicionam diante das gerações mais novas e assim produz aprisionamentos e barreiras não só em relação à liberdade e autonomia da criança e do jovens, mas também em relação a eles próprios, que se mantêm enclausurados em suas análises e decisões que impedem a sociedade de pensar que os indivíduos, nas suas diferentes etapas de vida (gerações), podem, de fato, viver as parcerias inerentes ao mundo das incertezas que permeiam a vida em comunidade. Para ilustrar a análise, apresentaremos a experiência de um grupo de

pesquisa interdisciplinar que faz uma mediação com a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, objetivando criar espaços de fala, escuta e trocas para crianças e jovens, e assim obter subsídios para a implantação de ações e políticas públicas relacionadas às necessidades locais, tais como a redução de vulnerabilidades em territórios periféricos. Tais reflexões buscam compreender o caráter transformador dessas ações e o compromisso assumido em contribuir com a construção de entendimentos referentes às múltiplas relações entre infâncias, juventudes e cidade. As experiências se constituem enquanto alternativas mais efetivas na busca pela participação isonômica como base para projetos, ações e políticas de inclusão e justiça social.

**Palavras-chave: Minipúblicos. Deliberação Pública. Participação Política**

## **2. A CONCEPÇÃO DE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA PARA ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE JOÃO PESSOA**

### **Jammerson Gomes Soares**

Universidade Federal de Campina Grande

jamgsoares@yahoo.com.br

A ideia de participação política é bastante mal interpretada atualmente pelos jovens. Muitos deles só remetem o termo às eleições ou a políticos profissionais que estão nos cargos públicos quando eleitos pela população para representá-la. A maioria dos jovens não se enxerga como um agente político e nem compreende o que significa ação política, desconhecendo seus direitos e não se preocupando em reivindicar pautas importantes e bastante caras para a sua própria existência enquanto jovens. Quando esse tipo de comportamento alheio à política está presente na escola, tudo isso se torna ainda mais preocupante, pelo fato de ser esta instituição social um espaço propício para refletir-se acerca destas questões. Porém, percebe-se que os jovens estudantes também não se interessam ou desconhecem a temática, externando afirmações de que falar de política é chato ou não é um assunto importante. Esta pesquisa teve como objetivo analisar a fala de jovens estudantes de uma escola pública da cidade de João Pessoa, no Estado da Paraíba, acerca de

suas concepções sobre participação política. Busca-se compreender o que eles entendem sobre o tema e quais as suas principais dúvidas e inquietações quanto a temática. Por meio de um formulário criado através de plataformas digitais, jovens estudantes do Ensino Médio foram indagados sobre o referido assunto e despertados a pensarem sobre o tema. A pesquisa demonstrou a falta de interesse da maioria dos jovens estudantes quanto à participação política, mas também se verificou que eles entendem que o poder público poderia melhorar quanto às ações que viessem beneficiar a juventude em seu contexto local e nacional, reiterando assim a importância dessa discussão para que se amplie a consciência crítica desses jovens e fazendo com que os mesmos lutem por seus direitos.

**Palavras-chave: Juventude; Participação Política; Estudantes**

### **3. ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA FORMULAÇÃO E QUALIFICAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE A PARTIR DO 16º CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS (CBAS)**

**Leonardo Carvalho de Souza**

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" UNESP/Franca  
carvalho\_leo\_@hotmail.com

**Maria Cristina Piana**

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" UNESP/Franca  
cristina.piana@unesp.br

**Rafael Gonçalves dos Santos**

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" UNESP/Franca  
rafael.goncalves@unesp.br

**Resumo:** orientados pela perspectiva da teoria social crítica e pela sociologia da juventude, realizamos no presente artigo, um estudo bibliográfico, com o objetivo de analisar e refletir sobre as orientações teórico-metodológi-

cas apreendidas em dezoito artigos publicados nos anais do 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, realizado em 2019, em Brasília-DF. Delimitamos os artigos que apresentam os descritores “juventude” ou “juventudes” nos títulos. Dos dezoito trabalhos analisados, destacamos que os mesmos subsidiam reflexões que permitem refletir sobre a formulação e qualificação de políticas públicas (PP), programas e serviços voltados aos/às jovens. Ainda, tratam do papel do Estado na construção das políticas públicas juvenis no Brasil, da necessidade da intersetorialidade que precisa estar presente nos diferentes espaços que atendem os/as jovens, como por exemplo, no trabalho em Centros da Juventude, Centros de Socioeducação, Centros de Convivência, dentre outros. Além disso, há subsídios teóricos a respeito do estímulo da atuação, participação e ativismo da juventude na luta por direitos, tais como: o direito ao meio ambiente, à cidade, ao território, à educação e ao mundo do trabalho, assim como outros direitos humanos previstos nas legislações para esse público. Outra contribuição dos artigos consiste nas orientações teóricas e metodológicas para o trabalho com jovens, o papel do Serviço Social e dos/as assistentes sociais nesse processo, bem como de ações promovidas pela extensão universitária. Na dimensão epistemológica, pode-se enfatizar que os trabalhos colaboram para problematizar o próprio conceito de juventude, subsidiam a formulação de outros estudos e pesquisas sobre juventude e as diversas temáticas que se interseccionam, além da ênfase na necessidade de trazer as compreensões dos jovens nas pesquisas e na elaboração das políticas públicas juvenis. Em síntese, os trabalhos denunciam e criticam problemas que permeiam as vivências juvenis no Brasil, como o desemprego, o racismo, a desigualdade de classe, de gênero, o controle penal e jurídico da juventude pobre, o tráfico de drogas e a violência urbana e rural, a criminalidade e o próprio desmonte das políticas públicas em tempos ultraneoliberais e conservadores. Por fim, podemos inferir que os trabalhos analisados demarcam desafios para as políticas públicas juvenis e ainda propiciam orientações teóricas e metodológicas que podem promover a criação, desenvolvimento e avaliação das políticas públicas juvenis.

**Palavras-chave: CBAS; Políticas Públicas Juvenis, Sociologia da Juventude.**



## 4. JUVENTUDE E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NA GUINÉ-BISSAU

### **Maio da Silva**

Facasc – Faculdade Católica de Santa Catarina

E-mail: pemaiosilva@gmail.com

A República da Guiné-Bissau passou, no decorrer de sua história, por vários momentos turbulentos e por crises que acabaram por desencadear indicadores socioeconômicos alarmantes, motivo pelo qual, atualmente, muitos setores carecem de recursos, de investimento e, em especial, de maior atenção e engajamento do Poder Público. Um destes setores é a educação, um direito fundamental de todo ser humano, mas que, na Guiné-Bissau, ainda dispensa cuidados. Afirma-se isso, porque em virtude das crises políticas pelas quais este país passou, alguns segmentos ainda são mais vulneráveis e a educação, especialmente, não é vista como um instrumento capaz de possibilitar o exercício da cidadania, sendo altos os índices de evasão escolar e de analfabetismo. Além disso, as mulheres são preteridas aos homens no tocante aos estudos e, aliado a isso, constata-se o casamento precoce, a gravidez e o aumento das tarefas domésticas como fatores que dificultam o acesso à educação. Apesar de haver alguns projetos e programas voltados à promoção da educação guineense e que vêm sendo implementados por intermédio da própria sociedade e por organizações não governamentais tanto nacionais quanto internacionais, ainda assim há marcas de um passado turbulento que ainda permeiam a sociedade e impossibilitam que os jovens estejam preparados para a participação pública e política. Em decorrência disso, o objetivo geral deste estudo é investigar como a educação guineense tem contribuído para a ampliação da cidadania da juventude. Para alcançar este objetivo e considerando que este é um estudo com abordagem qualitativa e descritiva e que se baseia em fontes documentais e bibliográficas, conhecida como técnica de documentação indireta, trata-se, então, das concepções e teorias sociológicas sobre a juventude, da relação entre juventude, direitos humanos e cidadania, bem como da situação da educação na República de Guiné-Bissau. Por fim, são tecidas considerações sobre os impactos da educação no desen-

volvimento de futuros cidadãos, dirigentes da nação e, como a falta desta referida educação interfere negativamente na vida dos jovens.

**Palavras-chave: Direitos Humanos. Educação. Juventude.**

## **5. A INSERÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA SOCIEDADE ATRAVÉS DO ESPORTE E SUAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCENTIVO.**

A representatividade das pessoas com deficiência para o esporte

### **Pedro Vale Ferreira**

Universidade estadual de Goiás (UEG)

pedrovale0377@gmail.com

### **Yasmim Ramos de Oliveira**

Universidade estadual de Goiás (UEG)

yasmimgehleen@outlook.com

Explorações recentes indicam que existe uma discrepância no que se refere à incorporação de indivíduos na comunidade, ou seja, alguns grupos não conseguem incorporar-se nas esferas sociais de maneira satisfatória. O presente trabalho tem como objetivo questionar a inserção dos deficientes na sociedade, analisando como políticas públicas que estimulem sua participação em esportes podem agir para incluir essas pessoas no meio social. Possui como objetivo a demonstração de que a inclusão desses cidadãos garante uma melhor vida em sociedade, e de maneira mais específica, discutir qual o papel da pessoa com deficiência (PCD), na sociedade atual e como o esporte pode contribuir para uma melhora no quadro de integração nas diferentes áreas da coletividade social. Também, este trabalho busca apontar de que maneira o incentivo do esporte pode diminuir o gasto com saúde para o Estado e, por fim, elucidar quais os meios jurídicos válidos para modificar o cenário de exclusão dessas pessoas. No artigo propõe-se um estudo de campo, com entrevistas semiestruturadas e de maneira flexível. Os fundamentos utilizados

para a escolha das perguntas que comporão a entrevista serão projetos apoiadores de incentivo ao esporte para portadores de deficiência que demonstrem a importância do atletismo e suas contribuições para esse público. Será fornecido um campo para que os entrevistados apontem intervenções que eles gostariam de ver nas políticas públicas e legislação vigente acerca do tema. As disquisições serão feitas aos voluntários que participem como atletas em instituições de esporte para pessoas com deficiência via Google Forms. O artigo utiliza, sobretudo, uma abordagem qualitativa, em virtude de que não se visa apenas as coletas de dados, mas o enfoque do campo social com uma diferença entre o aspecto quantitativo. O estudo busca discutir o papel da pessoa com deficiência física, mental ou comportamental na sociedade, uma vez submetida a um esporte inclusivo, sob perspectivas jurídicas eficientes. Os resultados da pesquisa realizada na formação deste artigo incluirão indicações e métodos pelo qual o Estado pode seguir para se chegar no objetivo principal, a inserção dessa população na comunidade. Espera-se demonstrar como a falta de participação governamental provoca uma dificuldade em agir no exercício profissional, isto é, o PCD que busque ser um atleta profissional, por exemplo, enfrenta diversos impasses que vão desde financeiras até barreiras sociais fundamentadas na exclusão e no capacitismo. Portanto, faz-se imprescindível a atuação de órgãos governamentais para promover maior participação nesses quesitos. O Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) deve agir para propor uma legislação específica, a ser aprovada na Câmara dos Deputados e Senado Federal, para os atletas profissionais PCD, com o intuito de estimular o esporte nessa categoria e proporcionar a inclusão social desejada.

**Palavras-chave: Inserção; Esporte; Deficientes;**

## **6. O PROCESSO DE OCULTAMENTO DOS JOVENS DO MOVIMENTO JUVENIL NA COBERTURA DA CRISE POLÍTICA DE 1992 REALIZADO PELA REVISTA VEJA**

**Claitonei de Siqueira Santos**

Doutor em Educação

Faculdade de Educação/UFG

claitonsiq@hotmail.com

O presente texto apresenta parte das reflexões contidas em uma pesquisa em nível de doutorado defendida em dezembro de 2020 na faculdade de educação da Universidade Federal de Goiás. A pesquisa, de cunho qualitativo, teve como corpus documental a análise do texto jornalístico e das fotografias de oito edições da revista *Veja* sobre as manifestações dos jovens. O objetivo é ressaltar como a ação de jovens vinculadas ao movimento juvenil foi ocultado pela revista *Veja* em sua cobertura da crise política de 1992, cujos movimentos de ruas e praças pediam o Impeachment do Presidente Fernando Collor. Ancorado na concepção de Pierre Bourdieu de que é preciso compreender os jovens a partir do contexto social em que estão inseridos, pois os critérios que definem juventude são sempre externos e, por conta dessa característica, são passíveis de manipulação. *Veja* desconsidera tal concepção e, por meio da linguagem jornalística, desenvolve um processo de ocultar mostrando a ação das juventudes nas reportagens sobre os protestos contra o presidente em 1992. Considerar o tipo de abordagem jornalística realizada à época se deve ao fato de a revista *Veja*, ao fazer a cobertura dos escândalos de corrupção envolvendo o presidente, também abordou a participação dos jovens em protestos. Assim, objetiva-se responder: qual visão da revista *Veja* sobre os jovens, nos movimentos de rua que solicitavam a saída do presidente Collor em 1992? A reflexão que propomos parte da constatação de que a revista *Veja*, ao ter dado expressiva e ampla cobertura às acusações contra o presidente, também fez o mesmo com as sucessivas ondas de manifestações e utilizou da linguagem jornalística para distorcer a realidade vivenciada por milhares de jovens nos protestos a favor do Impeachment. A investigação foi desenvolvida por meio de procedimentos próprios das pesquisas bibliográfica, documental e qualitativa e teve como corpus documental a análise do texto jornalístico e das fotografias das oito edições que contêm as reportagens realizadas pela revista sobre as ações dos jovens no movimento de Impeachment de 1992. Utilizando os recursos e as técnicas presentes no *modus operandi* da sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu, concentramo-nos na linguagem jornalística utilizada pela revista *Veja* para atribuir sentidos e significados a elementos da realidade da presença dos jovens nos movimentos de rua pedindo a saída do presidente em 1992. De outro lado, é bastante recorrente a utilização do termo rua, povo, manifestantes, manifestações, em detrimento de jovens ou juventude. Tais expressões nas reportagens não são neutras, expressa uma

interpretação do espaço social na medida em que atribui sentido e significado às ações dos jovens. Sabe-se que a linguagem jornalística não é neutra ou isenta de intencionalidades, cabendo uma análise mais detalhada e minuciosa sobre sua ação no espaço social. A escolha da revista Veja ocorreu pelo fato de ela ter atingido um estágio considerável de prestígio e legitimidade no campo jornalístico e junto ao seu público, maioria de classe média e média alta, no período em estudo.

**Palavras-chave: Movimentos juvenis. Impeachment de Collor. Revista Veja.**

## **7. DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA NO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS DA CIDADE DE UNAÍ-MG**

### **Joyce Aparecida Batista Mendes**

Faculdade de Ciências e Tecnologia de Unaí (FACTU)

joycebatistamendes@gmail.com

### **Maria Aparecida de Oliveira**

Faculdade de Ciências e Tecnologia de Unaí (FACTU)

cidahotmail@hotmail.com

A gestão escolar democrática se constitui no ato coletivo dos envolvidos das instituições de ensino. O exercício da ação democrática nas escolas se torna uma função desafiadora e demorada, pois, é uma questão que demanda a participação e colaboração de todos para minimizar os problemas e ampliar mudanças e inovações no contexto educacional. Os estudantes do ensino médio são muito conectados às redes sociais e uma parte deles não têm muito interesse pelos estudos. O objetivo deste trabalho é analisar os desafios enfrentados para exercer a gestão democrática no ensino médio de 04 (quatro) escolas públicas da cidade de Unaí-MG. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, do tipo exploratório, utilizando-se de fontes primária e secundária. Justifica-se esta pesquisa pela necessidade de se pensar sobre os desafios que os gestores da rede pública de ensino

encontram no exercício da gestão participativa com os estudantes do ensino médio. O referencial teórico foi organizado em 03 (três) seções: 1. A gestão escolar democrática/embasamento legal. 2. Os desafios da gestão escolar democrática. 3. O perfil dos estudantes do ensino médio. A pesquisa empírica se deu através da aplicação de um questionário a 04 (quatro) diretores de escolas da rede pública estadual da cidade de Unaí-MG, seguida da análise e discussão dos dados. O resultado da pesquisa revelou que são dois os maiores desafios dos gestores escolares: a falta de participação dos estudantes nas atividades escolares (projetos, reuniões), e a ausência dos pais no processo de ensino-aprendizagem dos educandos. Portanto, a participação da comunidade escolar pode se tornar vigorosa e, por conseguinte, alcançar melhores resultados na aprendizagem dos estudantes do ensino médio.

**Palavras-chave: Gestão democrática. Desafios da gestão democrática. Estudantes do Ensino Médio.**

## **8. JUVENTUDE E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA: #NÓSPORNÓS, A IMPORTÂNCIA DE OCUPAR ESPAÇOS DE DEMOCRACIA REPRESENTATIVA**

**Camila Gonzaga da Luz Rocha**

Faculdade Católica de Santa Catarina - FACASC

camilagonzagapj@hotmail.com

O presente artigo objetiva evidenciar a participação política das juventudes nos espaços de democracia representativa. Caracteriza-se por ser uma coleta de dados realizados através de uma pesquisa realizada com oito lideranças do território de Santa Catarina, provenientes de espaços de participação e movimentos juvenis e que têm como uma de suas pautas às juventudes. A escolha de participantes também foi efetivada a partir de agremiações de partidos políticos do campo progressista e de esquerda, tendo em vista a participação da pesquisadora nesse campo político e por conhecer a trajetória com políticas públicas de juventude de todos os entrevistados. Através do estudo

será possível evidenciar uma das temáticas recorrentes em nossa sociedade sobre a participação através da política partidária e as eleições. Os entrevistados foram escolhidos a partir de sua participação em discussões na trajetória das políticas públicas de juventude e/ou por serem representantes desse segmento. O artigo será apresentado em três partes: a primeira aborda as juventudes como categoria social e suas implicações na participação política em espaços de democracia representativa; a segunda apresenta a participação social juvenil – seus desafios e potencialidades; e a terceira, traz a discussão acerca da democracia representativa como ambiente para lacunas ou ocupação das juventudes e seus representantes. E é submerso nessa narrativa e destas discussões que a pesquisa se propõe como problema interrogar: Como lideranças provenientes de movimentos de participação juvenil se vêm atuando em espaços e processos de democracia representativa? Fundamentado no problema colocado, o objetivo da pesquisa é o de compreender como se reconhecem às lideranças provenientes de espaços de participação juvenil e que hoje participam de processos eleitorais, de democracia representativa ou em cargos eletivos. Além disso, buscou indagar também quais as perspectivas dos entrevistados em relação a sua atuação no processo eleitoral e de democracia representativa, tendo a juventude como uma de suas pautas, bem como investigar os desafios e as potencialidades da participação na democracia representativa sendo liderança proveniente de movimentos de participação juvenil. O processo de entrevista com as lideranças também possibilitará identificar qual a avaliação dos entrevistados sobre o processo de atuação e participação juvenil nos processos eleitorais ou nos cargos eletivos.

**Palavras-chave: Juventude. Participação. Democracia representativa.**

## **9. JUVENTUDES E PARTICIPAÇÃO: UM OLHAR PARA AS PERCEPÇÕES DE JOVENS SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO NO CONSELHO MUNICIPAL DE JUVENTUDE DE BLUMENAU – SC**

**Camila Gonzaga da Luz Rocha**

Faculdade Católica de Santa Catarina - FACASC

camilagonzagapj@hotmail.com

Produzido com vistas à obtenção do grau de Bacharel em Serviço Social no segundo semestre de 2018, este Trabalho de Conclusão de Curso investiga de que forma se dá a participação dos conselheiros e das conselheiras do Conselho Municipal da Juventude (CMJ) de Blumenau-SC. Para tanto, buscou-se compreender dos conselheiros representantes da sociedade civil, como eles avaliam a sua participação no espaço do conselho, bem como de investigar quais as perspectivas dos conselheiros de juventude em relação a sua atuação e os desafios e as potencialidades da participação social juvenil no Conselho Municipal de Juventude de Blumenau – SC. Essa temática surgiu a partir dos espaços de militância e durante a formação evidenciou-se com o ingresso no campo de estágio obrigatório em Serviço Social I, II e III no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS I), no Serviço de Proteção Social a Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida (LA) e Prestação de Serviços à Comunidade (PSC). Para a sua elaboração, utilizou-se do método de estudo de caso, através de uma pesquisa de abordagem qualitativa e quantitativa, e com o universo previsto de dezoto respostas, obteve-se a entrevista com dez conselheiros. Valendo-se dessa fonte de dados, a presente pesquisa apresenta a narrativa da conceituação histórico-social das juventudes e da participação e controle social no Brasil. Na sequência, delimita-se ao histórico e funcionamento do Conselho Municipal da Juventude de Blumenau-SC e por fim trouxe-se a abordagem a partir dos olhares e percepções dos conselheiros da juventude, no que se refere a participação da sociedade civil e dos representantes governamentais; composição e pluralidade; autonomia do conselho em relação as suas decisões e desafios e potencialidades na permanência e ingresso dos jovens no conselho.

**Palavras-chave: Juventude. Conselho de Direito. Democracia participativa.**





# GT 2

## **JUVENTUDES E EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS: ESPIRITUALIDADE E REALIDADE JUVENIL**

---

### **Coordenadores:**

Dr. Flávio Munhoz Sofiati

Ms. Joilson Souza Toledo

Dr. Rezende Bruno Avelar



## **1. CATOLICISMO EM GOIÂNIA: EDUCAÇÃO RELIGIOSA NA PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA**

**Flávio Munhoz Sofiati**

UFG

Flavio\_sofiati@ufg.br

**Marcus Vinicius de Sousa Silva Barbosa**

UFG

vmarcus@discente.ufg.br

A comunicação analisa a catequese desenvolvida com jovens na paróquia Nossa Senhora Aparecida, situada na região noroeste da cidade de Goiânia, Goiás. Busca-se compreender a paróquia como espaço da instituição católica produtora de um processo educativo não-formal. Vislumbra-se identificar as representações sociais e identidades construídas durante o processo de ensino-aprendizagem no contexto de intensificação do pluralismo e do trânsito religioso. A proposta é entender as estratégias adotadas pela Igreja católica para (re)significar suas práticas e se apropriar de outros signos para manter o compromisso religioso, difundir suas tradições e evitar o trânsito e a perda de fiéis. A intenção do texto é de colaborar com a compreensão da realidade do catolicismo na cidade Goiânia. Constatamos que a educação religiosa oferecida pela instituição busca produzir uma identidade católica que procura negociar com os interesses juvenis, estabelecendo concessões em suas práticas como caminho para enfrentar o pluralismo religioso e frear a desinstitucionalização.

**Palavras-chave: Religião. Juventude. Catolicismo.**

## **2. DANÇA NA TERRA SAGRADA**

**Maria Mara Corrêa Pachêco**

Universidade do Estado do Amazonas-UEA

Este artigo tem com o objetivo, propor uma reflexão sobre a prática da dança educação nas comunidades indígenas Tikuna, permitindo um maior conhecimento sobre a dança e seu contexto educacional, bem como suas implicações dentro da área indígena. O estudo dos movimentos de Laban, as atividades de improvisação de Klauss Vianna, o contexto mitológico e as referências da natureza, norteiam a prática educacional. A base para discussão é a pergunta: O estudo e reflexão sobre a experiência com os indígenas Tikuna nas aulas de dança podem promover formas de compreender a identidade indígena na sociedade hoje? O referencial teórico tem como pontos norteadores: a abordagem dos aspectos culturais e de identidade dos indígenas, as concepções que a sociedade tem sobre a cultura indígena, bem como um diálogo sobre as relações entre a dança educação no contexto indígena. Dessa forma, os resultados deste estudo apresentam questões sobre a aquisição de conhecimentos na área da dança educação a partir do diálogo desta com a cultura indígena.

### **3. COSTURANDO SONHOS À LUZ DO PROJETO DE VIDA: A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ DE ADOLESCENTES E JOVENS NA ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS**

**Autor: Ariél Philippi Machado**

e-mail: ariel.philippi@hotmail.com

Essa pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação da Faculdade Católica de Santa Catarina, refere-se ao processo de orientação de artigo final para o curso de Especialização em Juventude, Religião e Cidadania. Seu objetivo é expor teórica e mitologicamente o processo de elaboração de roteiros de encontros, à luz do Projeto de Vida, para composição de itinerários para a Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal de catequizandos na Arquidiocese de Florianópolis. As fontes primárias do estudo estão fundamentalmente nos documentos da Igreja conciliar, pós-conciliar, da Igreja latino-americana e da CNBB, no que tange à elaboração de roteiros com inspiração catecumenal. E em documentos e subsídios da Pastoral da Juventude, da CNBB e do magistério latino-americano no que tange ao Projeto de Vida e métodos com juventudes. A justificativa do objeto da pertinência em evidenciar o de-

envolvimento da personalidade, da identidade e da afetividade de adolescentes e jovens em simultâneo ao processo de educação na fé. A Arquidiocese de Florianópolis organizou o Itinerário de Iniciação à Vida Cristã para catequizandos, crianças e adolescentes, a partir das orientações publicadas no *Itinerário Catequético* da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, de 2015, por meio da Comissão Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética. Na Parte III do Itinerário Catequético são sugeridas as pistas e as especificações para o ponto de partida de elaboração de um itinerário de iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal para adolescentes e jovens. A inovação destes encontros está na ressignificação do Projeto de Vida em contexto de encontros sistemáticos de catequese, abrindo novas perspectivas para a atuação de catequistas e demais lideranças. Constata-se, por enquanto, a dificuldade de formar novos agentes que entendam a necessidade de um “projetar-se”, educando a vida por meio da fé na direção de um futuro, um sentido novo para as escolhas, tendo como meta a construção do Reino de Deus. A proposta de acompanhamento de adolescentes e jovens nos encontros “Costurando Sonhos” prima pela liberdade de escolhas, partilha de experiências e assumir compromissos juntos, em comunidade e pequenos grupos.

#### **4. O LUGAR DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NA ESCOLA E NA ESCOLARIZAÇÃO DOS JOVENS A PARTIR DOS ESTUDOS SOBRE RELIGIÃO E JUVENTUDE**

**Ana Beatriz Gasquez Porelli.**

Doutoranda PPGE/Unicamp.

ana\_porelli@hotmail.com

**Douglas Franco Bortone.**

Mestrando PPGE/UNIFAL

douglas.bortone@sou.unifal-mg.edu.br

Neste trabalho apresentamos um levantamento bibliográfico realizado a partir da temática juventude e religião, no esforço de indagarmos de que forma os processos educativos e a escolarização juvenil perpassam esses estudos.

Os critérios utilizados foram: artigos resultados de pesquisas empíricas, que problematizassem as juventudes e oriundos da área de ciências humanas. A busca resultou em um total de 24 artigos, destes foram excluídos os que não correspondiam aos critérios elencados, então, selecionados e analisados 9 artigos. As datas de publicação dos referidos artigos, revelam que a produção nessa temática se ampliou nos últimos 5 anos. Em relação à educação, objeto deste trabalho, é possível afirmar que a temática foi pouco explorada nos trabalhos sobre juventude e religião. A pesquisa de Groppo e Borges (2019) foi a única a apresentar um olhar específico para as práticas formativas de um grupo de estudantes evangélicos universitários. Mesmo não articulados diretamente à educação formal dos jovens, nos demais estudos, a escola e a universidade surgem nas falas dos pesquisados como instância relevante de suas vidas. Demonstrando que, de certo modo, para uma parcela da juventude a escola ainda está na disputa pelo processo de socialização da juventude. Contudo, em prol de viver uma vida em acordo ao pertencimento religioso, os jovens atribuem sentidos à educação e à escola baseados em suas experiências religiosas. Assim, temos o exemplo de jovens que abandonaram os estudos para viverem integralmente a religião (MARIZ, 2005; MEDEIROS & MARIZ, 2013); e exemplos em que a escola e a universidade são consideradas espaços desafiadores que requerem ao jovem mediar seu pertencimento religioso e vida em uma sociedade plural, e para tanto, imprimem suas marcas identitárias religiosas e realizam ações proselitistas nesses espaços (MIRANDA, 2010; GROppo & BORGES, 2019). O trabalho de Pereira (2018) merece destaque por silenciar sobre o tema educacional. Mesmo as pesquisadas estando em idade escolar obrigatória, se destacam suas fortes relações com o movimento pentecostal e o funk, e parece que a escola já não mais tem sentido para elas. De certo modo, isso reforça a tese de Spósito (2003) e outros autores, sobre a perda da centralidade da escola, no processo de socialização dos jovens brasileiros. A partir desse trabalho de levantamento bibliográfico, é possível afirmar, que cada vez mais, a centralidade da vida social e política de muitos dos jovens estudantes está em instituições não escolares e, nesse caso em especial, nos movimentos religiosos.

**Palavras-chave: Juventude. Religião. Educação**

## 5. A JORNADA DE OMOAWO

**Alex Kévin Ouessou Idrissou**

PPGAS/UFG

idrissou\_kevin@discente.ufg.br

O presente trabalho procura mostrar a jornada formativa de omoawo, considerado aprendiz de Ifá. Procuramos trazer informações e conhecimentos a partir da nossa experiência pessoal de jovem aprendiz da religião milenar oracular *yorùbá* cujo sistema de adivinhação é altamente complexo e baseado no deciframento de manipulações de búzios, dendezeiros, ou de uma corrente de adivinhação (*opẹlẹ*), num tabuleiro (*opon ifá*) pelo *bàbáláwo* ou *iyánifá* (adivinhos especialistas, respectivamente homem e mulher). Acreditamos que o compartilhamento dessa experiência religiosa proporciona novas perspectivas no que diz respeito à espiritualidade juvenil brasileira ou qualquer outra nacionalidade.

**Palavras-chave: Omoawo. Bàbáláwo. Ifá**

## 6. O TEMPO PRESENTE NOS PEDE UM MOMENTO DE DESERTO (Mc 6,30-32)

**José Roberto da Silva Araújo**

Padre da Congregação dos Missionários Oblatos de Maria Imaculda

betoomi@yahoo.com.br

Estamos no contexto da primeira multiplicação dos pães logo após o relato da morte de João Batista, na região da Galiléia. Jesus tinha enviado seus discípulos em missão (Mc 6,6b-13), e ao retornarem da missão vão partilhar com ele e com o grupo o que tinham realizado, através de palavra e ações, ou seja, o que tinham feito e ensinado. É a alegria de poder partilhar o que somos e temos, o que aprendemos de Jesus quando caminhamos com ele. Isso me vem no pensamento todo esse tempo de pandemia que ainda estamos passando, já são quase dois anos. Muitas de nossa pastorais sentiram esse

baque, afetou a Pastoral da Juventude e muitos Grupos de Base se desarticularam e até desfizeram. Nesse sentido, precisamos de um tempo para retomar a nossa caminhada, um tempo com Jesus para olharmos onde estamos, o que ainda temos para assim, nos rearticularmos enquanto grupos de Jovens. Esse texto do Evangelho de Marcos para as comunidade desafiadas pelo Império e estruturas que não acatavam testemunhar a vida em plenitude, nos ajuda também no sentido de pensarmos em nossos Grupos de Base. Pararmos um pouco, "sairmos para um lugar deserto", ou seja, temos um tempo com os jovens para rezarmos, partilharmos as nossas angústias, desafios, tristezas e vontade de caminharmos novamente enquanto grupos. As comunidade de Marcos estão inseridas no contexto do Império Romano, sentindo os impactos causados pela destruição da cidade de Jerusalém e do Templo por volta de 70 d.C., identidade do povo judeu. Como vivenciar essa realidade e ser fiel no seguimento de Jesus Cristo? Questionamentos que marcaram as comunidades formadas ao norte da Galileia, na região da Síria, de Tiro e da Decápolis, para onde o Evangelho foi enviado no sec. I. Iluminar a espiritualidade da Pastoral da Juventude à luz do texto de Mc 6,30-32, levando em conta os aspectos que a marcam essa espiritualidade apresentados em dois documentos da Igreja: CELAM. Civilização do amor. Projeto e missão. Orientações para uma Pastoral Juvenil Latino-americana. Brasília: Edições CNBB. 2013, e CNBB. Evangelização da Juventude. Desafios e perspectivas pastorais. Brasília: Edições CNBB. 2027, são algumas contribuições que o presente artigo quer oferecer, acreditando que precisa escutar para rearticular e reorganizar os Grupos de Base da Pastoral da Juventude.

**Palavras-chave: Deserto; Espiritualidade; Reorganização.**

## **7. A PASTORAL DA JUVENTUDE CATÓLICA NUM CONTEXTO DE PLURALISMO RELIGIOSO**

**Fábio Antônio da Silva**

UEMG - Barbacena

fabiopjsr@gmail.com

## **Reinaldo Azevedo Schiavo**

UEMG – Barbacena

reinaldo.schiavo@uemg.br

A Igreja Católica é uma instituição que traz em seu interior várias visões diferentes de como se relacionar com o sagrado e com os fiéis. Esta pluralidade se reflete nos trabalhos desenvolvidos em todos os setores. A Juventude também é afetada pela grande gama de opções de trabalhos para, com e dos jovens. Destacamos, dentre estes movimentos, a Pastoral da Juventude, organização pertencente à Igreja Católica, fruto das CEB's e da Teologia da Libertação. A PJ se propõe a ser espaço de formação integral da juventude, que desperta e encoraja, especialmente o protagonismo juvenil. A formação integral é parte de um processo que considera cinco dimensões da pessoa humana: Personalização, Integração, Evangelização, Conscientização e Capacitação técnica; e são trabalhadas para que esta formação não privilegie somente um aspecto da vida do jovem. Por ser uma pastoral da Igreja Católica a PJ enfrenta alguns desafios principalmente em relação a algumas diretrizes da instituição, além de desafios internos, considerando que é uma organização que caminha para completar 50 anos e, por isto, é natural o conflito de gerações. Este trabalho pretende analisar como tem sido o trabalho da PJ, considerando as Dimensões da Formação Integral, especialmente num contexto de embates internos à igreja entre os setores progressistas e conservadores. Para isto analisa materiais de formação da PJ, as redes sociais, os discursos dos militantes pejeiteiros. Acredita-se ser importante estudar o trabalho desenvolvido pela PJ e como os seus membros se comportam num cenário cada vez mais desafiador para os adeptos da Teologia da Libertação.

**Palavras-chave: Pastoral da Juventude. Juventude. Formação**

## **8. PERSPECTIVAS E DILEMAS DO FENÔMENO RELIGIOSO VOCACIONAL JUVENIL CATÓLICO**

### **Ramon Aurélio**

Núcleo de Extensão e Especialização da FAJE (Faculdade Jesuíta)

ramoonaurélio@gmail.com



Tendo como horizonte as juventudes no mundo contemporâneo nunca se fez tão necessário ater-se às perspectivas, desafios e dilemas da formação do imaginário vocacional religioso dos jovens. Na ótica da vida religiosa católica, a vivência da religiosidade teve uma guinada no quadro juvenil, sobretudo na esfera da práxis, do bem viver, do mundo social e pastoral do comportamento juvenil, provocando tensões, rompimentos e lacunas no seio do catolicismo. Com diferentes matizes e intensidades, as subjetividades juvenis fornecem elementos fundamentais para a compreensão da realidade cristã juvenil hodierna. Acredita-se que é preciso problematizar a temática juvenil e pensar o perfil dos jovens aspirantes que almejam a vida religiosa e ministerial ordenada. A partir do paradigma do atual cenário mundial da pandemia do Covid-19, da diversidade cultural e do marco digital, num primeiro momento, em nossa pesquisa, apresentaremos o itinerário juvenil católico tendo como ótica a referida pandemia. Posteriormente, serão apresentados alguns casos sobre os aspectos da realidade juvenil, observando os elementos importantes que contribuem para compreender o fenômeno religioso e social através da trajetória juvenil nos últimos anos no interior do Catolicismo. Deste modo, ao final, oferecer-se-á uma reflexão a partir do tema proposto diante do conteúdo esboçado na pesquisa, levando em consideração alguns aspectos culturais, sociais, afetivos, religiosos e políticos pertinentes no que tange a condição vocacional do jovem cristão. Sendo assim, neste desafiante século XXI pretender-se-á analisar o perfil vocacional das juventudes católicas através das ações que, organizadas com base na utilização das novas tecnologias de informação, da pandemia e mudanças eclesiais, fornecerão informações primordiais a respeito do rosto vocacional juvenil atual.

**Palavras-chave: Juventudes. Fenômenos Religiosos. Catolicismo.**

## **9. REEXISTIR E ESPERANÇAR: PRÁTICAS DE LETRAMENTOS NA PASTORAL DA JUVENTUDE DE GUARULHOS-SP**

**Filipe Henrique Santos Peixoto**

Universidade Federal de São Paulo

filipe.henrique75@gmail.com

## **Claudia Lemos Vóvio**

Universidade Federal de São Paulo

cl.vovio@gmail.com

Neste trabalho apresentamos os resultados de pesquisa sobre os letramentos que se configuram no âmbito da religião, especificamente as práticas de letramentos e os efeitos dessas práticas na participação cidadã a partir da percepção de jovens, integrantes da Pastoral da Juventude (PJ), no município de Guarulhos (São Paulo – Brasil). A PJ é um organismo de ação social católica com grupos em toda América Latina, que congrega jovens, em torno da tomada de consciência sobre a realidade e a proposição de ações coletivas, visando solucionar problemas que afetam suas vidas e de suas comunidades. Por se tratar de um objeto multifacetado, mobilizamos os estudos advindos da Sociologia e da Educação, que tratam de ressignificar o conceito de juventude, representados por Dayrell (2003), Groppo (2004), entre outros, os Estudos do Letramento, de base sócio-histórica, representados por Kleiman (1995), Souza (2009; 2019) e Street (1995), os autores ligados aos estudos decoloniais como Quijano (2005), Walsh (2009), Hernandez-Zamora (2019), e a epistemologia de Freire (1980. 1981. 1987, 1996). Trata-se de um estudo qualitativo, com uma abordagem etnográfica, que contou com a adesão voluntária de integrantes e de ex-membros da PJ, durante 2019. Foram empregados dois instrumentos de pesquisa. A observação participante, com notas de campo adensadas, de uma atividade de caráter anual, que congrega diversos grupos de jovens guarulhenses, chamada “Assembleia Diocesana”, na qual, por dois dias consecutivos, os jovens dialogam sobre problemas sociais, refletem sobre a realidade e elaboram propostas de ação coletivamente. Nosso intuito foi o de construir um quadro descritivo e analítico dos eventos de letramento e aceder aos significados atribuídos a esses eventos pelos jovens participantes, segundo a proposição de Hamilton (2000). E entrevistas semi estruturadas em três ex-membros (uma jovem e dois jovens), escolhidos aleatoriamente, a fim de compreender como significaram essas práticas de letramento e os possíveis efeitos desta participação nessa agência formativa. Os resultados elucidam as diversas práticas de letramento que se sustentam, de um lado, pelos princípios do método Ver-Julgar-Agir, pautados pela Teologia da Libertação e que fundamentam as ações da Igreja Católica e, de outro, pela edu-

cação dialógica e humanista de Paulo Freire. Constatamos um conjunto de práticas múltiplas, heterogêneas, perpassadas pela oralidade, leitura e escrita que favorecem a construção de novos conhecimentos e de novas relações entre os participantes e destes com a sociedade. Essas práticas configuram-se a partir da leitura do mundo, da tomada de consciência sobre processos desumanizadores, e pela construção de discursos próprios, de reexistência e de esperar (HERNANDEZ-ZAMORA, 2019; SOUZA, 2009; KLEIMAN; SITO, 2019; FREIRE, 2011). Acreditamos que esse trabalho colabora para reiterar a atualidade tanto da epistemologia freireana como da Teologia da Libertação, bem como gera reflexões sobre a participação em práticas de letramento e sobre a aprendizagem com/na prática (LAVE, 2015) em outros âmbitos que não o escolar, considerando os saberes e valores que os jovens constroem, bem como os seus efeitos em processos de socialização.

**Palavras-chave: Juventudes; Religião; Práticas de Letramentos**

## **10. “VOCÊS TÊM ALGO PARA COMER?”: UM OLHAR SOBRE PASTORAL DA JUVENTUDE A PARTIR DO PLANO DE AÇÃO 2021-2023**

**Joilson de Souza Toledo**

Marista Centro-norte

mistagogo@yahoo.com.br

A Igreja Católica tem na capacidade de construir propostas que atraiam e dialoguem com as juventudes contemporâneas um de seus maiores desafios. O pontificado do Papa Francisco apresenta uma perspectiva de seguimento de Jesus que resgata/desdobra intuições do Concílio Ecumênico Vaticano II e a V Conferência do Episcopado Latino-Americano ocorrida em Aparecida que traz contornos, horizontes e exigências para a evangelização das juventudes. Entre as propostas pastorais que viabilizam as características apresentadas pelo magistério de Francisco encontram-se as ligadas ao Cristianismo da Libertação, tais como a Pastoral da Juventude (PJ). Nos últimos anos a referida pastoral tem sido desafiada a (re)expressar suas opções fundamentais em contextos bem diversos dos quais se deram as suas primeiras articulações nacionais a

cerca de 50 anos atrás. A presente comunicação intenta estabelecer um diálogo entre a PJ e a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* a partir de uma apreciação do Plano de Ação da Pastoral da Juventude Triênio 2020 a 2022 fruto da Ampliada Nacional de Erechim, ocorrida de 07 a 12 de janeiro de 2020. Organizado a partir da imagem do diálogo do ressuscitado a beira do Lago de Tiberíades, presente no final do Evangelho de João, o referido documento apresenta a perspectiva da PJ sobre a história, a realidade, a iluminação bíblica da Ampliada, a missão que abraça e as estratégias pastorais que escolheu neste evento. Sendo esta investigação parte de uma pesquisa em andamento apresenta as escolhas feitas pela Ampliada Nacional e as relaciona com a encíclica almejando oferecer elementos para a pesquisa sobre desafios e horizontes para a PJ em metrópoles brasileiras.

**Palavras-chave: Papa Francisco, Mundo Urbano, Cristianismo da Libertação.**

## **11. “E VÓS, QUEM DIZEIS QUE EU SOU?”: EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS DOS SEM RELIGIÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES ÀS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS.**

**Vitor Biral Bazucco**

FAJE – Faculdade de Filosofia e Teologia

vitor.bazucco@gmail.com

Ao estudar a relação entre juventudes e religião, chamou-nos a atenção acerca de um fenômeno que tem levantado discussões e produções no meio acadêmico, a saber: aqueles que se declaram sem religião. Este grupo se tornará nosso objeto de estudo e análise, sobremaneira concernente a problemática do trânsito religioso e a desinstitucionalização vivenciada por muitos desses indivíduos. A nossa intencionalidade versa-se, portanto, em perceber de que modo esse grupo pode iluminar as instituições religiosas, adquirindo um olhar atencioso para essas experiências enquanto um fenômeno, e enquanto movimento de refundação, de renovação das instituições religiosas. Nossa análise encontra seu fundamento nos dados trazidos por José Antônio

Campos Vieira (2015) em seu artigo intitulado “Os ‘sem religião’: dados para estimular a reflexão sobre o fenômeno”. O percurso metodológico que iremos percorrer será apresentar alguns dados importantes sobre o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com relação aos “sem religião”, bem como o desenvolvimento das interpretações desses dados feitas por José Antônio Campos Vieira. Ademais, enriqueceremos tal apresentação com as reflexões e aprofundamentos sobre esses dados a partir dos artigos de Silvia Fernandes (2018) e das abordagens e perspectivas enquanto horizontes de sentido e possibilidades desenvolvido por Regina Novaes (2018) com relação ao binômio religião e juventudes. Por fim, explicitaremos dois pontos importantes que advém das experiências daqueles que se declaram sem religião que fazem emergir como possibilidades de acender a novos modos e espaços para (re)pensar tanto a própria experiência religiosa quanto à institucionalização, movimento periférico impulsionado pelas juventudes de nosso tempo.

**Palavras-chave: Juventudes sem religião. Desinstitucionalização. Experiência religiosa.**



# GT 3

## **JUVENTUDES, VIOLÊNCIA E VULNERABILIDADE SOCIAL**

---

### **Coordenadores:**

Dr. Dijaci David de Oliveira

Dra. Mariana Corrêa Azevedo

Ms. Dallys de Dantas Souza



## 1. JUVENTUDES NEGRAS E JUVENICÍDIO: UMA DISCUSSÃO DE RAÇA

### **Moisés Ferreira Geraldo**

Programa de Pós-graduação em Antropologia – PPGAN/UFMG

Prof.moisesgeraldo@gmail.com

A presente proposta é discutir o fenômeno do *juvenicídio* na sociedade brasileira a partir das experiências de vida de jovens negros/as e os seus desdobramentos no imaginário sobre o negro/a na sociedade a partir da dimensão racial. A juventudes negras no Brasil é o alvo principal da violência urbana e tem na cor da pele a marca de uma exclusão histórica como desafio de sobrevivência. O número de vítimas da violência é uma das expressões da desigualdade que afeta os jovens negros/as. O conceito de *juvenicídio* colabora para refletirmos sobre os fatores que levam ao assassinato e o encarceramento em massa de jovens negros/as na sociedade brasileira. Em linhas gerais, entendo que há uma nova geração de jovens negros/as que trazem em seu cotidiano a ressignificação das dimensões raciais, por conta disso, ocupam diferentes espaços da cidade com suas identidades e história utilizando-se do suporte estético como ato político. Ainda que a palavra “*juvenicídio*” não exista no dicionário, é um termo usado pelo sociólogo mexicano José Manuel Valenzuela Arce para retratar a condição limite na qual se assassina a setores ou grupos específicos da população jovem<sup>1</sup>. O processo inicia com a precarização da vida dos jovens, ampliando sua vulnerabilidade econômica e social, a estigmatização e construção de grupos, setores ou identidades juvenis desacreditadas e a banalização do mal, diminuindo as opções disponíveis para que os jovens possam desenvolver projetos viáveis de vida. O conceito de *juvenicídio* refere-se não só o fato de arrancar fisicamente a vida de jovens, mas o processo de criação e execução de dispositivos envolvendo precarização sistemática, ou seja, gerando repetidas e organizadas situações econômica, sociais e fatores culturais que ameaçam a população jovem. Conseqüentemente, ocorre a construção de corpos-territórios como âmbito privilegiado de morte. Para dar conta dessa discussão trago um aporte teórico através dos seguintes autores: José Manuel Valenzuela Arce através do conceito de juvenicidio e seus signi-

<sup>1</sup> O contexto de violência enfrentado pelas juventudes mexinas nas últimas décadas.

ficados na América Latina e como podemos pensar a realidade brasileira; a antropóloga Nilma Lino Gomes em estudos recentes sobre uma “pedagogia” da crueldade que coloca o jovem negro como alvo da violência urbana tendo como eixo norteador dessa violência a estrutura do racismo; Bell Hooks ao discutir o corpo negro e suas variáveis interpretações conforme as dinâmicas sociais alicerçada no fenômeno do racismo; Achille Mbembe e o seu conceito de “necropolítica” que encontra na Biopolítica de Foucault não mais o fazer viver e o deixai morrer mas agora no fato de fazer “matar”, uma tática estatal diante das populações marginalizada; Giorgio Agamben que contribui para o debate com a noção de “Estado de exceção” que evidencia que em um “cenário” de guerra toda exceção é válida e por fim, Judith Butler com seu conceito de vidas precárias no qual alguns corpos são passivos de luto e outros não.

**Palavras-chave: Juvenicídio. Juventude Negra. Pertencimento. Marcadores sociais.**

## **2. APRENDIZAGEM NA/COM AS PRÁTICAS DE SOCIOEDUCAÇÃO: O SER E O FAZER NO COTIDIANO**

**Marília Mendes Lopes**

UNIFESP

mariliaml@hotmail.com

Este trabalho trata das aprendizagens na/com as práticas em curso e dos processos de identificação de profissionais que atuam com adolescentes na perspectiva da socioeducação, em serviço de medida socioeducativa em meio aberto. Abarca resultados parciais de pesquisa de mestrado em andamento. Na atualidade, profissionais com formação inicial nas mais diversas áreas encontram-se, cada vez mais, inseridos em Organizações da Sociedade Civil (OSC), desenvolvendo variadas atividades, dentre elas, aquelas que perfazem a socioeducação. As medidas socioeducativas são previstas como estratégias de intervenção junto a adolescentes envolvidos em atos infracionais e o desenvolvimento das práticas na concepção da socioeducação está intimamente ligado aos avanços dos direitos de crianças e adolescente no Brasil que visam a garantia e a efetivação de direitos e dignidade de jovens nas diversas situações de vulnerabilidade social. Os



profissionais que atuam nesse contexto possuem designações e atribuições variadas, compondo equipes multidisciplinares em um amplo leque de programas e projetos articulados às políticas da Assistência Social, principalmente. Nesse sentido, o estudo busca compreender, por meio de pesquisa qualitativa, como se dá o processo de tornar-se socioeducador/a, como se aprende a ser na/com a prática profissional tendo como lócus das aprendizagens o cotidiano e os arranjos sociais que envolvem esse campo de atuação. Mobiliza-se, para tanto, um quadro teórico que advém da Teoria da Prática Social (LAVE, 2013; 2015a; 2015b), da Psicologia Social Crítica (CIAMPA, 1998; 2012) e de Estudos da Educação (TRILLA, 2008). Três socioeducadores/as narraram suas trajetórias e os modos como atuavam em um projeto de uma OSC, no município de Guarulhos/SP. Empregou-se a análise de conteúdo, explorando como narraram suas experiências profissionais, buscando descrever por meio de suas percepções os processos de seus aprendizados no cotidiano do trabalho, reflexões sobre suas identidades e sobre as relações que tecem em especial com os adolescentes atendidos no projeto.

**Palavras-chave: Socioeducação. Aprendizagem situada. Identidade Profissional.**

### **3. A QUESTÃO DO ABUSO SEXUAL JUVENIL NA CLÍNICA PSICANALÍTICA**

#### **Aline Beatriz Xavier dos Santos**

Universidade Estadual de Goiás  
alinebeatrizxs@gmail.com

#### **Leonardo Venicius Parreira Proto**

GPDS/UFG-Cajueiro  
leovenicius@gmail.com

Vivemos em uma sociedade na qual falar sobre sexo com a juventude ainda é tabu e quando se trata de violência sexual torna-se ainda mais delicado, silenciando as vítimas e a rede de apoio destes/as jovens, seja por medo, vergonha, questões morais, dentre outros sentimentos. Em muitos casos, a violência ocorre na primeira infância quando a criança ainda não compreende

ao certo que está sendo abusada e carrega consigo esse sigilo ao longo dos anos, tentando compreender a violação sofrida. Geralmente, na adolescência começa a tomar consciência da sua condição de abuso sofrido, o que gera bastante sofrimento psíquico. O/a jovem vítima de violência sexual ao adentrar o consultório para sua primeira sessão de análise, traz consigo grande resistência diante do medo que seu analista perceba suas fragilidades, pois seu sofrimento psíquico é intenso e ao mesmo tempo apresenta uma dificuldade em permitir abertura para compartilhar sua angústia e intimidade. Cabe ao analista a sensibilidade de acolher e fortalecer e os novos recomeços, colaborando com a libertação de sua culpa ao ser abusado/a. Estima-se que grande parte dos abusadores já foram vítimas e que a tendência é que esses abusadores façam outras vítimas. De acordo com o site do governo Federal do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos em 2020 o disque 100, recebeu 95,2 mil denúncias de violência contra crianças e adolescentes, entre essas denúncias as mais recorrentes são: violência física, psicológica, sexual (exploração e estupro). Diante de dados tão alarmantes, porque discutimos tão pouco sobre violência sexual dos/as jovens? Falar sobre violência sexual ainda é tabu em nossa sociedade, por se tratar de uma situação que gera mal-estar a toda comunidade. No entanto é preciso romper com a cultura do silenciamento e da ausência de reflexão, compreendendo que não se trata de problema dos indivíduos, mas de relações sociais que dissimulam tais realidades ou que trata de forma (ainda) muito incipiente essa problemática social, mesmo considerando todos os esforços de organizações sociais e psicanalistas que combatem com informação e acolhimento os/as jovens violentados/as e se dispõem a pautar tão e urgente debate na sociedade brasileira.

**Palavras-chave: Jovens. Violência Sexual. Psicanálise.**

#### **4. O EXTERMÍNIO DA JUVENTUDE NEGRA: AS CHACINAS EM BELÉM UM ELEMENTO DE RACISMO ESTRUTURAL.**

**Josias Alves**

O presente trabalho foi resultado de um trabalho para a Pós-Graduação em Juventude no Mundo Contemporâneo (FAJE), turma de 2017. Este mes-

mo trabalho foi atualizado para ser apresentado no presente Seminário. Este artigo tem como objetivo mostrar que as cinco chacinas ocorridas em Belém e região metropolitana não são um caso isolado, mas, fazem parte de uma engrenagem maior: o extermínio da Juventude negra no Brasil. Essas chacinas, ocorridas em Belém e região metropolitana, apontam os elementos de racismo que está estruturado no Estado brasileiro. A metodologia do trabalho é pesquisa documental, tomando como base os elementos de um jornal impresso e distribuído diariamente na capital. Buscou-se analisar as reportagens sobre as chacinas e a linguagem usada nessas narrativas. Estabeleceu-se ainda uma comparação dos dados de Belém e região metropolitana com o Mapa da Violência de 2015 a 2018. Obteve-se como resultado a identificação de que cinco cidades do estado do Pará estão entre as 15 cidades mais violentas do país, sendo que dessas cinco, três são da região metropolitana. Evidencia-se assim que o extermínio da juventude negra, nessas cinco chacinas, é um elemento do racismo estrutural. nos artigos de Pedro Borges e Suely Carneiro.

## **5. A QUESTÃO SOCIAL E A JUVENTUDE NO PROCESSO DE TRANSIÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO (1926-1945)**

### **Márcio Santos de Santana**

Universidade Estadual de Londrina  
msantana@uel.br

A temática juventude tem gradativamente adquirido maior espaço em debates acadêmicos, discussões políticas, planejamento e construção de políticas públicas e nas abordagens da imprensa e mídia em geral. Estudos das mais variadas procedências têm no conceito um suporte inegável. Nesta pesquisa, o conceito juventude é central. A diversidade de sentidos constitui um problema para o pesquisador que nele embasar sua reflexão. A percepção da sociedade acerca da questão social apresentou sensível alteração no decorrer do século XX. Daquele momento em diante, o Estado gradativamente assumiu papel proativo na gestão do social, buscando a antecipação de problemas e situações que pudessem mobilizar a sua infraestrutura ou os seus recursos econômicos. Contudo, não foi um movimento linear. Movimentos de avanços e retrocessos se fizeram notar. Ondas de conscientização social

vieram à tona, assim como projetos antipopulares para frear tal ímpeto. Parte da intelectualidade, assim como da elite, tanto política quanto econômica, se sensibilizaram para tal problema. A modernização do Brasil entrava na agenda como tema prioritário. Entretanto, segundo o diagnóstico das elites no poder, para que se pudesse realizar tal proeza, duas estruturas arcaicas deveriam ser combatidas: de um lado, o problema do analfabetismo; de outro, mas intimamente relacionado, o problema da saúde pública. Sem uma mente sã em um corpo sã nenhum progresso seria possível. A salvação da nacionalidade e a consequente regeneração do povo brasileiro era o mote de um projeto de motivação e conteúdo eugênico. O Estado tinha um papel central naqueles tempos. Nosso objetivo é refletir sobre a transição ocorrida no Estado brasileiro, no período entre 1926 e 1945, que transita de uma matriz lockeana (liberal) para uma matriz hobbesiana (corporativista), avaliando a relevância da questão social como parte central desse processo histórico.

**Palavras-chave: Juventude. Cultura Política. Estado.**

## **6. TEMPOS DIVERGENTES: A SOCIOEDUCAÇÃO ENTRE A NORMA E O COMUM**

### **Marília Rovaron**

Doutoranda em Ciências Sociais –  
Universidade Estadual Paulista (UNESP)  
mariliarovaron@gmail.com

Em 2021 comemoramos 31 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente, importante marco regulatório dos direitos e deveres das infâncias e adolescências brasileiras. As medidas socioeducativas, preconizadas pelo Estatuto, ainda hoje, configuram um campo bastante tensionado. Por um lado, o viés sancionatório, que atravessa a história nacional, vigora com grande ênfase nas instituições punitivas. Por outro lado, a educação, espinha dorsal da proposta socioeducativa voltada aos adolescentes a quem se atribui o ato infracional. Ainda neste campo de disputa, inúmeras são as investidas que buscam punir ainda mais os adolescentes a quem se atribui a prática do ato infracional, como as propostas de redução da maioria penal, por exemplo.

Referendada por Antônio Carlos Gomes da Costa em meados de 1970 como o terreno baldio das políticas públicas, ainda hoje, cinco décadas depois, a Política Socioeducativa suscita muitos questionamentos entre os atores que se debruçam sobre ela, seja em sua operacionalização ou em pesquisas. Confinados em centros socioeducativos, adolescentes e jovens seguem submetidos à múltiplas violências, que antecedem a sanção, mas não findam sob a tutela do Estado. Buscaremos, por meio de revisão bibliográfica e de nossa experiência empírica no campo, através de atuação em diferentes centros de internação da Fundação CASA no Estado de São Paulo, apresentar elementos que objetivam levantar questões atuais sobre a Socioeducação no Brasil e seus desdobramentos práticos e discursivos, a fim de mensurar a coerência entre as diretrizes que orientam a política e as reflexões que desdobram das práticas de atendimento. Para tanto, utilizaremos como referencial teórico autores como Aldaíza Sposati, Elionaldo Julião, Maria de Lourdes Trassi Teixeira, Maria Liduína Silva, Irene Rizzini, David Garland, dentre outros.

**Palavras-chave: Punição. Medidas socioeducativas. Sociedade de controle.**

## **7. BAHIA NO AR: ENDEREÇAMENTO, CRIMINALIZAÇÃO DA JUVENTUDE NEGRA E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA NO TELEJORNAL DA MANHÃ**

**Mário Gonzaga Jorge Junior**

Universidade Federal da Bahia

marjor87@gmail.com

Este artigo analisa os sentidos e discursos construídos sobre as juventudes no Bahia no Ar, telejornal matinal da RecordTV Itapoan, exibido de segunda a sexta-feira das 7h20 às 8h30, apresentado pela jornalista Jéssica Smetak no ano de 2019. O telejornal é dividido em três blocos e tem duração total de uma hora e dez minutos. O corpus é composto de 20 edições, com 22 horas de gravações e um total de 260 notícias. A pesquisa é norteada pelo aporte teórico dos estudos culturais. Como referência teórica, conceitual e metodológica utilizamos o Mapa das Mediações elaborado por Jesús Martín-Barbero (2006),

que corresponde a uma forma de constituir questões sobre o modo como a comunicação opera na relação com a cultura e a política. Problematizamos as imbricações entre racismo e o aspecto geracional a partir dos dados estatísticos que apontam a atuação de uma necropolítica (MBEMBE, 2016). Os paradigmas utilizados na fundamentação de políticas públicas de juventudes, na América Latina, sistematizados por Helena Abramo (2005), são tomados aqui como operadores metodológicos e a partir deles apontamos a prevalência de duas abordagens no material analisado: “Juventude como etapa problemática” e “juventude como período preparatório”. O telejornal apresenta pautas ligadas à educação e ao mundo do trabalho, o que indica um certo direcionamento a este público com ênfase numa abordagem etapista da juventude, como no quadro “Minha profissão, meu futuro”. Porém, chama nossa atenção a construção da “juventude como etapa problemática” (ABRAMO, 2005) numa permanente associação com a criminalidade. Este, aliás, é o tema no qual o telejornal mais mobiliza a questão juvenil. Nossos achados apontam que os telejornais do meio na Bahia têm passado por transformações editoriais que se aproximam cada vez mais das marcas dos programas policiais. Mas, no caso da TV Itapoan, o jornal do café da manhã não escapa à identidade editorial da TV Record que privilegia notícias do mundo cão. No período analisado, 31,39% das matérias sobre violência estão relacionadas à delinquência juvenil. As imagens e textos projetados acabam identificando os jovens com delinquência e desvio, aspectos que na formulação de Jesús Martín-Barbero (2008) acabam criminalizando perigosamente a figura da juventude. Portanto, nossos achados apontam que há uma chave central que constitui o jovem negro como sujeito violento e uma naturalização em relação a mortes de jovens. Em números absolutos a Bahia lidera o número de homicídios no país, segundo o Atlas da Violência. Porém, há uma naturalização em relação ao extermínio da juventude negra. Todavia, além da identificação dos discursos hegemônicos sobre as juventudes, buscamos identificar possíveis práticas de resistência juvenil. Resistência, aqui, deve ser compreendida na perspectiva dos Estudos Culturais, principalmente a partir das ponderações de Freire Filho (2007) que adverte quanto à visão exageradamente otimista em relação à resistência, mas que propõe uma abertura para a compreensão da variedade de ganhos e conquistas que a resistência juvenil pode provocar.

**Palavras-chave: Juventudes. Telejornalismo. Criminalização.**

## 8. DESAPARECIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES E AS POLÍTICAS DE ACOLHIMENTO

### **Juliane Maguetas Colombo Pazzanese**

Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFG

julianepazzanese@discente.ufg.br

De acordo com o último Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSB, 2020) foram registrados 79.275 desaparecimentos de pessoas no Brasil em 2019, somente em Goiás foram 3.099 desaparecimentos. Neste universo estão incluídos os desaparecimentos de crianças e adolescentes. Diante deste fenômeno, várias questões emergem, entre elas: “Quais as consequências dos desaparecimentos para as famílias? Como elas enfrentam as buscas pelos seus filhos e filhas? De que forma os desaparecimentos modificam a dinâmica familiar e os papéis de cada um? As experiências têm apontado que grande parte das mães se concentram em encontrar o filho/a desaparecida, já os outros membros da família precisam se reorganizar para realizar as tarefas anteriormente realizadas por ela; o desaparecimento também muda as funções laborais e afeta financeiramente a família já que alguns integrantes podem deixar o emprego para participar da busca ativamente; além disso, afeta a vida conjugal, em especial a vida das mães, pois muitas mulheres que desempenham um papel ativo na busca acabam por serem abandonadas pelos seus companheiros que decidem não acompanhá-las nas lutas e buscas; não há dúvida de que afeta a dimensão da saúde mental, e devido ao adoecimento frequente, pode se tornar um problema de saúde pública. Toda essa dimensão de sofrimento se torna ainda mais intensa quando se pensa em crianças e adolescentes que desaparecem pois, desestabilizam psíquica e socialmente as famílias, em especial as mães, que culturalmente são as responsáveis pelos cuidados e segurança dos filhos, gerando forte sentimento de culpa e abandono, pois elas não encontram um lugar de fala e expressão desse sofrimento, sendo, muitas vezes, julgadas pela sociedade (BROWN, 1995; FARBER, 2013). Nesse sentido, o objeto deste trabalho será analisar as possibilidades de políticas de acolhimento aos familiares, de forma a pensar programas de reinserção familiar quando se fala em desaparecimento voluntário por questões de violências intrafamiliar. Entendemos que a criação de políticas de acolhimento

objetiva diminuir o impacto psicossocial na dinâmica familiar por meio da articulação de redes de apoio. O acolhimento ao familiar deve começar na forma como são recebidos e orientados pelos agentes responsáveis pelo registro do desaparecimento da criança. Além do acolhimento, é importante a criação de manuais que orientem as famílias sobre informações básicas, como por exemplo, onde buscar atendimento especializado (SEGOVIA E JASSO, 2020; LEAL, 2017). Por fim, entendemos que por meio de ações de sensibilizações e treinamento é possível melhorar a forma de comunicação entre famílias e agentes. A criação de redes de apoio viabiliza também o contato entre famílias que enfrentam situações semelhantes possibilitando assim a comunicação e fortalecimento dos movimentos sociais que se organizam para dar maior visibilidade ao problema dos desaparecimentos (FREIRE, 2013). Para obter os dados e informações necessárias para alcançar o objetivo deste trabalho, será necessário realizar entrevistas semiestruturadas e aplicação de um questionário sociodemográfico com familiares de jovens desaparecidos na cidade de Goiânia-GO.

**Palavras-chave: Desaparecimentos; Crianças Desaparecidas; Política de acolhimento; Goiânia-GO**





# GT 4

## JUVENTUDES, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL

---

### **Coordenadores:**

Dr.<sup>a</sup> Flávia Cassimiro

Dr. Paulo Brito do Prado



## 1. ROLÊS DE JOVENS ESTUDANTES E UNIVERSITÁRIOS NA CIDADE DE GOIÁS: GIRO ETNOGRÁFICO, ALGUMAS IMPRESSÕES E ITINERÁRIOS DA PESQUISA EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**Dr.º. Paulo Brito do Prado (UFF – UFG)**

*Olho e vejo tua ancianidade vigorosa e sã.  
Revejo teu corpo patinado pelo tempo, marcado das escaras da velhice.*

*Desde quando ficaste assim?*

**Cora CORALINA (1976, p. 90)**

*Eu sou aquela amorosa  
de tuas ruas estreitas,  
curtas,  
indecisas  
entrando,  
saindo  
umas das outras.*

**Cora CORALINA (1985, p. 103-104)**

O presente trabalho é uma incursão preliminar feita mediante o olhar antropológico do fenômeno social dos rolês produzidos por jovens estudantes e universitários em lugares específicos do Centro Histórico da cidade de Goiás. Para além de ver tal fenômeno contemporâneo pela lente das questões de gênero, sexualidade e os estudos de juventude, a pesquisa vislumbra uma proposta metodológica e etnográfica interessada em cruzar os campos da história e da antropologia. No fazer etnográfico optamos, além dos procedimentos convencionais da pesquisa de campo (entrevistas, interlocução e registro em diários de campo), a tomada do desenho (aquarelas) e da produção de imagens como forma de registro para a produção da narrativa que compõem esta investigação. Fruto de pesquisa de doutorado este pequeno fragmento propõem um rápido giro pela Goiás contemporânea, por suas marcas do tempo e pelos usos feitos por jovens estudantes, universitários e turistas de seus espaços. Partindo de bares ou dos becos, da praça do Coreto e de seus lugares limítrofes, ou seguindo o fluxo de tantas pessoas em noitadas ao som

do funk, sertanejo universitário, eletrônico, forró, arrocha e sempre acompanhados por alguma bebida (corote, vodca com ice, vinho, cerveja, licores ou outras misturas) testemunhamos diferentes grupos de jovens mobilizarem outros significados e atribuírem outros sentidos a Goiás ainda que não deixassem de lado a fama que a cidade carrega e que se relaciona ao seu passado e à sua história. Junto a muitas pessoas participamos de novas diversões e vimos diferentes formas de se usar os espaços de Goiás nos períodos de tempo em que decorriam os rolês. Tudo isto evidentemente vinha acompanhado pelo cenário romântico de uma cidade de pequenas dimensões territoriais, guardiã de passados e de tradições, iluminada por lampiões com uma coloração amarelada, poética, evocativa e que remetia a uma longa trajetória histórica caracterizada pelos tempos da Colônia, do Império e da República. Pensando nos significados que tantas pessoas atribuíam à cidade, naquilo que as estimulava a estar por tantos espaços dessa cidade e interessados na localização de Goiás no tempo e no espaço exploramos algumas pesquisas que antecederam esta, percorremos questões que inspiraram esta proposta investigativa, apontamos algumas problemáticas conceituais e metodológicas, caminhamos por sua história, mostramos como a ideia de Cidade Histórica e patrimonial foi fabricada e alcançamos alguns dos muitos sentidos produzidos por jovens frequentadores de rolês em uma Goiás famosa, centro de atenções da mídia local e nacional e badalada por muitas festas.

**Palavras-chave: Goiás. Rolês. Juventude. Desenhos e imagens. Gênero e Sexualidade.**

## **2. DESCONSTRUINDO ESPAÇOS HEGEMÔNICOS: A EXPERIÊNCIA DA DISCIPLINA MULHERES E IGUALDADE DE GÊNERO NOS CURSOS DE ENGENHARIA DA UFG**

**Mariana Nascimento**

Universidade Federal de Goiás

marianascimento@ufg.br

**Karla Hora**

Universidade Federal de Goiás  
karla\_hora@ufg.br

**Kátia Kopp**

Universidade Federal de Goiás  
kakopp@ufg.br

**Márcia Mascarenha**

Universidade Federal de Goiás  
marciamascarenha@ufg.br

**Maria Carolina Brandstetter**

Universidade Federal de Goiás  
maria\_carolina\_brandstetter@ufg.br

**Rita de Cássia Silva**

Universidade Federal de Goiás  
silva.ritacassia@gmail.com

Nos últimos anos, muito tem se falado sobre a relação entre a educação e as desigualdades raciais e de gênero no Brasil. Mesmo sendo um estado democrático, que assegura o direito à educação e à qualificação para o trabalho aos indivíduos) não são todos (as) os (as) cidadãos (ãs) que usufruem plenamente destes direitos. Esta afirmação é observada na inexpressiva admissão de estudantes do sexo feminino para os cursos de engenharia em todo o país, visto que apenas 23% dos discentes eram do sexo feminino nos cinco cursos de engenharia (Computação, Mecânica, Elétrica, Civil e Engenharia Ambiental e Sanitária) da UFG em junho de 2017. Essa baixa representatividade resulta em um ambiente hegemônico que reafirma as relações de poder entre os indivíduos que compõem estes espaços. Diante disso, um grupo de docentes propôs, em 2017, uma disciplina que pudesse contribuir na discussão de gênero nas engenharias, a qual vem sendo ofertada anualmente. Dessa forma, este artigo objetiva apresentar a experiência da disciplina Mulheres e Igualdade de Gênero nas Engenharias, ministrada no período 2021-1 na UFG, e a con-

tribuição da mesma na problematização teórica sobre gênero e raça com as (os) estudantes participantes. A disciplina foi ministrada no formato remoto, como núcleo livre, e teve a participação de estudantes dos diversos cursos de engenharia da UFG. A disciplina teve como objetivo estudar a representação social das mulheres no mundo do trabalho, com especial destaque para as áreas tecnológicas e engenharias, abordando elementos para construção de ações de igualdade racial e de gênero. A estratégia de ensino consistiu em palestras ministradas por pesquisadoras sobre as noções gerais do conceito de gênero e seus entrecruzamentos. Como atividades avaliativas foram desenvolvidos seminários pelas (os) estudantes em tema de suas preferências e uma atividade prática, de forma a disseminar o conteúdo discutido em sala de aula para a comunidade acadêmica da EECA e a sociedade em geral. A relevância da disciplina para a ampliação do entendimento sobre as questões de gênero pelas (os) discentes e na construção da igualdade de gênero nas engenharias foi avaliada pelos (as) discentes. Por fim, percebeu-se a importância e necessidade de ações como essa para desconfigurar os esquemas de opressão que tem no gênero e na raça um mecanismo de exclusão de estudantes nos cursos de engenharia na Universidade Federal de Goiás.)

**Palavras-chave: Relações de Gênero. Educação. Engenharias.**

### **3. O COMITÊ ESTADUAL DE ENFRENTAMENTO À LGBTFOBIA – COMELLG E AS PAUTAS ANTIGÊNERO DA BASE GOVERNISTA DE GOIÁS.**

#### **Flávia Valéria Cassimiro Braga Melo**

Doutora em Antropologia Social (UFG)

Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG)

flavia.braga@ueg.br

Este texto pretende trazer reflexões sobre a conjuntura goiana no enfrentamento à LGBTfobia e analisar sobre a criação do Comitê Estadual de Enfrentamento à LGBTfobia - COMELLG-GO. Criado por intermédio do Decreto nº 9.755/2020, com o objetivo de apoiar, articular, deliberar, propor, fomentar,

monitorar e avaliar, numa conjunção de esforços com a sociedade civil, as ações governamentais e a política pública estadual de enfrentamento às várias formas de preconceito e de violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e demais diversidades sexuais no Estado de Goiás. No entanto, embora o comitê tenha sido fruto de conquistas obtidas da luta de servidores efetivos das secretarias estaduais de Goiás, a base governista de extrema direita gaba-se pela autoria de sua criação, ao mesmo passo que apresenta projetos de lei que inviabilizam as pautas de direitos humanos às pessoas LGBTQIA+. Assim, objetiva-se descrever sobre as ações desenvolvidas pelo comitê e relatar quais são as principais barreiras enfrentadas pelos seus representantes no enfrentamento à LGBTfobia no estado de Goiás, desde a sua recente criação.

**Palavras chave: LGBTfobia. COMELLG. Diversidade sexual.**

#### **4. COMO A FALTA DA EDUCAÇÃO SEXUAL E SOCIAL CORROBORA PARA A EXCLUSÃO E INCOMPREENSÃO DAS NOÇÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.**

##### **Rayssa Regina Costa de Sousa**

Estudante de graduação em Direito  
UEG (Universidade Estadual de Goiás)  
rayssaregina8@gmail.com

##### **Flávia Valéria C B Melo**

Docente em Antropologia Social - UEG  
Mestre em Ciências da Religião.

A educação sexual e social se mostra extremamente necessária para a sociedade, principalmente para as juventudes, visto que estas, por estarem mais abertas ao autoconhecimento, diversas vezes se encontram desamparadas em relação às próprias identidades de gênero e diversidades -especialmente quando não lhes é introduzido adequadamente o debate sobre gênero e diversidade em seus meios sociais, escolares e familiares- e sucintas a desinfor-

mação gerada pela heteronormatividade imposta. Em decorrência disso, os indivíduos se tornam mais vulneráveis ao preconceito e as desigualdades propagados por grande parte da população e, conseqüentemente, mais propícios a vícios e ao desenvolvimento de doenças que afetam a saúde mental desses indivíduos. Nesse sentido, entende-se que, apesar dos diversos resquícios do sistema patriarcal presente ainda na atualidade, é preciso que seja discutida e compreendida a existência das intersecções que existem na sociedade e que estas não devem ser invisibilizadas, mas sim expostas e entendidas pelos diversos segmentos da população. Portanto, o processo de conhecimento e aprendizagem exerce importante função na exposição acerca das noções de gênero e diversidade sexual, que colaboram para a inclusão e entendimento das interseccionalidades. No entanto, a problemática se encontra, quando ocorre a retirada do termo gênero e orientação sexual da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), fato feito pelo Ministério da Educação, que acentuou a promoção do desenvolvimento de um país machista, misógino e homofóbico. Desse modo, compreende-se que é preciso a reflexão e introdução de matérias que dialoguem com essas questões -demonstrando a necessidade do acolhimento às diversidades, sem preconceitos ou estereótipos baseados na identidade de gênero e orientação sexual- para que as diferenças deixem de serem vistas como um tabu da sociedade, e não seja criado um falso ideal de ser humano normal e perfeito, reconhecido diversas vezes como homem, branco, cis e hétero. Assim, espera-se que a sociedade se posicione de forma a não excluir a juventude, mas sim que permeie desde os mais íntimos aspectos dos indivíduos e lhes proporcione conhecimento acerca das mais diversas intersecções. Logo, com isso será produzido um ambiente confiável e acolhedor em que todos possam expressar suas identidades e serem livres e incluídos.

**Palavras-chave: Juventude. Identidade. Conhecimento.**



# GT 5

## **JUVENTUDES, EDUCAÇÃO E PANDEMIA: TDIC 's E EXCLUSÃO SOCIAL**

---

### **Coordenadores:**

Dr.<sup>a</sup> Rosane Castilho

Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira





## 1. JUVENTUDES DO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS (COVID-19)

### **Cristiane Gonzaga Oliveira**

Mestranda em Avaliação de Políticas Públicas (UFC)  
cristiane.gonzaga@alu.ufc.br

### **Maria Jucilene Borges de Souza**

Mestranda em Avaliação de Políticas Públicas (UFC)  
jucileneborges@alu.ufc.br

Este artigo é um recorte de uma pesquisa, em andamento, na Universidade Federal do Ceará, que visa compreender a relevância do Instituto Federal do Ceará (IFCE) – *campus* Baturité para a inserção das juventudes no mundo do trabalho. Instituição esta situada na região norte do Estado do Ceará, área serrana e com vocação para o turismo. Neste trabalho serão analisadas, especificamente, quais ações financeiras essa instituição realizou que podem ter auxiliado os discentes no contexto da pandemia do covid-19. E, para tal, apresenta-se um panorama do perfil socioeconômico do público atendido pelo campus, a partir do levantamento de dados dos estudantes. Perfil este que é formado, majoritariamente, pelas juventudes, mulheres, negras e que pertencem a lares com vulnerabilidade socioeconômica. Em um segundo momento, faz-se um demonstrativo dos recursos direcionados ao IFCE para atuação direta aos estudantes, e apresenta-se um panorama, diante da pandemia, das ações que foram desenvolvidas pela instituição nesse cenário. Frisa-se que a partir do Questionário Socioeconômico, aplicado em 2019 aos discentes pela instituição, é possível verificar que a maioria dos respondentes não trabalhavam, e quase metade não tinham computador. Os dados referentes à questão orçamentária baseiam-se no Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento (SIOP), enquanto as ações realizadas pelo IFCE foram encontradas através das notícias divulgadas no site da instituição, nas redes sociais e no Relatório de Gestão. Então, a partir do cruzamento desses dados, do perfil dos discentes e das atividades realizadas pela instituição, é possível compreender a relevância dessas ações para minimizar alguns dos impactos da pandemia. No entanto,

é preciso frisar que o contexto não foi agravado somente pela pandemia do covid-19, mas, principalmente, pela Emenda Constitucional nº 95/2016, que congelou por 20 anos o orçamento das áreas sociais, no Brasil, que é reflexo do avanço do neoliberalismo a nível mundial. Entretanto, é preciso perguntar aos beneficiados como estes (as) compreendem a relevância disso para suas vidas diante desse contexto pandêmico, entre outros aspectos. Como aporte teórico-metodológico e político, nesta pesquisa, optou-se pela perspectiva da Avaliação em Profundidade, por esta melhor se adequar à proposta deste estudo. Isso por não partir de uma suposta neutralidade, nem de uma dualidade entre as abordagens qualitativas e quantitativas e, que visa o aumento das políticas, não o contrário. Isso por compreender que as desigualdades no acesso, permanência e êxito, principalmente, na educação já eram notórias, mesmo antes do contexto pandêmico, e, que foram agravadas e desnudaram essa situação tão ruim. Diante disso, verifica-se que as políticas de ações afirmativas têm auxiliado no ingresso das juventudes nas instituições federais de ensino, e, inclusive é disponibilizado auxílios estudantis que proporcionam, em parte, a permanência nestas, mas somente com a pandemia se custeou tablets e internet aos discentes. Desta forma, o surgimento dos Institutos Federais está altamente interligado a esse contexto, e tem o intuito de minimizar essas desigualdades e proporcionar uma educação pública, gratuita e interiorizada. Por fim, faz-se necessário o aprofundamento desse trabalho para uma melhor compreensão desse contexto pandêmico, de redução orçamentária e de grandes desigualdades sociais.

**Palavras-chave: Instituto Federal. Juventudes. Pandemia do covid-19.**

## **2. DAS AULAS REMOTAS AO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO: DILEMAS ENFRENTADOS PELOS JOVENS-ESTUDANTES BRASILEIROS NA PANDEMIA DA COVID-19**

**Hélio Souza de Cristo**

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

helio-87@hotmail.com

## **Ítala Cristina Machado França Barreto**

Secretaria de Educação do Estadual da Bahia  
italacristina@live.com

## **Jones César da Paixão**

Secretaria de Educação do Estadual da Bahia  
jonespaixao23@gmail.com

Este trabalho de natureza bibliográfica e abordagem qualitativa tem como objetivo tecer considerações sobre a influência e os efeitos da resistência do Ministério da Educação do Brasil (MEC) pela manutenção do cronograma e datas das provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em 2020. São considerados os fatores que se apresentam – em seu conjunto – como elementos que dificultaram a efetiva participação dos estudantes no ENEM, sobretudo da rede pública de ensino, diante da suspensão das aulas em decorrência da pandemia causada pela Covid-19. Reflete-se como questões relacionadas à exclusão digital, carência de acesso à internet, problemas espaciais, familiares, sociais, culturais, econômicos, falta de formação para professores e coordenadores pedagógicos, deficiências de escrita e leitura, assim como a baixa literacia digital se apresentaram como fatores que maximizaram as mazelas econômicas, culturais, tecnológicas, educacionais e políticas num período em que estudantes, mães, pais, responsáveis, professores e coordenadores pedagógicos tiveram que se adequar à educação remota. A pesquisa publicada em 2020 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística sinaliza que, em média, 69,8% dos brasileiros possuem conexão à internet. Desse total, os *smartphones* são o principal veículo de acesso, sendo que o acesso à internet através de aparelhos celulares é de 97%, e 56,6% através de computadores. Em 2018, a Casa Fluminense apontou que, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, 32% dos inscritos no ENEM não possuíam computador em suas residências e maioria inscrita era negros, mulheres e estudantes da rede pública de ensino. Com base nos dados de 2018 da Casa Fluminense, os Infográficos da Desigualdade referentes à Série Covid-19 chamam atenção que o Norte e o Nordeste representam as regiões brasileiras com maiores índices de desigualdades no período da pandemia da Covid-19. De modo geral, esses percentuais trazem à tona o universo de desigualdades sociais, econômicas,

culturais e tecnológicas onde estão inseridos os estudantes das escolas públicas brasileiras. Aspecto que se apresenta, exponencialmente, mais desigual quando se compara os dados de conexão à internet da população que vive no campo (41% possuem conexão) em relação à população urbana, que alcança 80,1% (IBGE, 2020). Foi neste cenário de desigualdades mais visibilizadas e reforçadas pela pandemia e perante a grande possibilidade dos estudantes apresentarem baixo desempenho no ENEM que o Ministério da Educação e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) se posicionaram indiferentes a essa realidade e seguiram na contramão da garantia de um processo justo, equânime e democrático. Nesse cenário de negação das peculiaridades enfrentadas pela maioria dos estudantes das classes populares, o Ministro da Educação do Brasil, à época Abraham Weintraub, diz que o ENEM não foi feito para corrigir injustiças sociais e, sim, para selecionar as melhores pessoas. A fala de Weintraub revela uma perspectiva que concebe o ENEM como uma avaliação competitiva, excludente e meritocrática; bem como demonstra a falta de respeito e compromisso com uma educação pública de qualidade, uma vez que o ENEM representa para muitos jovens um instrumento de reconstrução histórica, justiça social e continuidade dos seus projetos de vida.

**Palavras-chave: Juventudes. ENEM. Covid-19.**

### **3. DESMOTIVADOS, ESFORÇADAS, E VULNERABILIZADOS: UM OLHAR HETEROGÊNEO PARA OS JOVENS EVADIDOS DA ESCOLA**

**Miguel Bonumá Brunet**

Professor EBTT do IFRO, Campus Ji-Paraná  
miguel.bonuma@ifro.edu.br

**Bruna Rossi Koerich**

Doutoranda do PPGS-UFRGS  
koerich.bruna@gmail.com

A conclusão da educação básica é considerada elemento chave para a construção de projetos de futuro. No cenário brasileiro, desde 2009 a educação básica é considerada obrigatória para todos os cidadãos de 4 a 17 anos de idade, independentemente do nível de ensino. Uma das metas do Plano Nacional de Educação compreendia a universalização do atendimento escolar para essa faixa etária até 2016. Contudo, as pesquisas apontam dificuldades para o alcance dessa meta, em especial no que se refere aos jovens de 15 a 17 anos, que apresentaram uma taxa de frequência escolar líquida de 71,4% em 2019. Dessa forma, a evasão escolar de adolescentes e jovens é apontada como um dos desafios a serem enfrentados no país. Nesta pesquisa, contribuímos com a compreensão desse fenômeno utilizando técnicas estatísticas exploratórias com o software R em dados da PNAD-C do IBGE, comparando o primeiro trimestre de 2012 e 2020. A pesquisa teve como objetivo investigar a heterogeneidade dos jovens em situação de evasão escolar no Brasil. Foram utilizadas as técnicas de Análise Fatorial Múltipla e Clusterização para identificar as variáveis mais significativas para esta população e analisar os diferentes perfis de jovens evadidos. A Análise Fatorial Múltipla foi realizada com base na teoria bourdieusiana, que pressupõe a multidimensionalidade do espaço social considerado, assentando-se principalmente em três dimensões: volume de capital, composição de capital e trajetória, construídas a partir do capital econômico, capital cultural e capital social. A categoria de “jovens evadidos” foi definida como jovens em idade escolar que não haviam concluído a escolarização básica e não estavam estudando. Os resultados apontam que há uma clara heterogeneidade dentre estes jovens, o que contraria pesquisas que os pré-concebem de forma homogênea, revelando que não há uma única maneira de lidar com a evasão escolar. Verificamos que os jovens evadidos podem ser agrupados em três *clusters* principais, diferenciados segundo volume e estrutura de capitais, bem como segundo as variáveis: sexo, nível de escolaridade, situação laboral, região, ocupação e escolaridade dos responsáveis. Denominamos os três clusters de acordo com uma interpretação própria, sendo eles: a) Desmotivados: marcado por jovens homens, brancos, da região sul, trabalhadores, com capital econômico, cultural e social mais alto que os demais; b) Esforçadas: composto por um perfil de jovens mulheres, pardas, nordestinas, que exercem atividades domésticas, com capital cultural alto, próximo ao capital cultural dos jovens do primeiro *cluster*, mas com baixo capital econômico e

social, com pais sem trabalho; e c) Vulnerabilizados: caracterizado por jovens homens, nordestinos e nortistas, sem trabalho, com capital econômico e cultural mais baixo dentre os jovens evadidos, mas capital social mais favorecido que o segundo *cluster* quanto à ocupação dos pais. A comparação entre 2012 e 2020 revelou uma redução maior dos dois primeiros clusters e um aumento na escolaridade em todos eles, além de mudanças nas variáveis com maior peso na definição dos clusters. Concluímos que há heterogeneidade entre os jovens em situação de evasão escolar, a qual precisa ser melhor analisada para compreender os fatores que incidem sobre este fenômeno.

**Palavras-chave: Juventudes. Educação. Evasão escolar.**

#### **4. DESIGUALDADE E PANDEMIA: AS DIFICULDADES NO ACESSO À EDUCAÇÃO DE ESTUDANTES EM VULNERABILIDADE SOCIAL**

##### **Tauana da Silva Cherutti**

Universidade Feevale  
tauanacherutti@hotmail.com

##### **Dinora Tereza Zucchetti**

Universidade Feevale  
dinora@feevale.br

O presente estudo aborda os conceitos que permeiam os processos educativos durante a pandemia da Covid-19, a partir do fechamento das escolas, onde o Brasil foi considerado o país que por maior tempo permaneceu nesta condição. Desta forma, instaurou-se o ensino remoto emergencial e consigo inúmeras disparidades. Assim, objetiva-se analisar as desigualdades no acesso à educação de estudantes em situação de vulnerabilidade social. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, a partir de estudos, pesquisas e produções de autores que permeiam o entrelaçamento das temáticas: Tecnologia Digital da Informação e Comunicação (TDIC), exclusão social e digital, e educação em tempos de pandemia. À vista disso, tendo como referências: Castel (2019), Castells (2001), CETIC.BR (2021), Grabowski et al (2020), Freire (2019), Santos

(2021), Todos pela Educação (2020), Unesco (2020) e Venturini et al (2020). Portanto, as tecnologias estão avançando constantemente, estamos integrados e dependentes de uma cultura digital, onde não possuir tais recursos, produzem a exclusão e a segregação. A partir disso, os principais motivos pela grande parcela da população pertencente as classes DE, não estarem conectadas com a internet são o elevado custo e o desconhecimento da sua utilização. Por conseguinte, para o desenvolvimento do ensino remoto emergencial é necessário recursos tecnológicos para acessar as atividades enviadas pelos professores, além disso os responsáveis se tornaram mediadores do processo de aprendizagem. Entretanto, muitas famílias não possuem tais ferramentas e nem educação suficiente para auxiliar nas dificuldades de seus filhos, ou estão sobrecarregados com os trabalhos, perda de familiares para a doença e tantas outras dificuldades que estão sendo enfrentadas neste período. Além disso, os estudos publicados informaram diversas consequências para o fechamento das escolas: houve a interrupção do aprendizado e da alimentação – que em grande parte acontecia dentro do ambiente escolar -, adaptação dos professores a nova modalidade, pais sem preparação, aumento da evasão e do isolamento social e lacuna na assistência aos estudantes, assim propiciando a marginalização, a violência e a gravidez precoce. Os maiores atingidos por tal realidade conflituosa foram as crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, assim o direito de aprender e de ter acesso à uma educação de qualidade, foram negados. Desse modo, o país não possui capacidade de ter um ensino à distância que seja para todos, em que somente retratou a exclusão de uma parcela da população. Em consonância com isso, houve um aumento na desigualdade entre a escola particular que obteve meios para continuar o processo de forma mais ágil e assertiva, pela condição social em que está inserida, entre a escola pública que esteve permeada por inúmeras adversidades. Tendo em vista as informações elencadas, compreende-se que a ausência de políticas públicas e orientações que de fato proporcionassem a inclusão de todos nessa metodologia digital, ocasionaram os impactos supracitados anteriormente, assim levará anos e até décadas para reverter tais situações.

**Palavras-chave: Educação. Desigualdade. Pandemia.**

## **5. ESTADO DO CONHECIMENTO DE TRABALHOS DE PÓS-GRADUAÇÃO SOBRE JUVENTUDES NA ÁREA DA EDUCAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL (2000 – 2020)**

### **Victor Hugo Nedel Oliveira**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

victor.juventudes@gmail.com

### **Melissa de Mattos Pimenta**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

melissampimenta@gmail.com

Pesquisadores do campo de investigação das juventudes vêm produzindo diversos estudos que analisam os múltiplos elementos relacionados aos jovens contemporâneos. O principal objetivo do presente trabalho foi iniciar a construção do estado do conhecimento das pesquisas em nível de pós-graduação sobre juventudes no estado do Rio Grande do Sul, na área da educação. Para tanto, realizou-se pesquisa bibliográfica junto à Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, adotando recorte temporal compreendido entre os anos de 2000 e 2020 e os seguintes descritores, utilizados a partir de combinações entre os mesmos: jovens, juventudes, adolescência, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Região Metropolitana de Porto Alegre. Foram encontrados e selecionados para a pesquisa, nessa busca inicial, 330 trabalhos oriundos de 40 áreas de Programas de Pós-Graduação. Desses, 93 trabalhos originaram-se de programas da Educação. Os resultados preliminares da investigação apontaram que, dos trabalhos selecionados, 68,8% (n = 64) são dissertações e que 31,2% (n = 29) são teses. A instituição que mais produziu trabalhos foi a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com 77,4% (n = 72) do corpus analítico, seguida pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com 7,5% (n = 7) dos trabalhos. Ao verificar a origem das instituições, constatou-se que a ampla maioria (78,5%, n = 73) dos trabalhos foram produzidos em Universidades públicas. Não se verificou constância em relação ao ano de produção dos trabalhos no recorte temporal adotado, apurando-se, contudo, que a média de trabalhos por ano foi de 4,75% (n = 4,4) e que os anos de 2006 e 2008 foram



os que apresentaram maior quantidade de trabalhos (10,7%, n = 10) cada. Ao analisar os conceitos CAPES dos Programas de Pós-Graduação dos trabalhos selecionados, aferiu-se que a ampla maioria das produções ocorreram em programas com conceito de excelência, sendo 84,9% (n = 79) em programas com conceito 6 e 4,3% (n = 4) em programas com conceito 7. Em relação à territorialidade dos trabalhos, observou-se que a 45,5% (n = 42) trataram diretamente da cidade de Porto Alegre, capital do estado, seguidos de 25,8% (n = 24) de trabalhos ambientados em municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre e de 20,5% (n = 19) pesquisas que analisaram o estado como um todo. Ao analisar os títulos dos trabalhos, algumas expressões destacaram-se pela sua recorrência, o que indicam, por exemplo, os sujeitos da pesquisa (jovens, juventudes, juventude, adolescentes, alunos); os espaços de realização das investigações (escola, RS, Porto Alegre, periferia, urbana, cidade); a etapa de ensino (ensino médio); e características gerais dos trabalhos (práticas, experiências, identidades, modos, culturas, participação, narrativas, cotidiano, profissional, construção). É possível considerar, ainda que preliminarmente, a importância das Universidades públicas na consolidação do campo, bem como a centralidade de trabalhos desenvolvidos na Região Metropolitana ou na própria capital do estado. A próxima etapa da investigação dará conta de análise específica desses trabalhos.

**Palavras-chave: Juventudes. Educação. Rio Grande do Sul.**

## **6. “EU DIRIA QUE NÃO ME SINTO PREPARADA PARA ESSE NOVO MUNDO”: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DOS JOVENS EM RELAÇÃO AS PERSPECTIVAS NA TRANSIÇÃO DA ESCOLA PARA O TRABALHO**

**Luciane Pereira Viana**

Faculdade IENH

viana.luciane.lu@gmail.com

**André Luciano Viana**

Universidade Feevale

viana-andre@hotmail.com

A pandemia mundial do COVID expôs algumas inseguranças da vida cotidiana e, também destacou a importância das tecnologias digitais e da conectividade principalmente em relação ao acesso aos serviços remotamente, incluindo educação e trabalho em razão da necessidade de promover o distanciamento social. Neste contexto, engana-se quem pensa que pelo fato de terem acesso aos smartphones e outros dispositivos tecnológicos, os jovens estão incluídos digitalmente. Salienta-se que as condições desiguais de acesso ao smartphone, aliadas à falta de políticas públicas para assegurar as condições necessárias ao acesso às tecnologias e as condições de aprendizagem digital, acabaram por dificultar ao jovem uma verdadeira inclusão digital. Por exemplo, como plena habilidade e conhecimento em como trabalhar em home office, distinguir fakes news, interagir com as diversas culturas digitais ou ainda saibam do seu importante papel como cidadão. Outro fator de relevância a observar, conforme salienta Novaes (2007), as juventudes vivem com três medos: “o medo de sobrar” (desemprego), “o medo de morrer” prematuramente e de forma violenta e “o medo de ficar desconectado”. Tendo como base a discussão do medo do desemprego, este artigo apresenta resultados de uma pesquisa cujo objetivo foi identificar a percepção dos jovens em relação às perspectivas na transição da escola para o trabalho no que se refere a estar preparado(a) para as demandas e competências digitais do mundo do trabalho. Neste artigo utilizou-se a pesquisa descritiva, qualitativa, com survey realizado no mês de maio de 2020, de forma on-line com 30 jovens na cidade de Novo Hamburgo/RS - Brasil. O referencial teórico descreve questões sobre juventudes, conexão, inclusão digital e o futuro do trabalho, conta com os autores Bauman, Castells, Feixa, Reguillo Cruz, Van Dijck, Winocur, entre outros. Os resultados apontam que os jovens possuem uma série de receios em relação ao seu futuro profissional, e que embora seja um fato comum em suas faixas etárias, no grupo estudado, há uma profunda preocupação com a necessidade de “estar preparado” para o mercado de trabalho, indicador citado constantemente ao longo da pesquisa. Ao mesmo tempo, parte dos respondentes mencionam a importância de permanecer “sempre estudando” (principalmente atentos ao uso das TICs), o que demonstra que os jovens buscam observar o contexto contemporâneo relacionado ao mercado de trabalho. Os respondentes entendem que suas futuras profissões perpassam por atividades que poderão ser feitas somente pela internet, e que o aperfeiçoamento

para suprir “as necessidades do mercado” necessitam de uma educação escolar atualizada aos desafios do século XXI.

**Palavras-chave: Juventudes. Brecha Digital. Inclusão Digital.**

## **7. A EXCLUSÃO SOCIAL ESCOLAR NA PANDEMIA: A REALIDADE DA JUVENTUDE CARENTE DE POLÍTICAS PÚBLICAS**

### **Túlio Tavares**

Mestrando da Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE-UFRJ).

Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

tuliotavares\_7@hotmail.com

O presente estudo tem como principal objetivo refletir sobre a exclusão social na educação entre estudantes pobres da cidade do Rio de Janeiro a partir da realidade de duas escolas distintas na pandemia. A metodologia foi qualitativa e quantitativa, uma observação participante e de respostas ao questionário “acesso digital”. O Colégio Estadual Sonhar (CES), localizado na região central da cidade do Rio de Janeiro, pertence a Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC-RJ), e o Colégio de Aplicação Fervedouro (CAF), localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, é atrelado a uma universidade pública e pertence a Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia. As duas instituições, portanto, pertencem ao Governo do Estado do Rio de Janeiro, ambas receberam um nome fictício, visando garantir a privacidade da comunidade interna de ambas as instituições. Ao acompanhar seis turmas do CES, uma escola pública comum, através da Residência Pedagógica (RP), foi constatada a ausência de participação e de respostas dos estudantes às atividades remotas, por esse motivo, foi aplicado um questionário, constatando que a baixa participação nas atividades curriculares estaria ligada às limitações tecnológicas, como não possuir internet Wifi. No CAF, escola com processo seletivo para a inserção na instituição, em que o contato foi realizado através do estágio de licenciatura em Sociologia da UERJ, foi possível constatar que os estudantes em situação de vulnerabilidade social receberam chip de internet e tablet para não serem

prejudicados ou excluídos do ensino-aprendizagem na pandemia. No CES, a presença nas aulas síncronas pelo Google Meet atingia até seis estudantes por turma. No CAF, por sua vez, com a distribuição de chips e tablets, a presença nas aulas síncronas pelo Google Meet atingia mais da metade dos estudantes, chegando ao quadro completo de presenças, cerca de 20 estudantes por turma. Diferente, portanto, da realidade encontrada no CES. As motivações para as ausências/faltas nas aulas do CAF, podem estar relacionadas a questões como exame médico de rotina. Nota-se, portanto, que entre estudantes desfavorecidos, as desigualdades educacionais atingiram de modo distinto os jovens alocados no ensino médio regular das instituições analisadas. Isto é, aqueles que possuem certo capital cultural e informacional, e que estavam inseridos no colégio de aplicação analisado (CAF), conseguiram amenizar as desigualdades no que compete ao acesso tecnológico. A distribuição de aparato tecnológico no CAF, demonstra que a realidade poderia ter sido diferente nas escolas públicas em geral, caso houvesse políticas públicas voltadas para o aparato tecnológico. Também é imprescindível salientar que os estudantes desfavorecidos do Colégio de Aplicação (CAF) são uma exceção, em vista que a maior parte dos jovens que cursam o ensino médio no Estado do Rio de Janeiro, estão em escolas ligadas à SEEDUC-RJ, caso do CES.

**Palavras-chave: Desigualdades Educacionais. Igualdade de Oportunidades. Pandemia.**



# GT 6

## **JUVENTUDES E EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DO NOVO ENSINO MÉDIO: BNCC, ITINERÁRIOS FORMATIVOS E EJA**

---

### **Coordenadores:**

Dr.<sup>a</sup> Sandra Maria de Oliveira

Dr. Vinicius Oliveira Seabra Guimarães



## 1. CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: a proposta da BNCC

### **Stella Sousa Ripardo Pereira**

Centro Universitário Estácio de Brasília  
stella\_ripardo@hotmail.com

### **Xênia Mara Honório Silva**

Centro Universitário Estácio de Brasília  
xenia.honorio@gmail.com

### **Helen Tatiana dos Santos Lima**

Centro Universitário Estácio de Brasília  
helen.lima1@edu.se.df.gov.br

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aprovada em 2018, com o intuito de corresponder às demandas de aprendizagem de estudantes de forma mais significativa e contextualizada, tem como marco legal Leis e algumas políticas de educação, como a LDBEN 9.394/96; as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que tratam da obrigatoriedade do ensino da história e cultura dos povos indígenas e africanos; e também do Parecer CNE/CP nº3/2004, que prevê e traz diretrizes sobre a educação para as relações étnico-raciais, que têm o intuito de incorporar aos currículos nacionais temas que envolvam a vida cotidiana social, no combate a intolerância e ao racismo. Nesse sentido esta pesquisa tem como objetivo geral verificar se e como os princípios de referência das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais são contemplados nas competências da BNCC. O estudo foi realizado por meio de pesquisa documental e bibliográfica, utilizando o método comparativo, uma vez que se realizou a comparação entre os documentos citados acima, bem como outros que tratam dessa temática. Detectou-se que a Base Nacional Comum Curricular contempla sim as temáticas propostas nas Leis e políticas de educação em suas competências gerais, mais especificamente nas competências um, três, sete, oito e nove, que propõem para a educação básica o desenvolvimento da consciência política e histórica da diversidade, o fortalecimento de identidades e de direitos e ações educativas de combate ao

racismo e a discriminações. Se inseridas no currículo e concretizadas no fazer da escola, podem favorecer a reflexão e a compreensão acerca da diversidade étnico-racial no país, também a valorização e o respeito mútuo por si e pelo outro em sua diversidade.

**Palavras-Chave: Educação étnico-racial. BNCC. Competências.**

## **2. A EDUCAÇÃO EM MOÇAMBIQUE/ÁFRICA**

### **Relato de uma experiência educativa na Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração em Amatongas**

#### **Márcio Nonato Diniz Ferreira**

Religioso da Congregação dos Irmãos do Sagrado Coração.

Missionário 6 anos em Amatonga/Moçambique/África.

Num contexto de profundas contradições (econômicas, culturais, sociais, de gênero etc) e evitando generalizações e focado numa realidade concreta, apesar de conhecer um pouco do contexto educacional moçambicano por morar 6 anos neste país, desejo focar neste resumo nossa escola, a Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas, apresentado a realidade de sombras e luzes da comunidade local e escolar. Amatongas, é uma comunidade rural (aldeia) de aproximadamente 35.000 habitantes, sua economia gira em torno da agricultura de subsistência, baseado sobretudo na produção de milho. A realidade é de extrema pobreza, onde a grande maioria de seus moradores tomam apenas uma única refeição diária; dormem no chão em esteiras; as casas são de Pau-a-pique, sendo pequenos cômodos; sem energia elétrica; água encanada; fogão a gás etc. Num amplo contexto de vulnerabilidade biopsíquico e social. Identifica-se em Amatongas inúmeras questões sociais: Alto índice das DST's, HIV/SIDA e de doenças tropicais, sobretudo a malária, consumo intenso de álcool e drogas, casamentos prematuros, gravidez precoce, orfandade, violência física, psíquica e sexual contra as "raparigas" (jovens mulheres). Frente a esse contexto de inúmeras dores, onde as pessoas, em especial o mundo juvenil está em risco pessoal e social, no ano de 2011 o Instituto Religioso Católico dos Irmãos do Sagrado Coração,

assumiu o desafio em Amatongas de administrar a Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas, que educa neste ano 1058 educandos em dois turnos, oferecendo a estes uma formação integral, que visa colaborar na mudança de suas realidades sociais, bem como de seus familiares. Além desta demanda, a escola possui dois internatos com 200 jovens, sendo um masculino com um total de 150 educandos e outro feminino com 50 educandas, desde 50 jovens internos/as são órfãos, onde estamos de/para/com eles, ampliando seus horizontes, sonhos e projeto de vida. Proporcionando para eles/elas um espaço de proteção social, focado numa formação educacional, cristã e cidadã de qualidade e emancipatória.

### **3. ACOMPANHAMENTO DA IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA MODALIDADE EJA-TEC NO ESTADO DE GOIÁS de 2021 a 2023**

#### **Elisa Pimentel Barbosa**

Secretaria Municipal de Educação de Senador Canedo  
elisapbarbosa@gmail.com

#### **Ana Santana Moreira**

Universidade Federal de Goiás  
ana1fisica@gmail.com

#### **Giovani Vilmar Comerlatto**

Instituto Federal de Goiás  
giovani.comerlatto@ifg.edu.br

O presente trabalho apresenta um recorte da pesquisa, ainda em andamento, denominada O Acompanhamento da Implantação e Desenvolvimento da Educação de Jovens e Adultos na Modalidade EJATEC no Estado de Goiás, desenvolvida pelo Instituto Federal de Goiás (IFG) em parceria com o Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos (EJA), com duração inicial de três anos. Esta investigação propõe, como objetivo, analisar de que forma ocorreu a implantação do Programa EJATEC (EJA à Distância para a última etapa da educação básica em Goiás), desenvolvido pela Secretaria de Estado de Educa-



ção de Goiás (SEDUC/GO). Para alcançar o objetivo, este trabalho tem, como metodologia, de natureza qualitativa, inicialmente uma revisão bibliográfica e documental sobre a EJATEC e, posteriormente, uma pesquisa de campo, em que utilizaremos instrumentos técnicos de investigação com questionários e entrevista semi-estruturada. A análise de documentos oficiais, autorizados e cedidos pela SEDUC/GO e pelo Conselho Estadual de Educação de Goiás (CEE/GO) já está sendo finalizada. Além disso, o aporte teórico se apoiará em autores como Freire (1997, 2002), Arroyo (2008), Ferraro (2008), Di Pierro e Haddad (2000, 2015) e Machado (1997) que nos permite um diálogo acerca de uma educação crítica, voltada aos jovens e adultos, além de dialógica. A pesquisa de campo acontecerá em duas escolas-pólo: Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Arco-Íris e CEJA Universitário, a fim de compreender a realidade dos estudantes, as adaptações ao ensino à distância, bem como o trabalho docente. Como resultados, apesar de a pesquisa ainda estar em andamento, já foi possível identificar a ausência de investigações acerca da realidade dos estudantes, da verificação de suas realidades econômicas e sociais. Além disso, foi possível constatar um alto número de reprovação e abandono em relação aos alunos da EJA presencial. Quanto à realidade docente, verificou-se uma privação da autonomia docente, haja vista sua limitação na plataforma e na formulação de atividades para os alunos, bem como na formulação das atividades avaliativas.

**Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Educação à Distância; Política Educacional.**

#### **4. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E REFORMA ENSINO MÉDIO**

**Aline C. A. Moraes**

Universidade Estadual de Londrina – UEL  
alinemoraes.edu@gmail.com

**Sandra Regina de Oliveira Garcia**

Universidade Estadual de Londrina – UEL  
garcia@uel.br

O presente trabalho discorre sobre a Reforma Neoliberal do Ensino Médio, com a BNCC e sua Contrarreforma. Discorremos sobre caráter teórico e prático das implicações e elencamos o Ensino Médio, como objeto de pesquisa, com as contrariedades impostas pelo Contragolpe do Governo (2016-2018). Apresentamos uma educação básica fragmentada, a qual permeia-se por uma formação excludente a juventude aprofundando cada vez mais desigualdades escolares. O foco da análise, partiu da compreensão de que todas as políticas/programas deveriam ser estruturadas a partir das mesmas orientações, ou seja, a LDBEN 9394/96, DCNEM. Porém identificamos rompimento com estas legislações, imperando um novo padrão neoprodutivista. Inicialmente verificamos, há proposta voltada formação do mundo do trabalho, baseado nos documentos oficiais desta etapa da educação básica – DCNEM e outra direcionada ao mercado de trabalho, com posições expressamente neoliberais, consubstanciada na Reforma do Ensino Médio. Metodologia utilizada foi levantamento bibliográfico nos referências teóricos de Kuenzer (2010), Ferreira (2017) e Saviani (1989), evidenciando que formação unilateral e polivalente é formação excludente, não atende aos anseios da juventude trabalhadora e de uma educação integral e politécnica.

**Palavras Chave: Ensino Médio; Base Nacional Comum Curricular; Juventude. Reforma do Ensino Médio.**

## **5. DISTINÇÃO ENTRE ENSINO REMOTO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: DESAFIOS E DIFICULDADES**

### **Débora Lima de Farias Cruz**

Graduada em Pedagogia, UECE  
debora.cruz@aluno.uece.br

### **Davison da Silva Souza**

Graduando em Pedagogia, UECE  
davisonsouza20@gmail.com

### **Lyanna Lourdes Lima Leal**

Graduada em Pedagogia, UECE  
lyanna.leal@aluno.uece.br

O presente trabalho visa dialogar sobre o ensino remoto e a Educação a Distância, na atual conjuntura pandêmica global, na qual atinge mais de 600 mil mortes no Brasil. Discutiremos sobre os principais desafios e dificuldades durante a necessidade de um ensino remoto. Temos como objetivo geral compreender as distinções entre o ensino remoto e a Educação a Distância, bem como as principais dificuldades encontradas ao longo do período de pandemia ocasionada pelo novo coronavírus (Sars-Cov2). Temos duas indagações norteadoras: quais as dificuldades encontradas pelos docentes e discentes ao longo do período de pandemia? Quais as diferenças entre ensino remoto e Ensino a Distância? Durante esse estudo utilizamos como metodologia uma pesquisa de abordagem qualitativa de caráter bibliográfico, que consiste na análise de literatura já existente sobre a temática. Com isso, recorreremos a estudos publicados nas plataformas Scielo e o Google acadêmico, utilizando de autores como Charczuk (2020) e Macedo (2021). Após análise dos materiais, pudemos considerar entre as principais diferenças que o ensino remoto não é uma modalidade educacional, mas uma ação pedagógica que surge da necessidade atual. Já a educação a distância é uma modalidade educacional, garantida pelo Decreto nº 9. 057 de 2017 em que estabelece que a educação ocorra com a utilização de tecnologias da informação e da comunicação, com políticas de acesso, em que educadores/as e educandos/as estejam em lugares e tempos diversos (BRASIL,2017). Durante a análise de decretos e leis que regem o funcionamento da EAD, questionou-se a falta de um modelo de organização para que esta modalidade funcione de forma plena, como carga horária, metodologias e instrumentos. Ainda, destacamos que entre as principais dificuldades encontradas ao longo da pandemia para o funcionamento da EAD e do ensino remoto, estão a escassez de recursos digitais, como equipamentos de celulares, computadores e internet, além de espaços inadequados para a realização das atividades institucionais. Por fim, ponderamos que ambos, trazem consigo características específicas e são regidos conforme o período, especificidade e a necessidade do sistema educacional.

**Palavras-chave: Educação a distância. Ensino Remoto. Pandemia.**

## **6. EDUCAÇÃO E PANDEMIA: CONTEXTO ESCOLAR DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO SANTA MARTA – SANTA MARIA/RS**

### **Eduarda de Freitas Sardi**

Universidade Federal de Santa Maria  
eduarda.sardi@acad.ufsm.br

### **Ana Clarice Hanauer (orientadora)**

Universidade Federal de Santa Maria  
anahanauer@yahoo.com.br

O presente trabalho se insere no contexto da pandemia de COVID-19, cuja necessidade de isolamento social, resultou no fechamento de escolas e no início do sistema remoto de ensino. A Escola Estadual de Ensino Médio Santa Marta, localizada no bairro Nova Santa Marta, no município de Santa Maria, Rio Grande do Sul, foi estabelecida neste local, caracterizado como área periférica de habitação popular precária e de baixa renda. Atualmente a escola atende 445 estudantes, nos níveis ensino fundamental, ensino médio diurno e noturno, e EJA modalidade ensino fundamental noturno, 12 funcionários e 36 professores (dados de agosto de 2021). A escola precisou se (re)estruturar em forma, em conteúdo e em relações sociais, visando possibilitar o melhor ensino para seus estudantes, mesmo em um novo contexto. Entretanto, a realidade da comunidade escolar dificultou o andamento do ano letivo, visto que o acesso às tecnologias de informação e comunicação eram, na maioria dos casos, extremamente limitados. Primeiramente a escola criou um grupo no Facebook para emitir os comunicados às famílias, mas devido a novas necessidades, cada turma ganhou seu grupo de Whatsapp, que passou a ser a forma oficial de comunicação da escola. Analisando esses grupos, é possível perceber que muitos alunos não possuem seus próprios aparelhos de telefone, dependendo dos pais ou de irmão para acessar as informações da sua turma. Outra questão relevante neste contexto, é o fato da impossibilidade de aulas síncronas, já que muitos não possuem internet, computadores ou celulares em casa. Pensando nas limitações dos estudantes, a escola optou por enviar atividades mensais, através de “folhinhas” postadas nos grupos das turmas, no google classroom e impressas na escola para aqueles que necessitavam. O

método escolhido foi a alternativa encontrada para contemplar todos os estudantes e permitir que o andamento do ano letivo fosse acessível. A partir dessa problemática, tem-se como objetivo geral, compreender o quanto a pandemia acentuou o cenário de exclusão social na educação, visto que o contexto da escola era de pouco acesso e muita dificuldade. Além disso, tem-se como objetivos específicos refletir sobre a influência das tecnologias de informação e comunicação na educação, sobre a desigualdade social acentuada por elas e, sobre as consequências dessa realidade para a vida dos jovens estudantes. A justificativa da pesquisa se reforça na necessidade de refletir sobre as consequências desse período na sociedade, reconhecendo a desigualdade já existente no país e percebendo a necessidade de mudanças no sistema educativo. A metodologia se baseia na observação do contexto escolar, na coleta de dados relativos à participação dos estudantes e na discussão dos dados coletados. Os resultados iniciais já apresentam informações relativas à baixa devolução das atividades enviadas, assim como de um enorme déficit de aprendizado, diagnosticado com a implementação do ensino híbrido e com a volta das aulas presenciais.

**Palavras-chave: Pandemia. Acesso. Desigualdade.**



# GT 7

## **JUVENTUDES, TRABALHO E PANDEMIA: REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA, UBERIZAÇÃO E PRECARIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO**

---

### **Coordenadores:**

Dr. Nildo Silva Viana

Dr. Leonardo Venicius Parreira Proto



## 1. A IMAGEM DA JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE

### **Nildo Viana**

Universidade Federal de Goiás  
nnildoviana@gmail.com

A juventude é um produto da sociedade moderna. Em sociedades anteriores existiram indivíduos pertencentes à faixa etária – embora imprecisa e variável – que hoje é considerada como sendo juventude, mas não se tratava de um grupo social por não possuírem elementos comuns e diferenciadores de outros setores da sociedade e nem receber tratamento específico. É no capitalismo, com sua divisão social do trabalho e características, que surge a juventude como grupo social. O processo de formação da juventude foi longo e atingiu seu ápice após 1945. É nesse contexto que se inicia uma produção intelectual mais ampla sobre a juventude e também ganha espaço nos meios oligopolistas de comunicação. Com o desenvolvimento capitalista posterior, a juventude passa a ser tema de pesquisa da sociologia, da psicologia e outras ciências. Ela passa a ser alvo de políticas estatais, propaganda (tornando-se nicho de mercado consumidor), discursos científicos, entre outros processos. Nesse contexto, se formou uma imagem da juventude nos anos 1950-1960 e essa foi se mantendo até os anos 1980, que é quando emerge uma nova mutação na sociedade capitalista, com um novo regime de acumulação e paradigma correspondente. Nesse momento emerge novos discursos sobre a juventude e se cria uma nova imagem para ela. O regime de acumulação integral, caracterizado pela mutação nas relações de trabalho, neoliberalismo e hiperimperialismo, gera um novo paradigma, o subjetivista, e estes elementos reunidos acabam gerando uma nova concepção de juventude que vai, paulatinamente, se tornar hegemônica. O neoliberalismo instaura políticas segmentares, e um dos segmentos contemplados por elas é a juventude, bem como responsabiliza a sociedade civil por ações que eram de sua responsabilidade e por resolver determinados problemas sociais, incentivando uma nova espécie de participacionismo, ao lado de outras mudanças que ocorrem nas relações de trabalho. Ao lado e de forma complementar, o paradigma subjetivista acaba gerando novas ideologias que focalizam o sujeito e, em alguns

casos, “múltiplos sujeitos”, trazendo a recusa da totalidade e uma concepção fragmentadora da realidade, o que gera o uso e abuso do plural. Assim, vai se impondo o uso de “juventudes” no plural, no qual a diferença é ressaltada em detrimento da semelhança, a diversidade é enfatizada em detrimento da unidade. Esse processo ideológico acaba gerando uma nova imagem para a juventude que tem impacto sobre ela e sua autoimagem. Ao lado dessas mudanças há também a questão do trabalho, das expectativas de futuro, entre outras, que, com o processo de desestabilização do regime de acumulação integral, apontam para novos dilemas para a juventude. Outro elemento são as redes sociais e internet, que permitem uma comunicação instantânea numa sociedade que não só teve uma mutação cultural como também trouxe uma renovação valorativa, reforçando ainda mais o consumismo e outros processos, como o hedonismo e narcisismo. O nosso objetivo é analisar o impacto dessa imagem sobre a juventude e relacionar tais mutações com os casos de depressão, suicídio, entre outros problemas que atingem os jovens, tal como vem sendo apontados por diversas instituições e pesquisas.

**Palavras-chave: Juventude. Imagem. Subjetivismo.**

## **2. A PERGUNTA PELO SUJEITO: JUVENTUDE ENTRE ESTUDOS E TRABALHO NA PANDEMIA**

### **Rogério Santos dos Prazeres**

O presente trabalho expõe uma reflexão sobre a conjuntura social em que a figura do jovem se depara com duas necessidades cruciais implicadas com a passagem para a vida adulta, a de estudar e de trabalhar, nem sempre conciliáveis, nem sempre possíveis. O problema, de fato em questão, está no momento em que o vírus Covid-19 explicita a desigualdade social brasileira. Sobretudo, a impactar na perspectiva de futuro marcada pela incerteza quanto aos resultados da educação formal vige à precarização das relações de trabalho. Justamente, pelo ajustamento da dinâmica escolar e seus fins subordinados ao projeto econômico dominante, que aparta empregados e desempregados, impondo-se limites à busca pela felicidade, de um e de outro,



na contemporaneidade. A esse respeito, a pergunta pelo sujeito e a contextualização de seu surgimento é a temática a ser levada adiante neste trabalho com o objetivo de suscitar dúvidas e aferir possibilidades da autorrealização social, consequente com a ideia de dignidade para os sujeitos de juventude, advindas das aspirações constitucionais da sociedade brasileira.

### **3. ALIENAÇÃO E FORMAÇÃO ESCOLAR**

#### **Rubens Vinícius da Silva**

Universidade Federal de Santa Catarina  
rubenssabbath@gmail.com

#### **Diego Marques Pereira dos Anjos.**

Instituto Federal Goiano.  
dmpanjos@yahoo.com.br

A presente comunicação busca apresentar nossa reflexão a respeito do fenômeno social de alienação dos estudos. A partir da leitura de Marx sobre o significado da alienação, buscamos explicar como o sistema de ensino reproduz no seu interior os elementos centrais da alienação: uma atividade humana controlada, em seu processo, e nos seus produtos, por outrem que não a pessoa que a realiza. No estudo alienado, o estudante é controlado pela instituição escolar, pela burocracia, e tem sua ressocialização escolar submetida à dinâmica mais global da sociedade capitalista. A alienação não é um fenômeno restrito às relações de trabalho, ela se generaliza para o conjunto das relações sociais, e no caso afeta as relações escolares da sociedade capitalista. Sendo a escolarização um elemento a ser considerado na formação do valor da força de trabalho, passa a existir um forte vínculo no processo de existência concreta entre estudantes e trabalhadores. Mas além de contar na formação do valor da força de trabalho, a educação também é a preparação para viver em sociedade, prepara para a sociabilidade, direciona a assimilação de um conjunto de comportamentos e valores pelos indivíduos. A educação é a preparação para o trabalho, é preparação para a vida em sociedade. Logo, a educação (e a sua atividade, o estudo) é perpassada pela divisão de classes O

estudante alienado é uma peça na dinâmica geral de controle do conhecimento, logo, a crítica dessa relação social é fundamental na proposição de novas formas de estudar e viver em sociedade. Assim, nosso objetivo é o de expor o fenômeno da alienação do estudo.

**Palavras-chave: Escola. Capitalismo. Alienação.**

#### **4. JUVENTUDE E DESEMPREGO: IMPACTOS DA CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL EM TEMPOS DE PANDEMIA**

**José Lucas Pereira da Silva**

Universidade Federal de Campina Grande

lukas.cahill@gmail.com

O presente artigo tem como objetivo, a análise do agravamento do desemprego de jovens brasileiros no marco histórico da pandemia da covid-19, considerando a crise estrutural do capital como potenciadora desta problemática. Desta forma a pesquisa se detém a esclarecer como foi construído sociologicamente o conceito juventude aos longos dos anos, e evidenciando apontamentos sobre o agravamento do desemprego, em especial na população jovem no contexto pandêmico. Assim, como a influência da crise do capital provoca a devastação do social e a precarização das condições de trabalho da juventude brasileira. Diante do estudo sobre a construção do conceito de juventude presumimos que a categoria jovem historicamente não vem sendo abarcada pelas presentes políticas públicas. Desse modo, compreendemos a relevância de evidenciamos o crescimento do desemprego entre jovens no período pandêmico, e como a crise do capitalismo tem uma estreita relação da exclusão desta população do mercado de trabalho. Para entendemos como se deu a construção do conceito de jovem usamos a base metodológica alicerçada por Pierre Bourdieu e outros autores que tratam da temática em forma de apontamentos sociológicos. Para analisar os dados propostos pelo IBGE e IPEA em relação ao crescente desemprego e como afeta a juventude estudamos especialistas na área de sociologia do trabalho, entre eles Ricardo Antunes. Para analisar questões acerca da crise do capital e devastação do social,

nos embasamos em uma corrente marxista tendo José Paulo Netto como um dos expoentes. Como metodologia nos fundamentamos em uma pesquisa bibliográfica e documental que nos permite levantar crítica à ofensiva do capital, que no atual contexto pandêmico tem acentuado a exclusão da juventude brasileira dos postos de trabalho, fato este que desfavorece as condições de vida dos mesmos. Portanto, podemos compreender que a ofensiva do capital produz drásticas modificações em todas as esferas da vida humana. O capitalismo encontra-se em seu estágio de barbárie, desencadeando problemáticas sociais como o desemprego que se torna estrutural de sua ordem. Desse modo, a população jovem na realidade brasileira em tempos de pandemia, vem sendo incessantemente atingida pelo caráter ofensivo e destrutivo do mundo do capital.

**Palavras-chave: Juventude. Desemprego. Pandemia.**

## **5. PANDEMIA E ESCOLARIZAÇÃO DA JUVENTUDE**

**Leonardo Venicius Parreira Proto**

GPDS/UFG - CAJUEIRO

leovenicius@gmail.com

A partir do final de 2019 e início de 2020 o mundo passou a conviver com a realidade da pandemia de Covid-19. Esse “adoecimento” em escala global trouxe consequências diversas no âmbito de nossas relações sociais, dentre estas, a morte de milhares de pessoas e a interrupções de inúmeras atividades sociais associadas ao mundo do trabalho, destacando aqui, as atividades escolares e a reorganização do formato em modalidade à distância. O formato da Educação à Distância (EaD) nos vários níveis de ensino já está previsto no documento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) e vem sendo implementado em um processo de aceleração deste formato com justificativas que visam a ampliação da escolarização dos indivíduos para que os mesmos possam se integrar às novas formas da reestruturação produtiva do capital no mundo todo. O cenário social da pandemia intensificou essa relação entre a necessidade de produção especializada para

superação da crise econômica e o papel da escolarização diante da formação da denominada mão-de-obra especializada, em um contexto crescente do uso das chamadas “Tecnologias da Informação” (TICs), das redes sociais, enfim, do capital comunicacional. Por outro lado, expressando as contradições sociais da dinâmica capitalista, a evasão escolar nos diferentes níveis de ensino, ao longo da pandemia, expressam as dificuldades do capital voltadas para a esfera educacional em implementar de maneira intensiva sua ideologia da escolarização como “salvação dos indivíduos” em prol de uma ascensão social, afinal, as consequências da Covid-19 se dão em vários aspectos da vida social, dentre eles, as dificuldades da classe trabalhadora e seus filhos (juventude) em se manterem adaptados aos formatos de educação nesse período, especificamente, no acesso que esta classe não tem no âmbito formal de seus estudos. O denominado fracasso no acesso aos meios educacionais durante a pandemia implica pensarmos que os tais meios de educação oriundos da burguesia em seus vários formatos e conteúdos apenas reforçam a necessidade desta classe dominante em manter-se enquanto tal, legando para sua classe antagônica e a juventude que dela faz parte se responsabilizar por um projeto de sociedade que critique impiedosamente as relações sociais produzidas pela sociabilidade burguesa e colabore para pensar formas de educação que estejam no horizonte da autoformação da classe trabalhadora e de sua juventude, apontando para uma nova existência social, baseada em relações emancipadas e autogeridas, inclusive em seus processos de autoformação individual e coletiva da juventude.

**Palavras-chave: Pandemia. Escolarização. Juventude.**

## **6. JUVENTUDE E TRABALHO NO CAPITALISMO NEOLIBERAL**

**André de Melo Santos**

Prefeitura de Goiânia

andrexmelo.mov@gmail.com

No atual estágio do capitalismo neoliberal assistimos a uma rápida degradação dos postos de trabalho. Com a reestruturação produtiva mais postos

de trabalho foram tirados dos trabalhadores. A juventude por conta a sua inexperiência dependia de programas de incentivo ao emprego como o primeiro emprego feito nos anos 2000. Com tudo no atual contexto nem programas paliativos como esse surtiriam algum efeito. A proposta desse trabalho é a de analisar as condições atuais do mercado de trabalho com o foco na inserção do jovem nesse mercado.

**Palavras-chave: Capitalismo, Neoliberalismo, Juventude, Trabalho.**

## **7. JOVENS ENTREGUES A PRECARIZAÇÃO, INFORMALIDADE E PERIGOSA ATRATIVIDADE DO TRABALHO SOB-DEMANDA**

### **Dr.<sup>a</sup> Flávia Valéria Cassimiro Braga Melo**

Orientadora e Co-autora, Professora - UEG  
flavia\_valeria@yahoo.com.br

### **Amanda Mendes de Freitas**

Autora, Graduanda em Direito – UEG  
mendesamanda0193@gmail.com

Na Uberização, o trabalhador sob-demanda passa a ser responsável pelos próprios meios de produção, isso reflete em um gerenciamento de tempo, entretanto os custos e manutenção das ferramentas ficam somente por parte do trabalhador. A ilusão, mostra uma imagem empreendedora de total autonomia, porém não é exatamente isso que os trabalhadores por aplicativos vivenciam, já que acabam por ter um certo grau de subordinação para com as empresas as quais fazem o controle e intermédio entre trabalhador e cliente. As empresas por trás dos aplicativos não prestam apoio ou estabilidade do trabalhador, acabando por indicar mais uma forma de trabalho informal, onde se predomina o desamparo em situações precárias. Essa comunicação propõe falar sobre essas modalidades de trabalho, onde não há necessidade de experiência e maleabilidade de tempo, sendo bastante atraente para os novos jovens que acabaram de entrar no mercado laboral. Viram principalmente em um intervalo pandêmico, a oportunidade de pro-

duzir renda de forma rápida, onde você escolhe os horários que começa e termina, quando mais se trabalha, mais se ganha. Ao olhar juvenil torna-se a melhor oportunidade, quando comparado aos longos processos e escassos no emprego formal. Então os jovens entram na luta do empenho, para trabalhar durante o maior tempo possível, aqueles que não possuem carros, para o transporte de pessoas, optam pelas entregas, que também se encaixa no quesito da uberização, e que também tem ampliado as possibilidades para motos ou bicicletas, sendo a opção mais “acessível” para jovem recém chegado, refletindo com certeza o ápice do esforço físico dentro desse ambiente laboral. Durante bastante tempo, esse sistema tem se sustentado graças à dedicação e esforço dos próprios trabalhadores, que precisam de atenção redobrada, pois como citamos anteriormente, não há regulamentações e normativas que o resguardem nesse quesito. O período pandêmico apresentou-se como um agravante na precarização, com a falta de disponibilização e acesso de equipamentos de proteção individual, acabou por gerar uma exposição dos indivíduos e suas famílias, a um perigo que ainda se encontra presente até o momento atual, a juventude é um dos grupos mais afetados por todas essas mudanças e suas resultantes negativas. A ideia é iniciar um diálogo, pensando e projetando estudos de revisão de literatura ou pesquisas feitas sobre a interpretação da juventude, baseada no fenômeno da uberização nos jovens trabalhadores brasileiros, recém chegados dos últimos dois anos, abordando-os sob contexto da época pandêmica e suas adversidades que assolaram diversos brasileiros. Assim permitindo a comunidade acadêmica e sociedade em geral, um melhor entendimento sobre os impactos causados. Deixar claro nas nossas discussões, que trabalhar nesse formato não é exatamente uma escolha, mas sim uma forma de resistir ao momento e ser capaz de levar renda para casa e família. Muitas das vagas formais desapareceram e aqueles que a possuíam, perderam durante as restrições do isolamento social. O nosso objetivo é analisar a relação entre jovens e sua inserção precária no mercado de trabalho atual, buscando dados e informações para compreendermos os meios pelo qual ela vem ocorrendo.

**Palavras-chave: Uberização; Precarização do trabalho; Jovens**

## 8. ENTRE O CORPO E A CAIXA REGISTRADORA: A REALIDADE DAS JOVENS TRABALHADORAS DE SUPERMERCADO

**Prof. Dr. Luis Fernando Santos Côrrea da Silva**

Universidade Federal da Fronteira Sul

luisfernando@uffs.edu.br

**Rocheli Koralewski**

Universidade Federal da Fronteira Sul

rocheli\_k@hotmail.com

Evidenciada pela pandemia, a precarização das relações de trabalho foi tornada ainda mais abundante e se apresenta como um elemento estruturante da condição juvenil contemporânea no Brasil. A partir das transformações sociais desencadeadas pelo processo de acumulação flexível, a juventude trabalhadora é exposta a situações de precariedade que não são específicas: nas ruas, por meio da uberização; nos supermercados, pela oportunidade de ser menor-aprendiz; na informalidade, mediante a “bicos”. A partir de tais elementos, é proposta uma reflexão que conduz a uma juvenilização da precariedade, produzida pelo trabalho de jovem e produtora da histórica precarização que incide sobre o ser jovem. Nesse sentido, para aprofundar o escopo do estudo, por meio de pesquisa de campo de cunho etnográfico, foram analisadas as relações de poder que incidem na rotina laboral de jovens trabalhadoras, operadoras de caixa, em supermercados de Erechim/RS. Sendo uma relação social, o trabalho é uma relação de poder. Assim, a partir do conceito de Michel Foucault, são averiguados como os “modo de ação sobre ações” incidem nas operadoras de caixa, duramente submetidas ao dono da empresa (através do contrato de trabalho) e aos/às consumidores/as (através das tarefas cotidianas). Ademais, com as contribuições de Angelo Soares e Silvia Federici, é possível conceber que há uma divisão sexual do trabalho emocional, a qual atribui a emoção ao feminino e a razão ao masculino. Não sendo apenas um método, a etnografia atentou à dilatação dos elementos cernes do trabalho doméstico ao setor de serviços. Com isso, percebe-se que, apesar dos avanços concebidos através do trabalho assalariado, há a banalização de um progresso opressivo que, sem romper, apenas modifica as formas de opressão.

**Palavras-chave: Jovens trabalhadoras. Etnografia. Supermercado.**

## **9. O MERCADO DE TRABALHO INFORMAL FACE AO PROCESSO CIVILIZADOR**

**Yara Nunes dos Santos**

UFG

yanunes@discente.ufg.br

Para satisfazer suas necessidades materiais, a sociedade está em constante reorganização, diversos fenômenos econômicos e sociais, inerentes a este processo civilizador, estão levando o mercado de trabalho à informalidade e à precarização, resultando em mudanças na condição de vida da população e da classe-que-vive-dotrabalho. O presente estudo tem como objetivo analisar aspectos históricos e sociais relacionados ao crescimento do trabalho informal entre os jovens e da precarização nas relações do trabalho contemporâneo, através de diversas literaturas que abordam a construção teórica do habitus. Se inicia na formação do Estado Moderno e suas influências sobre a civilização, passando pela interferência do capital na construção da sociedade do trabalho e do mercado de trabalho, chegando, enfim, à mensuração dos impactos da pandemia de Covid-19 na precarização do mercado de trabalho e no aumento do trabalho informal. O habitus no processo civilizador se dá a partir da interdependência entre o indivíduo e a sociedade; os atos dos sujeitos singulares, agregados uns aos outros, dão origem à universalidade, produzindo, a civilização. Questionou-se no início da pandemia de Covid-19 se os sujeitos enquanto sociedade sairiam melhores da crise sanitária, considerando que a organização do trabalho está em mudança já a algum tempo e que muitas dessas mudanças se tornaram mais visíveis durante a pandemia, aqui se verifica como o habitus no processo de formação do homem civilizado, se modifica diante de crises que afetam a economia, a política, a educação e o convívio em sociedade, como foco nos jovens que buscam oportunidade para ingressar no mercado de trabalho.

**Palavras-chave: Informalidade. Precarização. Juventude.**





# GT 8

## **JUVENTUDES E PROJETO DE VIDA: TRAJETÓRIAS E RELAÇÕES SOCIAIS**

---

### **Coordenadores:**

Rezende Bruno Avelar

José Ivaldo Araújo de Lucena



## 1. PROJETO DE VIDA DOS JOVENS “BATALHADORES BRASILEIROS”: UMA TESSITURA FAMILIAR

**Rachel Omoto Gabriel**

Mestra em Educação pela Faculdade de Educação da USP

rachelomoto@gmail.com

A partir de dados coletados em minha pesquisa de mestrado junto a jovens participantes de um centro de juventude confessional localizado na cidade de São Paulo, observou-se a importância que a família ainda tem para os jovens no que se refere a fontes de inspiração para seus valores e princípios, bem como para a constituição de suas identidades. Emergiram, também, questões socioeconômicas que fazem entrever laços que se constituem para além da dimensão afetiva e identitária. Considerando dados do perfil socioeconômico de 236 desses jovens, que responderam voluntariamente a questionário, constatou-se que de 31,79% deles dependia financeiramente uma ou mais pessoas. Poderia se supor que aqueles com um ou mais dependentes estariam em uma faixa etária mais avançada, contudo, não é o que apontam os dados. Dos 75 jovens que responderam ter dependentes, 49 (65,33%) tinham menos de 30 anos e 24 deles (32%), 25 anos ou menos. Nesse sentido, na intersecção entre a importância que o núcleo familiar pode ter para os jovens como referência afetiva e identitária e o elo socioeconômico em um tipo de dependência reversa, isto é, de jovens que ajudam financeiramente suas famílias e não o contrário, emerge a questão da tessitura de projetos de vida que foge de um certo ideário de que seria essa uma empreitada solo rumo à realização individual. Quando se pensa o contexto brasileiro, sobretudo de classes sociais menos favorecidas, talvez seja forçoso reconhecer que os jovens dessas camadas muitas vezes veem-se, necessariamente, instados a costurar suas trajetórias a de suas famílias. Nesse passo, a compreensão das especificidades da constituição das classes sociais no Brasil, como propõe Jessé de Souza em “Os batalhadores brasileiros” (2012), pode contribuir para a compre-

ensão das trajetórias de vida de uma grande parcela do segmento juvenil, bem como apoiar a propositura de ações que tenham como foco jovens inseridos nesse contexto social.

**Palavras-chave: Juventude. Projeto de vida. Família.**

## **2. AS ETAPAS DOS DIÁLOGOS FOCADOS NA PASTORAL JUVENIL MARISTA NO PROCESSO DO PROJETO DE VIDA.**

### **Jean Damasceno**

A Pastoral Juvenil Marista é um caminho pedagógico focado na colaboração do protagonismo juvenil nos diversos espaços de atuações e na construção de identidades que priorize o compromisso transformador na sociedade. Este processo é um vetor adequado para acompanhar o projeto de vida dos jovens participantes. O método é favorecer uma escuta ativa com os jovens por meio de um processo que frisa etapa de diálogos. Cada etapa é trabalhada as dimensões essenciais nesta trilha de amadurecimento. O objetivo das etapas de diálogos é identificar as ações que precisam ser cuidadas e orientadas neste exercício de descoberta diária e potencializar o acompanhamento contínuo. Cada etapa de diálogo é um mapeamento das ações que são planejadas em vista da colaboração do projeto de vida. Priorizando um método que assegure um processo de cuidado com os anseios dos jovens. Estas etapas são organizadas a partir de um questionário de escuta feita com os jovens participantes, assim, temos:

- I etapa de diálogo: Linha do tempo da semana;
- II etapa de diálogo: As emoções mais intensas vividas ao longo da semana;
- III etapa de diálogo: As conquistas mais recentes neste percurso;
- IV etapa de diálogo: As relações compartilhadas;
- V etapa de diálogo: O espelho: novos caminhos.

São caminhos que estão investigado como possibilidade de avançar em métodos que qualifique melhor o acompanhamento do projeto de vida dos jovens participantes nas diversas situações da vida.

### **3. IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NOS PROJETOS DE VIDA DAS JUVENTUDES DO ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE ENTRE ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS NO ESTADO DE SÃO PAULO**

#### **Roque Luiz Sibioni**

O tema projeto de vida tem recebido grande relevância no contexto brasileiro. A Lei nacional 13.415/2017 o prescreve como componente curricular obrigatório para o Ensino Médio em vista de qualificar as juventudes por meio do desenvolvimento de competências e habilidades para que possam fazer suas melhores escolhas enquanto alunos do último ano da educação básica. A pandemia da Covid-19 impactou de maneira profunda os projetos de vida das juventudes provocando ainda mais diferenças e desigualdades entre eles a partir da condição socioeconômica, do sexo e da instituição de ensino na qual estudam, diferenciadas entre públicas e privadas. Por ser o Brasil um país marcado por profundas desigualdades geográficas, socioeconômicas, gênero, e culturais, um questionamento a ser feito é como as instituições educacionais e as juventudes irão valorizar essa ferramenta para auxiliar na construção dos projetos de vida. Dentre as definições sobre projeto de vida, podemos dizer ele é “uma intenção estável e generalizada de alcançar algo que é ao mesmo tempo significativo para o eu e gera consequências no mundo além do eu [...] implica um desejo de fazer diferença no mundo”(Damon, 2009:53). Fundamentado nas ciências sociais e educacionais de cunho fenomenológicas, temos como objetivo geral compreender os impactos da pandemia da COVID-19 nos projetos de vida das juventudes do último ano do Ensino Médio de escolas públicas e privadas no Estado de São Paulo e os objetivos específicos: i) explorar a percepção que as jovens e os jovens têm de seus projetos de vida no âmbito pessoal, social e profissional; ii) identificar se há diferenças entre os projetos de vida das jovens e dos jovens segundo o tipo de estabelecimento de ensino; iii) compreender se distintas variáveis pessoais (família, classe social, sexo, raça, valores) influenciam os significados que as jovens e os jovens atribuem aos seus projetos de vida; iv) analisar se há diferenças educacionais significativas (estruturas, recursos, inspiração pedagógica, projeto educativo, qualidade das relações no ambiente escolar)

nos estabelecimentos de ensino que influenciam os projetos de vida das jovens e dos jovens; v) contrastar impactos que a pandemia da Covid-19 desencadeia nos projetos de vida das jovens e dos jovens nos estabelecimentos de ensino pesquisados. A pesquisa (em andamento) será realizada com alunos do sexo feminino e masculino do último ano do ensino médio de quatro escolas, duas públicas e duas privadas. A metodologia será qualitativa e utilizará duas técnicas para a coleta de dados: focus group (6 alunos paritários por escola) e entrevistas em profundidade semiestruturadas (2 alunos paritários por escola). Os conceitos principais serão: projeto de vida, pandemia da Covid-19, trajetórias juvenis, juventudes, ensino médio.

#### **4. PROJETO DE VIDA NA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE SANTA CATARINA: COMPROMISSO COM AS JUVENTUDES**

##### **André Fabiano Bertozzo**

Mestre em Estudos Linguísticos pela UFFS

SED - SC

andrebertozzo@sed.sc.gov.br

##### **Luis Duarte Vieira**

Mestre em Ensino de Ciências e Matemática

CAJUEIRO, PPGECEM – UPF e SED-SC

Bolsista PROGRAMA UNIEDU/FUMDES PÓSGRADUAÇÃO

duarteluis05@gmail.com

Desde a publicação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) e da promulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (2018), e dos Referenciais Curriculares Nacionais para a elaboração dos Itinerários Formativos (2019), a Secretaria de Estado de Educação de Santa Catarina (SED-SC) assumiu que Projeto de Vida seria um componente curricular, presente na matriz curricular de todas as turmas de Ensino Médio. Este resumo, apresenta como relato de experiência, a trajetória do componente Projeto de vida, na implementação do Novo Ensino Médio em Santa Catarina. A SED assumiu o componente Projeto de Vida, entendendo a importância de garantir um tempo semanal, na matriz curricular, para que

os/as jovens possam refletir sobre vidas e seus projetos, a serem abordados com intencionalidade pedagógica. As orientações desta Secretaria foram no sentido de que, para o desenvolvimento desse componente, seja desenvolvida a integralidade dos sujeitos, e não redução a construção dos projetos de vida voltados ao mercado do trabalho. Por isso, as aulas do referido componente devem abordar, ao longo de todo o Ensino Médio e em cada série, três dimensões: pessoal, cidadã e profissional. Na dimensão pessoal, orienta-se a abordagem ao autocuidado, ao autoconhecimento, à subjetividade, à identidade, aos interesses pessoais, à autonomia e ao reconhecimento de sua trajetória de vida e de suas potencialidades. Na dimensão cidadã, aborda-se a relação das juventudes com seus contextos locais, sociais, econômicos, políticos e comunitários. Entende-se, portanto, que a vida das pessoas se dá nas relações sociais, que se estabelece uns com os outros. Trabalha-se ainda o desenvolvimento do senso de coletividade, de responsabilidade socioambiental, de participação comunitária e ética e de respeito às diversidades, visando transformar as realidades nas quais os/as jovens se inserem. Além disso, aborda-se, no componente curricular, a dimensão profissional. Nela, trata-se de auxiliar os/as jovens à encontrarem sentido para suas vidas e a partir daí, de acordo com o que já fora abordado nas demais dimensões, escolher campos de possibilidades para sua inserção no mundo do trabalho. Assume-se, portanto, que o componente Projeto de vida auxilia no desenvolvimento de projetos pessoais de vida, mas na certeza de que estes não estarão prontos e acabados, mas sim sujeitos à ajustes de rota no percurso. Essa abordagem já tem ocorrido em cento e vinte escolas do estado (escolas-piloto Novo Ensino Médio) e em 2022 ocorrerá em todas as escolas da Rede. Conclui-se, afirmando que garantir o componente Projeto de Vida na matriz curricular das escolas catarinenses é um compromisso da SED com as juventudes.

**Palavras-chave: Juventudes. Projeto de Vida. Dimensões.**

## 5. PROJETO DE VIDA: UMA TECEDURA DA PROTEÇÃO À VIDA DE ADOLESCENTES E JOVENS

### **Luis Duarte Vieira**

Mestre em Ensino de Ciências e Matemática  
CAJUEIRO, PPGECEM – UPF e SED-SC  
Bolsista PROGRAMA UNIEDU/FUMDES PÓSGRADUAÇÃO  
duarteluis05@gmail.com

### **Carmem Lúcia Teixeira**

Mestre em Ciências da Religião pela PUC-GO  
CAJUEIRO  
c.lucia2012@gmail.com

O projeto de vida é uma prática desde o final dos anos 80, entre as pessoas que trabalharam como educadores/as da Casa da Juventude - CAJU, em Goiânia. Neste resumo, apresenta-se, por meio de relato de experiência, essa vivência ao longo de mais de três décadas. No trabalho com as juventudes, tanto das que atuavam nas pastorais de juventudes, como nos projetos sociais realizados naquele espaço, o Projeto de Vida era um tema central. E a questão primordial sempre foi pedagógica, com o desafio de construir ferramentas para contribuir na construção de pessoas autônomas. Com o fim da CAJU, nasceu, em 2013, o Cajueiro, organizado por estes educadores que vinham destas reflexões e práticas sobre o tema. No Centro de Juventude Cajueiro, um dos seus marcos pedagógicos, continuou sendo o Projeto de vida, com as juventudes e seus educadores/as, como forma de tecer redes de proteção à vida. E o caminho escolhido foi a produção dos materiais e cursos sobre esta temática. Produziu-se, nesse percurso, o livro de bolso sobre o Projeto de Vida, destinado à construção e planejamento de projetos pessoais de vida. Além disso, oferece-se, dois cursos na modalidade de EaD. Um destinado aos/às educadores/as de adolescentes e jovens, e outro, destinado aos/às adolescentes e jovens. Além disso, ao longo de 2021, elaborou-se mais um material, um volume da coleção Rodas de Conversa, abordando essa temática. Este material será lançado ainda em 2021. O tema Projeto de vida, na reforma do

Ensino Médio, ganhou força e tem sido disputado por muitos e variados interesses. Há grupos que querem reduzi-lo à escolha da carreira profissional e ao empreendedorismo. A perspectiva defendida e assumida pelo CAJUEIRO é de emancipação das juventudes, garantia de direitos e bem viver para todos e todas. Nega-se a meritocracia e a manipulação das juventudes. Luta-se contra o individualismo, a competitividade e o imediatismo. Este Centro de juventude, propõe-se a caminhar com as juventudes para que encontrem sentidos às suas vidas e trajetórias. E por isso, oferecer os cursos a partir das experiências e construir instrumentos, nesta lógica, tem movido as ações em parceria com outras organizações e em redes. Busca-se, com as juventudes, percorrer um caminho para que estas possam caminhar para a autonomia e construir passos para elaborar seus sonhos, de um mundo onde a vida das pessoas e do planeta, nossa Casa Comum, seja garantida. Almeja-se com as juventudes, garantir que os direitos sejam respeitados e que haja sentido naquilo que se vive, olhando para o todo da pessoa. Sonha-se construir o outro mundo possível e necessário, um mundo justo, solidário e de respeito.

**Palavras-chave: CAJUEIRO. Projeto de Vida. Proteção.**

## **6. JUVENTUDES E PERSPECTIVAS DE FUTURO: UMA SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS**

**Tatiane de Oliveira**

**Dinora Tereza Zucchetti**

Universidade Feevale

tatiolive90@gmail.com

Este resumo é resultado de um estudo que sistematiza experiências de uma oficina com jovens no município de Novo Hamburgo/RS. Problematizamos as juventudes e suas perspectivas de futuro em interface com educação e trabalho. Utilizamos a sistematização de experiências como base metodológica para pensar as práticas com jovens e a partir delas produzir conhecimento (FALKEMBACH, 2007); (HOLLIDAY, 2006). A oficina “Jovens em Ação” está inscrita no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, no campo da



Assistência Social. Foram sistematizados os encontros durante as temáticas: futuro, educação e trabalho, com o objetivo de identificar quais elementos são determinantes para criação de expectativas de futuro. O referencial teórico tem importante contribuição da educação popular e da sociologia. Os resultados apontam que os jovens se preocupam com o futuro, porém não possuem o hábito de planejar a vida. De acordo com Leão, Dayrell e Reis (2011), inspirados por Schultz (1979), um projeto de vida seria a ação do indivíduo na escolha de um, entre os futuros possíveis, transformando os sonhos e fantasias em objetivos a serem perseguidos. Entre os principais objetivos dos jovens estava o retorno da escola, visto que seis deles estavam sem estudar. Reconhecem a educação como imperativo para conquistar um futuro mais digno, porém se mantêm à margem do campo educacional. Do mesmo modo, o trabalho se apresentava como fundamental, entretanto a maioria dos jovens não possuíam documentos, e o baixo grau de escolaridade e a evasão escolar dificultavam a inserção em programas de iniciação profissional, visto que a maioria seleciona jovens estudantes do ensino médio. Nos discursos juvenis a escola e a família se constituíram como as principais provas que circunscrevem a criação de expectativas para o futuro. A escola, seus tempos e espaços não concebem uma educação para cidadania, participativa e dialógica. Como consequência, os jovens permanecem inativos, apenas como receptores de conteúdos, enquanto o conteúdo de sua vida é ignorado. Não à toa parte deles abandonou a escola. Acrescentado a isso, a família também se coloca como prova. As vulnerabilidades do contexto familiar: violência doméstica; uso de álcool; drogas e depressão, somado às dificuldades para a subsistência, constituem desafios que limitam as aspirações de futuro. Em linhas gerais, o estudo mostra que os jovens têm dissonância nas disposições para crer e agir. De acordo com Lahire (2004), vivemos em uma sociedade em que os atores podem incorporar crenças sem ter os meios para respeitá-las, alcançá-las e concretizá-las. Por conseguinte, a sistematização de experiências contribui para apontar os desafios impostos às juventudes nos dias atuais. Permite teorizar a prática e produzir conhecimento a partir dela, revelando a boniteza do trabalho com as juventudes.

**Palavras-chave: Futuro. Juventudes. Sistematização de Experiência.**

## 7. UNIVERSIDADE: LUGAR DE CONSTRUÇÃO DE PROJETO DE VIDA

**Vanildes Gonçalves dos Santos – UCB**

Cajueiro vanildesucb@gmail.com

**José Ivaldo Araújo de Lucena – UCB**

joseivaldo@gmail.com

O presente trabalho tem como objetivo apresentar reflexões acerca da experiência acadêmica de construção de projeto de vida pelos discentes, desenvolvida na Universidade Católica de Brasília. Com o objetivo de desenvolver um processo formativo por meio de competências no âmbito da educação superior e de habilidades acadêmico-científicas comprometidas com o desempenho profissional e com a transformação social, o Grupo UBEC (União Brasileira de Educação Católica), o qual a Universidade Católica de Brasília faz parte, criou em 2021 o Programa Propósito de Vida, que tem como princípios a formação integral dos/as estudantes das suas Unidades de Missão (Instituições de Ensino Superior e Escolas de Educação Básica) e a elaboração do seu Projeto de Vida. Para isso, três Unidades Curriculares (UC) foram propostas: UC1 - Relação: Princípios e Valores; UC2 – Profissão: Competências e Habilidades e UC 3 – Cooperação: Humanismo Solidário, Redes e Comunidades. No segundo semestre de 2021 a UCB ofertou a UC1 - Relação: Princípios e Valores, da qual o/a autor/a deste artigo são docentes. A Unidade Curricular em questão é composta pelos conteúdos: Projeto de Vida, Valores, Competências e Habilidades. Na primeira parte sobre Projeto de Vida, as reflexões se dão em torno dos temas: Percurso da história pessoal de vida; A trajetória continuada da vida acadêmica; A condição humana como um ser de relações consigo, com os outros, com a natureza e com o transcendente. Com uma metodologia participativa os docentes motivam os/as discentes para a reflexão dos temas propostos e, através de alguns exercícios, a elaborarem o seu projeto de vida, que é apresentado no final do semestre como resultado final do processo desenvolvido na Unidade Curricular. É possível identificar por meio dos feedbacks dos/as discentes que a maioria nunca tinha ouvido falar sobre Projeto de Vida e são raros os casos de quem já havia pensado ou elaborado o seu. Também observamos que a experiência de refletir e elaborar o Projeto de Vida tem

provocado os discentes em duas direções: alguns tem compartilhado o desconforto diante da solicitação de olhar para si, identificando o que precisa de atenção e a organizar melhor sua rotina e estabelecer metas para a realização dos seus sonhos e objetivos não somente pessoais, mas também coletivos. Por outro lado, a maioria tem abraçado com muita seriedade e demonstrado alegria e gratidão pelo espaço de reflexão, autoconhecimento, de poder se dizer e ser escutado/a e de elaborar o seu Projeto de Vida. Essa experiência inicial possibilita verificarmos a relevância do Programa Propósito de Vida proposto pelo Grupo UBEC, bem como, do papel que tem a universidade de oferecer suporte material e simbólico aos discentes, para o desenvolvimento de uma educação integral e para o compromisso pessoal, profissional e social.

**Palavras-Chave: Educação Superior. Valores. Projeto de Vida.**

## **8. AMOR COMO ÉTICA NA CONSTRUÇÃO DE PROJETOS DE VIDA À JUVENTUDE NO RIO GRANDE DO SUL**

### **Prof. Dr. Luis Fernando Santos Córrea da Silva**

Universidade Federal da Fronteira Sul  
luisfernando@uffs.edu.br

### **Raphael Souza Alves**

Universidade Federal da Fronteira Sul  
raphaelalvescasaldaliga@gmail.com

### **Rocheli Koralewski**

Universidade Federal da Fronteira Sul  
rocheli\_k@hotmail.com

Projetar a vida é um movimento permanente que deve ser fundamentado em pressupostos éticos, morais e estruturais. Assim como o cimento é base para construção de uma casa, há elementos que precisam ser alicerces à promoção de caminhos de vida na trajetória juvenil, como é o caso do amor, nas palavras de Bell Hooks. A partir da Igreja Libertadora da América Latina, a Pas-

toral da Juventude, tecendo suas opções políticas e pedagógicas a partir da hermenêutica do Evangelho de João (10, 10), visa conceber um mundo de vida abundante a todas e todos, sobretudo às/aos jovens. A proposta da Civilização do Amor comunga ideais utópicos do movimento zapatista, desejando um mundo onde caibam todos os mundos; e da sociedade do Bem Viver, compreendendo que somos todos/as – humanos, animais, plantas e minerais – filhos e filhas da Pacha Mama, a grande Mãe Terra. Materializar essa sociedade amorosa é olhar à realidade, perceber as dores que a adocece e intervir através de possibilidades criativas e criadoras que atravessem todas as dimensões do ser humano. Assim, Bell Hooks conduz a um novo olhar às estratégias pastorais que, retomando o Evangelho de Jesus Cristo, instiguem à construção de projetos de vida pautados em uma ética do amor. Em uma conjuntura na qual milhões de brasileiros/as passam fome; crianças padecem em situação de grandiosa vulnerabilidade; meninas e mulheres são fortemente abusadas e silenciadas, tendo em vista que são obrigadas a permanecer no mesmo espaço de seus agressores, por consequência da pandemia; sujeitos do campo tem seus direitos constantemente negados pelas políticas do agronegócio; corpos LGBTQIA+ machucados e/ou ceifados por quem não sabe amar; o ambiente, o ecossistema, o planeta Terra gemendo em dores de parto, por uma política econômica gananciosa e injusta, que gera desigualdade, desequilíbrio e morte. Diante de tantos caminhos de desamor, ao longo dos meses de novembro e dezembro serão efetivadas rodas de conversa em Paróquias do Regional Sul 3 para provocar o planejamento de projetos de vida jovens baseados no amor como opção política e pedagógica. Através das ideias de Bell Hooks e da pedagogia freireana, o projeto será executado pela juventude da PJ do RS, ressaltando a importância de processos educativos de jovem para jovem.

**Palavras-chave: Rodas de conversa. Ética do amor. Projeto de vida.**

## **9. REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA EM CONTRAPONTO COM A CULTURA DO BEM VIVER**

**Hélia Marina Monteiro**

Universidade Federal de Goiás

heliamarina\_6@hotmail.com

Vive-se na atualidade numa sociedade onde a competição e a dominação parecem intrínsecas para a vivência do ser humano, a juventude dentro deste contexto sofre com cobranças, e expectativas no que diz respeito a formação profissional, familiar entre tantas outras. Gilberto Freyre, Jessé de Souza e Florestan Fernandes poderão colaborar no relato e reflexão das estruturas da história do Brasil, que acabaram por forjar esta sociedade do mal estar. Este trabalho tem como objetivo problematizar o papel da educação na sociedade atual, contrapondo este papel com a concepção da Cultura do Bem Viver que esta muito ligada a Educação Popular de Paulo Freire. O Bem Viver trata-se de uma cultura existente entre os povos originários, que visa relações de igualdade entre a humanidade e o planeta, que visa o cuidado e questiona o modo de vida capitalista que coloca o lucro e o poder acima de qualquer coisa. A pergunta que se coloca no decorrer da pesquisa, diz respeito a identificar quais as possibilidades de abordar o projeto de vida a partir da perspectiva da Cultura do Bem Viver. Desta forma, para colaborar no desenvolvimento da questão, este trabalho será desenvolvido a partir da observação de um projeto realizado pelo Centro de Formação Pesquisa e Assessoria em Juventude - Cajueiro<sup>2</sup>. Trata-se do projeto de Educação Popular *“Na Trilha da Universidade”- TrilhaUni* que acompanha jovens da periferia que estão em processo de preparação para o ENEM, este projeto será colocado em contraponto com o modelo de educação vigente, que acaba por excluir a integralidade da vida e para ajudar neste contraponto será utilizada a colaboração dos autores: Paulo Freire, Carlos Henrique Brandão e Reinaldo Fleuri. Por fim, compreende-se que a cultura, as educações, o ser humano, estão em permanente transformação, a história se constrói porque não é fixa, e se um tipo de formação voltada para a opressão e manipulação foi forjada na configuração brasileira, é possível também almejar uma educação voltada para a libertação, para consciência crítica, para vida em plenitude de todas as gentes. Há esperança.

**Palavras-chave: CULTURA, EDUCAÇÃO POPULAR, BEM VIVER;**

---

<sup>2</sup>O Centro de Formação, Assessoria e Pesquisa em Juventude – CAJUEIRO é uma associação civil, de direito privado, sem fins lucrativos. Criado em 09 de março de 2013, com recurso próprio, tem foro na cidade de Goiânia – GO e atuação em todo território nacional. Atua em redes com diversos agrupamentos, com princípios dos Direitos Humanos, Educação Popular e Economia Solidária. Disponível em: <https://cajueiro.org.br/>

## 10. EDUCAÇÃO CATÓLICA E PROJETO DE VIDA: PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO

**EderD'Artagnan Ferreira Guimarães**

Universidade Nacional de Rosario – UNR, Argentina

ederdarta@gmail.com

A escola costuma ser um dos principais cenários do processo de desenvolvimento dos estudantes e, no Ensino Médio, as demandas biopsicossociais da adolescência, como a definição da identidade, a busca de experimentações e a definição do lugar no mundo, coincidem com o fim da escolarização básica e a necessidade de projeção do futuro. Como a escola lida com estas questões humanas, educativas, sociais? Que relação os adolescentes estabelecem entre a escolarização básica e as perspectivas de futuro? Este artigo busca responder a estas indagações a partir da análise parcial de dados coletados em uma pesquisa de doutoramento sobre o lugar das escolas católicas no cenário educacional contemporâneo. 157 estudantes, todos cursando os dois últimos anos do Ensino Médio em 6 escolas católicas de Belo Horizonte/MG, responderam a questões sobre sua experiência educativa no espaço-tempo escolar católico. Aqui são abordadas suas percepções sobre educação escolar, processos de subjetivação e elaboração do Projeto de Vida, tendo como referência metodológica a Epistemologia Qualitativa. Os resultados rompem com a ideia de homogeneidade dos sujeitos jovens e suas percepções acerca da relação entre escolarização, sentido da escola e opções vitais pós-educação básica. Alguns estudantes interpretam sua trajetória na escola católica como experiência de educação integral e desenham seu futuro a partir deste referencial; outros questionam a proposta educativa padronizada e focada no ENEM; também apontam distanciamento entre o espaço-tempo escolar e outras dimensões de suas vidas adolescentes; e ainda demonstram dificuldade em atribuir sentido à educação escolar, especialmente no que se refere às possibilidades de futuro. A partir das experiências vividas desde o espaço-tempo escolar católico, os estudantes problematizam a função social e o lugar das instituições educativas contemporâneas, os processos de ensino e aprendizagem e a contribuição da escola para a formação dos sujeitos jovens.

**Palavras-chave: Escola católica. Ensino Médio. Projeto de vida.**



# GT 9

## **JUVENTUDES DO CAMPO: TERRA, TRABALHO E IDENTIDADES**

---

### **Coordenadores:**

Dr.<sup>a</sup> Sandra Maria de Oliveira



## **1. OS PLANOS PLURIANUAIS E AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE RURAL NO BRASIL**

### **Romário da Silva Santana**

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Campus Unaí  
romario.santana@ufvjm.edu.br

### **Herena Reis Barcelos**

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Campus Diamantina  
herena.barcelos@ufvjm.edu.br

### **Ezequiel Redin**

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Campus Unaí  
ezequiel.redin@ufvjm.edu.br

Os Planos Plurianuais (PPAs) são elaborados para o planejamento de objetivos e metas da administração pública como ações para os quatro anos de mandato. Esses objetivos são articulados entre os eixos do Estatuto da Juventude e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Este trabalho objetiva analisar o documento “Relatório de Evidências sobre as Políticas Federais de Juventude no Brasil - Mapeamentos dos Investimentos de 2012 a 2020”, no que tange às políticas públicas em âmbito federal para a juventude rural. O relatório foi constituído com base em três Planos: PPA 2012-2015, PPA 2016-2019 e PPA 2020-2023. Com base no relatório, os públicos contemplados nas políticas de juventude do PPA 2012-2015 foram: jovens, crianças e/ou adultos (nove objetivos), a juventude ampla (cinco objetivos), juventude negra (dois objetivos), juventude rural (três objetivos). No PPA 2016-2019 foram contemplados com os objetivos: jovens, crianças e/ou adultos (cinco objetivos), juventude ampla (dois objetivos), juventude negra (três objetivos) e a juventude rural (um objetivo). No PPA 2020-2023 contemplou-se apenas os seguintes públicos: jovens, crianças e/ou adultos (um objetivo) e a juventude ampla (um objetivo). Foi possível verificar que a juventude rural foi contemplada com alguns objetivos nos PPAs 2012-2015, o que se reduziu no PPA 2016-2019 para apenas um. No PPA 2020-2023 não constam ações nas políticas públicas di-



reacionadas para o jovem rural. Nota-se que, apesar das desigualdades sociais presentes entre os jovens no meio rural, em âmbito federal, a juventude é contemplada de maneira genérica. Conforme aponta o relatório, ainda há escassez de políticas públicas atentas para as questões dos jovens rurais, o que se agravou com o passar dos anos.

**Palavras-chave: estatuto da juventude, jovem do campo, ODS.**

## **2. ÊXODO RURAL DA JUVENTUDE NA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL: sonhos e estratégias por melhor qualidade de vida**

### **Itamires Amorim dos Santos**

Graduado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica Minas Gerais.

Cursando especialização em Juventude, Religião e Cidadania pela Faculdade Católica de Santa Catarina.

Este artigo discorre sobre a migração rural da juventude nordestina, seus sonhos e suas estratégias por melhor qualidade de vida, através da sequência do texto os leitores terão a oportunidade de conhecer mais sobre a região Nordeste e as formas de invisibilidade em que essa foi submetida ao longo da história do Brasil. Sendo o principal objetivo, compreender os motivos e as estratégias que levam os jovens rurais do Nordeste brasileiro a viverem o processo de migração. Utilizou-se como metodologia a revisão bibliográfica, onde se baseia em materiais já elaborados, em especial, livros, revistas, teses, dissertações e artigos científicos sobre o êxodo rural da juventude nordestina ao longo dos anos. Através da leitura percebe-se que os jovens das zonas rurais nordestinas no decorrer da história, foram expulsos do campo, buscando assim alternância de sobrevivência em outras regiões. Constata-se que as políticas públicas poderão auxiliar na mudança desse contexto.

**Palavras-chave: Juventudes; Migração; Rurais; Nordeste.**

## **3. A BIOCONSTRUÇÃO COMO PRÁTICA EDUCATIVA: A EXPERIÊNCIA FORMATIVA DAS OFICINAS OFERECIDAS PELO**

## **TEIA DOS POVOS E O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA NO ASSENTAMENTO TERRA VISTA, ARATACA-BA.**

**Lindinês Gonçalves dos Santos Machado**

Universidade Federal de Goiás  
lindines.machado@gmail.com

**Orientadora: Mariana do Nascimento Sousa**

Faculdade de Educação / Universidade Federal de Goiás

A preservação ambiental e suas implicações para a manutenção da vida humana, há muito é problematizada por ambientalistas e pessoas interessadas em reverter o desequilíbrio do ecossistema terrestre. Pode se dizer que a recente crise sanitária desencadeada pela circulação do vírus Sars-cov-2 (Covid-19) reinaugurou o debate sobre os impactos ambientais causados pelo modelo de economia capitalista, transformando, no cenário global, a economia, a política e a sociedade. De encontro a isto, a bioconstrução é um recurso alternativo de tradição milenar e de prática coletiva que tem como fim a sustentabilidade. As construções ecológicas, como também são conhecidas, dialogam com a tecnologia e o saber popular sem prejuízos para o meio, o social e todos os componentes envolvidos nesse processo. Este artigo tem por objetivo problematizar o conhecimento teórico desenvolvido na academia e a prática das tradições populares desenvolvidas no assentamento Terra Vista, Arataca – BA e ainda contribuir para pesquisas que tem neste campo, um objeto de estudo. Como metodologia, foi utilizado a pesquisa-ação-participativa, por meio da oficina "Aprender na prática: construção com bambu e terra" oferecida pelo TEIA dos Povos e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra entre os dias 6 e 12 do mês de outubro do ano de 2021. Na ocasião foi executado, de forma coletiva, o projeto intitulado "construção da loja - bioconstrução". Como resultado percebeu-se a importância das oficinas de construção de casas ecológicas, para o fomento à autonomia econômica, territorial, troca de saberes técnicos e populares e para o engajamento social.

**Palavras-chave: Bioconstrução. Autonomia. Construção ecológica. Bem Viver.**



# GT 10

## **JUVENTUDES QUILOMBOLAS E INDÍGENAS: CULTURA, TERRITORIALIDADES E RESISTÊNCIA**

---

### **Coordenadores:**

Ms. Marta Quintiliano

Ms. Júlio Kamêr Ribeiro Apinajé



## **1. LUTAR, RESISTIR E CONSTRUIR: O MOVIMENTO NACIONAL DOS/DAS ESTUDANTES INDÍGENAS E QUILOMBOLAS E OS SEUS DESAFIOS NA DEFESA DA PERMANÊNCIA**

### **Gilvânia Silva do Rosário**

Mulher negra e quilombola, graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal da Bahia, militante do Movimento Nacional dos/as Estudantes Indígenas e Quilombolas.

Universidade Federal da Bahia- UFBA

[gilvaniasr@yahoo.com.br](mailto:gilvaniasr@yahoo.com.br)

Falar das minhas experiências na Universidade Federal da Bahia tem sido uma escrevivênciadefafiadora, árdua e precisa. Árdua porque enquanto estudante quilombola falo de um lugar de exclusão e de invisibilidade, marco de um legado histórico de dominação e exploração do meu povo, e no espaço universitário essa realidade não sofreu mudanças significativas, pelo contrário, prevalecem vivas. No entanto, essa escrita é muito precisa e necessária pois traz na sua essência a urgência em dá visibilidade às lutas travadas pelo Movimento Nacional dos/as Estudantes Indígenas e Quilombolas (MNEIQ) que se afirmou nacionalmente como uma importante ferramenta no enfrentamento da discriminação, invisibilidade, exclusão e na falta de acesso a direitos acometidos a nós estudantes indígenas e quilombolas nas universidades do nosso país, especialmente fundamentados no racismo estrutural. Esse estudo inédito será de suma importância pois possibilitará fomentar o debate acerca das políticas de ações afirmativas, especialmente da permanência estudantil que se afirma como uma das principais políticas de inclusão. Assume também o papel fundamental de refletir acerca dos coletivos que se formam no seio das universidades como forma de denúncia à não democratização dos espaços nas universidades públicas brasileiras. Este trabalho é parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que buscou abordar a permanência dos estudantes indígenas e quilombolas na Universidade Federal da Bahia (UFBA), bem como as suas formas de organização, resistências e lutas diárias que lhes asseguram a permanência universitária. Tem como base de análise e objeto as lutas e os desafios enfrentados na defesa da permanência por meio do Movimento Nacional dos Estudantes Indígenas e Quilombolas (MNEIQ), que

é atravessado por lutas coletivas, pelo racismo e pela invisibilidade que escamoteia as relações étnico-raciais na nossa sociedade. Desse modo, a pergunta disparadora consiste em refletir quais os principais desafios enfrentados pelos/as estudantes indígenas e quilombolas na permanência universitária. Com o intuito de responder a tal inquietação, o objetivo geral deste trabalho buscou analisar as lutas travadas por nós estudantes quilombolas e indígenas por meio do Movimento Nacional dos/as Estudantes Indígenas e Quilombolas (MNEIQ) na defesa da permanência universitária e todo e qualquer tipo de ameaça dos nossos direitos. E os objetivos específicos propõem fomentar as discussões e debates acerca das políticas de ações afirmativas e de inclusão, especialmente a permanência nas universidades; e refletir acerca do Programa Bolsa Permanência- MEC que é tida como a principal bolsa que possibilita a permanência universitária dos/as estudantes indígenas e quilombolas nas universidades brasileiras.

**Palavras-chave: MNEIQ. Permanência estudantil. Estudantes indígenas e quilombolas**

## **2. ESTAMOS NO MESMO MAR, MAS NÃO ESTAMOS NO MESMO BARCO: A VULNERABILIDADE DOS QUILOMBOLAS NA PANDEMIA DA COVID-19**

### **Gildemar da Paixão Trindade**

Universidade Federal da Bahia  
gildemarpaixao8@gmail.com

### **Sara da Nova QuadrosCortes**

Universidade Federal da Bahia  
Orientadora

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise sócio-histórica considerando os efeitos da pandemia causada pelo Covid – 19 nos territórios das comunidades quilombolas. Para isso, utilizou-se o método de investigação crítica por meio de revisões bibliográficas, procedimento da pesquisa docu-

mental, e levantamento de casos de infecção pelo covid-19 nas comunidades. Assim, foi necessário considerar sua formação sócio-histórica, o racismo e sua presença em quase toda a extensão no território brasileiro, de modo, a entender a vulnerabilidade das crianças, jovens, idosos dos quilombolas em geral, além do agravamento de problemas já existentes nas comunidades. Os elementos raciais que corroboram para a configuração das desigualdades no enfrentamento ao coronavírus foram essenciais para analisar as políticas de combate à pandemia considerando os quilombolas como população específica a ser analisada. Os dados obtidos nesta análise possibilitaram o entendimento de que as medidas e políticas de combate ao novo Coronavírus não foram pensadas de forma que abranja e proteja a população quilombola, possibilitando a alusão de que estamos no mesmo mar, mas não estamos no mesmo barco, ou seja, toda a população está sendo atingidas pela Covid-19, porém, nem todos são atingidos da mesma forma. Conclui-se então, haver a necessidade da formulação/mudança de estratégias nas políticas de combates adotadas até o momento.

**Palavras-chaves: Comunidades Quilombolas. Vulnerabilidade. Covid-19.**



# GT 11

## **JUVENTUDES MIGRANTES E ITINERANTE: MOVIMENTOS IDENTITÁRIOS E RELAÇÕES ÉTNICAS**

---

### **Coordenadores:**

Ms. Sérgio Roberto Jorge Alves

Ms. Marcelo Antônio Lemos



## 1. DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA ESCOLA: EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE GOIÂNIA

**Tainara Jovino dos Santos**

PPGIDH-UFG

tainarajovino@hotmail.com

**Rosani Moreira Leitão**

PPGIDH-UFG

rmleitao2@gmail.com

Este resumo faz referência a pesquisa de mestrado intitulada “Educação e relações étnico-raciais: avanços e recuos numa prática pedagógica antirracista no município de Goiânia” (2015). O estudo objetivou investigar como o processo de implementação da Educação das Relações Étnico-Raciais promulgada por meio das leis brasileiras 10.639/03 e 11.645/08 estão acontecendo no contexto da Rede Municipal de Educação de Goiânia. A pesquisa teve como objetivo compreender como a Educação das relações étnico-raciais está sendo desenvolvida no contexto da Rede Municipal de Educação de Goiânia, no que diz respeito as propostas curriculares e as práticas pedagógicas. Foi realizada uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica. Além da pesquisa bibliográfica e documental foi realizada um estudo de caso de caráter etnográfico na Escola Municipal Marcos Antônio Dias Batista. Participaram como interlocutores(as): professoras, diretora e alunos(as). Incluindo técnicas de observação participante do contexto educacional; etnografia de arquivo; entrevistas semiestruturadas com professores e atividade cognitiva direcionada aos alunos(as). Os resultados obtidos durante a pesquisa foram analisados a luz dos referenciais teóricos do pós-colonialismo, da educação libertadora e da antropologia interpretativa. Com esse estudo foi possível perceber que o processo de implementação da Educação para relações étnico-raciais por meio das Leis 10.639/03 e 11.645 no município de Goiânia está permeado por avanços e recuos, caracterizando-se em uma proposta educacional em processo e ainda inicial, tanto do ponto de vista político quanto prático. O reconhecimento das diferenças é sem dúvida importante para a construção da educação antirracis-



ta e que considere a diversidade étnico-racial, uma educação transformadora, que venha a proteger os direitos de todos os indivíduos independentemente do seu pertencimento étnico-racial e promover justiça social. Apesar de atualmente a escola estar aberta às discussões sobre as diferenças étnico-raciais, sobre o racismo e discriminação ainda não se chegou efetivamente a um projeto de educação antirracista.

**Palavras-chaves: Educação. Antirracismo. Diversidade.**

## **2. MIGRAÇÕES E DEMANDAS POR EDUCAÇÃO INTERCULTURAL EM RORAIMA**

**Alessandra Lima Medeiros**

Esta pesquisa realizada no PIBIC/UFRR, sob a orientação da professor doutora Márcia Maria de Oliveira, é parte do projeto Migração, Violência e Direitos Humanos em Roraima, financiado pelo Edital MCTI/CNPq Universal 2018 e Edital PróPesquisa 2020/PRPPG/UFRR. Objetivou realizar um levantamento de demandas por educação intercultural no estado de Roraima, assim como, demonstrar como a ausência dessa abordagem intercultural, como parte das políticas públicas do Estado, implica nos direitos humanos dos imigrantes e se revela como um desafio estratégico para a sociedade na construção de novas relações identitárias. Inscrita no Artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a educação é uma ferramenta fundamental para proteger a dignidade humana. A metodologia qualitativa permitiu entrevistar pais migrantes que revelaram o desejo de uma educação intercultural como um direito para seus filhos. As entrevistas contribuíram para que os pais refletissem sobre a educação dos filhos e se reconhecessem como sujeitos de direitos e confirmaram a grande demanda por educação diferenciada que respeite a cultura e a língua das crianças. A maioria dos migrantes entrevistados não sabia que a educação intercultural é um direito dos migrantes e que pode ser debatida nos processos de acolhimento e integração. O debate em torno do direito à educação intercultural tem gerado resistências nos processos de acolhimento aos migrantes principalmente porque existe um processo de criminalização das

migrações que ocorre principalmente como fruto de um sistema econômico fundamentado no rechaço ao desconhecido. Estes mecanismos provocam xenofobia e todo tipo de violência contra os migrantes. No contexto migratório, a escola desempenha um papel importante no acolhimento aos migrantes e tem a função imprescindível na sociedade de socializar e democratizar o acesso ao conhecimento e promover a construção moral e ética nos estudantes oferecendo uma formação de pessoas conscientes, críticas, engajadas e com potencial de transformação de si mesmas e da sociedade. Os números atestam o crescimento quantitativo de matrículas de crianças e jovens migrantes venezuelanos nas escolas municipais e estaduais. Entretanto, o Censo Escolar não aponta se houve investimentos na formação docente nem na infraestrutura das escolas para acolher os alunos migrantes. Uma questão central neste debate é a questão do ensino da língua espanhola para os docentes.

**Palavras-chave: Direitos Humanos. Educação Intercultural. Escola. Migrações.**



# GT 12

## **CULTURAS JUVENIS E ESPAÇOS SOCIAIS: LUTAS POR RECONHECIMENTO E COLETIVOS DA PERIFERIA**

---

### **Coordenadores:**

Ms. Thaisa da Silva Ferreira

Dr. Mauro Costa Rodrigues



## **1. NINGUÉM TIRA O TRONO DO ESTUDAR – O direito à educação na perspectiva de um projeto de educação popular pós médio.**

### **Rita de Cássia Silva**

Centro CAJUEIRO

silva.ritacassia@gmail.com

### **Romenia de Sousa**

Centro CAJUEIRO

romenia.a.s@gmail.com

O presente trabalho pretende apresentar a trajetória de um projeto de educação pós médio da cidade de Goiânia - Goiás, construído com base na perspectiva da educação popular freiriana. Nele buscamos expor como se criou e desenvolveu o projeto TrilhaUni - Na Trilha da Universidade, que é um cursinho popular do Centro de juventude CAJUEIRO - Centro de Formação, Assessoria e Pesquisa em Juventude. O processo de construção desse projeto de educação popular se inicia a partir de vivências dentro e fora de movimentos sociais e da constatação de alguns membros do grupo Cajueiro de que o ensino público brasileiro, oferecido à camada significativa da população, em especial às pessoas de baixa renda e socialmente marginalizadas, não vinha cumprindo bem seu papel de difusor de conhecimentos. Menos ainda de preparação para uma atuação social libertadora e engajada. Assim, embasados por leituras de Paulo Freire e outros autores que propõem formas de educação diferentes da que é oferecida pelos órgãos oficiais, reforçou-se um sonho e mostrou que era hora de partir para a ação, alavancando então a criação do Curso TrilhaUni. Nesse intuito, o Curso TrilhaUni se propôs a oferecer, além das aulas de disciplinas da matriz curricular do ensino formal, também encontros com profissionais diversos, para falar sobre mercado de trabalho, escolha da profissão, projeto de vida, busca de equilíbrio emocional e de auto estima e auto imagem positivas, dentre outros temas considerados valiosos para a formação de sujeitos mais equilibrados e felizes. O TrilhaUni tem acontecido desde 2013, no contexto urbano em que se situa. Conta com ações voluntárias e ainda, a cada etapa de sua realização, com a colaboração financeira de grupos e instituições nacionais e internacionais. A partir da análise de dados e

relatórios que contam desde a criação do projeto, sua organização, execução e resultados ano a ano, foi possível perceber a relevância desse trabalho. De lá para cá já foram atendidos/as aproximadamente seiscentos jovens, com índice de aprovação de cerca de trinta por cento em cursos diversos em universidades públicas e privadas. Resultados como esses demonstram a importância de projetos dessa natureza para as juventudes empobrecidas, principalmente se levarmos em conta o baixo custo de aplicação e a amplitude de vivências das partes envolvidas.

**Palavras chaves: Educação popular. Juventudes. Universidade.**

## **2. UM OLHAR PARA ALÉM DA SUPERFÍCIE: REPRESENTAÇÕES DA JUVENTUDE EM CENÁRIOS DE VIOLÊNCIA URBANA**

### **Aurisberg Leite Matutino**

Universidade Federal de Goiás - UFG

bergmatutino@gmail.com

Esta proposta debatedora faz parte da minha pesquisa de doutorado em Arte e Cultura Visual, em desenvolvimento na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG). Aqui em especial, procuro refletir sobre a relação entre violência e juventude em espaços de fronteira e, para tanto, utilizo a abordagem da Cultura Visual. O objetivo principal é problematizar o fato de jovens pobres e negros serem estatisticamente apontados, ano após ano, como protagonistas – seja na condição de agressores ou na de vítimas – nos Atlas da Violência no Brasil, elaborados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Procuro, assim, problematizar os discursos que concebem os jovens da “periferia” como “bandidos” e/ou promotores da violência, demonstrando, afinal, como a arte-cultura-educação pode contribuir como formas de superação, por meio da produção de visualidades. Para ir além das análises meramente quantitativas acerca desses dados, proponho evidenciar a importância das visualidades como (des)construtoras de paradigmas sobre a juventude e como alavanca para o protagonismo juvenil. As discussões da Cultura Visual são utilizadas para problematizar as estatísticas de

violência aqui referenciadas, apontando para a pluralidade (de experiências e trânsitos) das juventudes periféricas. Os estereótipos criados em torno dessas juventudes são questionados por meio das experiências, práticas culturais e visualidades produzidas pelos próprios jovens. Os vieses propostos pela Cultura Visual – que nos convida a *redirecionar o olhar* para além do “Atlas da Violência” – nos permitem, dessa forma, deslocar nossa perspectiva analítica para o cotidiano, para o conjunto de artefatos sociais presentes nas vidas destes jovens, com os quais, afinal, eles interagem no seu dia a dia. Trazer à cena a perspectiva de uma participação emancipadora, que se interesse em propor diálogos, inclusão e mudanças, é um caminho necessário para quem pesquisa as juventudes no Brasil. É possível, sob tal perspectiva, compreender melhor como as juventudes que aqui compreendo como *jovens em condição de fronteira* (ou seja, socialmente desvalorizados e em trânsito pelos cantos invisíveis da cidade) ressurgem com as encenações e ações em grupo, munidos da chance de viverem uma outra experiência urbana, tanto como artistas e/ou produtores de cultura quanto como espectadores-participantes, criando suas próprias formas de resistência por meio da arte.

**Palavras-chave: Juventude. Violência. Visualidades.**

### **3. O USO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS PELA JUVENTUDE FUNKEIRA NA REGIÃO DO BAIXO CENTRO DE BELO HORIZONTE**

#### **Crislaine Custódia Rosa**

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Clarice Cassab

Universidade Federal de Juiz de Fora

custodiacrislaine@gmail.com

O presente trabalho visa discutir pontos observados pela autora durante seu processo de observação para escrita do Projeto de Pesquisa para dissertação de mestrado. Atentando às culturas juvenis contemporâneas, abordaremos manifestações no baixo Centro na cidade de Belo Horizonte, mais especificamente, a juventude funkeira que tem como principal expressão o passinho “malado” de BH. O baixo centro, após sua revitalização, passa a ser

caracterizado por manifestações culturais, dos mais diversos gêneros e expressões, obtendo destaque as culturas juvenis, em especial as que ocorrem no Viaduto Santa Tereza. Para a construção desta pesquisa, acompanhamos um grupo de funkeiros e funkeiras, ao qual chamamos de tropa, estes se deslocam por várias partes da cidade e criam sua identificação através do passinho malado de BH, entre outros tipos de passinho *funk*, como o “mandrake” e o “rabiscado”. Neste sentido, trazemos como objetivo geral observar como se dá apropriação dos espaços públicos centrais de Belo Horizonte pelos jovens funkeiros e como objetivos específicos busca-se destacar nossas percepções acerca de suas sociabilidades. Entendemos aqui, o *funk* enquanto uma vertente da *black-music*, e enquanto expressão identitária que transcende o abstrato e se materializa em elementos como vestuário, cabelos, danças e comunicação e que desta forma, constrói as formas de socialização e identificação da juventude, moldando possíveis territorialidades, não deixando de ignorar as músicas para pensar as “respostas negras à modernidade” (GILROY, 2001, p. 158). Deste modo, trazemos este debate para a Geografia, pois a presença da juventude, sobretudo da juventude periférica e suas expressões, compõem o espaço, dialogam entre si e estabelecem redes de sociabilidades.

**Palavras-chave: Culturas Juvenis - Funk - Espaço Público - Belo Horizonte**

#### **4. RODAS DE CONVERSAS: UMA INVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA QUE AS APRENDIZAGENS SE DÊM PELA TROCA DE SABERES**

**Carmem Lúcia Teixeira**

Observatório de Juventude na Contemporaneidade e CAJUEIRO  
c.lucia2012@gmail.com

**Miriam Fábria Alves**

Observatório de Juventude na Contemporaneidade, CAJUEIRO e UFG  
miriamfabia@gmail.com

Este trabalho objetiva problematizar as rodas de conversa como momento de aprendizagem com os jovens e sua utilização em diferentes espaços

não formais de educação. Parte-se do pressuposto de que as rodas nos acompanham em nossa cultura, estando mais presentes em uns lugares mais do que em outros. Das experiências nos ciclos familiares, nas aldeias ou nos quilombos, as rodas de conversa se constituem como momento de aprender e ensinar a viver em grupos, compartilhando histórias. Na década de 1960, Paulo Freire desenvolveu uma fundamentação epistemológica às rodas de conversa, considerando a cultura popular, seu modo de aprender, de se organizar e indicou as rodas como caminho de aprendizagem na Pedagogia do Oprimido. Nos anos 2000, os jovens organizados em conselhos, em especial o Conselho Nacional da Juventude, e as conferências de juventude, indicaram que as Rodas de Conversas eram um caminho de escuta das juventudes. A Casa da Juventude Pe.Burnier, de Goiânia, inspirada no método Paulo Freire, também realizou inúmeras experiências com rodas de conversa, especialmente, a partir da Campanha “A Juventude quer viver”. Essa experiência ensejou a publicação de um material didático que buscasse promover a escuta das juventudes, com o primeiro caderno contendo três roteiros: Como é ser jovem? Como é ser jovem na comunidade? e como é ser jovem na sociedade? Essas rodas foram vivenciadas com vários grupos pelo Estado de Goiás, gerando uma sistematização e a publicação de um livro sobre esta a escuta feita em vários lugares onde os índices de violência apresentavam níveis mais altos. As rodas também foram adaptadas como estratégia para coleta de dados de pesquisa em Goiás e em Santa Catarina. Nessa última experiência, com a assessoria da Casa da Juventude/Cajueiro a equipe fez a pesquisa em todo o estado, para realizar a escuta das juventudes e publicou os resultados desta escuta e uma roda sobre Políticas Públicas de Juventudes. No ano de 2020, diante das situações de violência contra as mulheres, o Centro de Juventude Cajueiro se junta à Campanha de enfrentamento aos Ciclos de Violência contra mulheres para produzir o caderno de Rodas de Conversas com o título “Pela vida das Companheiras”. O ano de 2021 marcou a publicação, com o apoio de uma Rede de Educadores de vários lugares do Brasil, dos cadernos Projeto de Vida e Juventude e Comunicação. Também ofertamos o curso sobre a Metodologia de Rodas de Conversas (modalidade de educação a distância) que foi finalizado com a aplicação das rodas pelas pessoas participantes. Essas experiências nos indicam a importância de formação das lideranças e das juventudes para a escuta sensível das dores e sofrimentos que estão atreladas às desigualdades



sociais, ao racismo estrutural, à cultura patriarcal, às hierarquias que mantêm os privilégios ou meritocracias, por todas as exclusões marcadas pelas orientações sexuais não normativas, classes sociais, local de moradia ou ainda, culturas que são marginalizadas

## **5. JOVENS ENTREGUES A PRECARIZAÇÃO, INFORMALIDADE E PERIGOSA ATRATIVIDADE DO TRABALHO SOB-DEMANDA**

### **Dr.<sup>a</sup> Flávia Valéria Cassimiro Braga Melo**

Orientadora e Co-autora, Professora – UEG

flavia\_valeria@yahoo.com.br

### **Amanda Mendes de Freitas**

Autora, Graduanda em Direito – UEG

mendesamanda0193@gmail.com

Na Uberização, o trabalhador sob-demanda passa a ser responsável pelos próprios meios de produção, isso reflete em um gerenciamento de tempo, entretanto os custos e manutenção das ferramentas ficam somente por parte do trabalhador. A ilusão, mostra uma imagem empreendedora de total autonomia, porém não é exatamente isso que os trabalhadores por aplicativos vivenciam, já que acabam por ter um certo grau de subordinação para com as empresas as quais fazem o controle e intermédio entre trabalhador e cliente. As empresas por trás dos aplicativos não prestam apoio ou estabilidade do trabalhador, acabando por indicar mais uma forma de trabalho informal, onde se predomina o desamparo em situações precárias. Essa comunicação propõe falar sobre essas modalidades de trabalho, onde não há necessidade de experiência e maleabilidade de tempo, sendo bastante atraente para os novos jovens que acabaram de entrar no mercado laboral. Viram principalmente em um intervalo pandêmico, a oportunidade de produzir renda de forma rápida, onde você escolhe os horários que começa e termina, quando mais se trabalha, mais se ganha. Ao olhar juvenil torna-se a melhor oportunidade, quando comparado aos longos processos e escassos no emprego formal. Então os jovens entram na luta do empenho, para trabalhar durante o maior tempo possível, aqueles

que não possuem carros, para o transporte de pessoas, optam pelas entregas, que também se encaixa no quesito da uberização, e que também tem ampliado as possibilidades para motos ou bicicletas, sendo a opção mais “acessível” para jovem recém chegado, refletindo com certeza o ápice do esforço físico dentro desse ambiente laboral. Durante bastante tempo, esse sistema tem se sustentado graças à dedicação e esforço dos próprios trabalhadores, que precisam de atenção redobrada, pois como citamos anteriormente, não há regulamentações e normativas que o resguardem nesse quesito. O período pandêmico apresentou-se como um agravante na precarização, com a falta de disponibilização e acesso de equipamentos de proteção individual, acabou por gerar uma exposição dos indivíduos e suas famílias, a um perigo que ainda se encontra presente até o momento atual, a juventude é um dos grupos mais afetados por todas essas mudanças e suas resultantes negativas. A ideia é iniciar um diálogo, pensando e projetando estudos de revisão de literatura ou pesquisas feitas sobre a interpretação da juventude, baseada no fenômeno da uberização nos jovens trabalhadores brasileiros, recém chegados dos últimos dois anos, abordando-os sob contexto da época pandêmica e suas adversidades que assolaram diversos brasileiros. Assim permitindo a comunidade acadêmica e sociedade em geral, um melhor entendimento sobre os impactos causados. Deixar claro nas nossas discussões, que trabalhar nesse formato não é exatamente uma escolha, mas sim uma forma de resistir ao momento e ser capaz de levar renda para casa e família. Muitas das vagas formais desapareceram e aqueles que a possuíam, perderam durante as restrições do isolamento social. O nosso objetivo é analisar a relação entre jovens e sua inserção precária no mercado de trabalho atual, buscando dados e informações para compreendermos os meios pelo qual ela vem ocorrendo.

**Palavras-chave: Uberização; Precarização do trabalho; Jovens.**

## **6. “RETOMAR O QUE É NOSSO POR DIREITO”<sup>3</sup> : JOVENS POETAS E A OCUPAÇÃO DA CIDADE A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DO POETRY SLAM**

### **Lilian Aparecida de Souza**

Doutoranda em Geografia – Universidade Federal Fluminense

liliansouzageo@gmail.com

Em seu viver os jovens trilham caminhos que os proporcionam experiências distintas na cidade, e nesse percurso criam iniciativas para fruir, aparecer, falar de si, confrontar a ordem estabelecida e o lugar que os é reservado. Entretanto, no caso dos jovens das periferias – que são plurais - esse processo torna-se arduo diante da gama de restrições materiais e simbólicas a eles impostas. Na cidade desigual marcada pelo racismo seus corpos e passos são restritos, normatizados ou vigiados, dando a esses sujeitos, que em sua maioria são negros e negras, possibilidades diminutas de se apropriarem econômica, social e culturalmente da cidade, empobrecendo sua experiência urbana. Esses jovens, mesmo diante de uma política de morte, insistem em viver e inventar possibilidades outras de ser, vir-a-ser e tensionar a cidade como lugar da multiplicidade e da política. Fazem isso através de ações diversas, dentre elas, suas produções artístico-culturais, que apontam para outro imaginário simbólico das periferias. Identifica-se o poetry slam como parte desse movimento. A competição, na qual poetas declamam poemas autorais e são avaliados pelo público surgiu em Chicago (EUA), nos anos 1980, reverberando socioespacialmente. No Brasil chegou em 2008, em São Paulo, e em 2013 tomou o ambiente virtual. Na cidade de Juiz de Fora - MG o primeiro slam ocorreu em 2017, por iniciativa de jovens do bairro periférico Santa Cândida que assistiam as performances poéticas nas redes sociais, e até o início de 2020 três comunidades organizavam 4 competições, totalizando dezenas de edições. “Nóis explodiu”, disse sorrindo um dos jovens poetas do bairro periférico em um debate na UFJF. Essa expressão representa bem o processo de ocupação da cidade pelos jovens poetas, visto que o slam rapidamente tomou de assalto a cena cultural juiz-forana. Acompanhando esta movimentação, pois desde

---

<sup>3</sup>Fragmento de “Deslocamento - poema manifesto” de Mel Duarte, escritora, poeta, slammer e produtora cultural de São Paulo. Foi a primeira mulher a vencer o Rio Poetry Slam (campeonato internacional de poesia falada).

a primeira edição do slam em Juiz de Fora a autora é público fiel, foi que surgiu a proposta da pesquisa de doutoramento e deste trabalho, que apresenta resultados preliminares de inventários que buscam mostrar como o poetry slam se espacializa na cidade de Juiz de Fora a partir da ação de jovens poetas. Para tanto, dois caminhos foram trilhados: construção de base teórico conceitual e pesquisa documental e etnografia virtual como métodos inventariantes. A pesquisa mostra que no Brasil o slam foi ressignificado a partir de sua apropriação pelos jovens dos territórios populares, que o tiraram dos teatros e o transformaram em ágoras poéticas nas ruas, praças e escolas do centro e das periferias. Essa apropriação mudou a forma como o slam se configura, rompendo com sua concepção como simples competição e se transformando num movimento de existência e resistência de jovens periféricos. Mudou também a história e a condição juvenil desses homens e mulheres, que através das experiências vivenciadas no slam passaram a ocupar o espaço público e as mídias virtuais se afirmando como sujeitos políticos, questionando a invisibilidade do seu e dos demais corpos periféricos e os lugares a eles preestabelecidos, e nesse processo, conformam o seu modo de ser jovem e de viver a juventude.

**Palavras-chave: Jovem. Cidade. Poetry Slam**

